

Instituto Profissional dos Pupilos
DO

Exército

Querer é poder — Preparemo-nos para a vida — Querer é poder

O PROFISSIONAL



SUMARIO

No Instituto	Antonio B. da Costa
A Mocidade	Jaime Gil Mascarenhas
Amargurado Viver	Nascimento Cabrita
Belezas da Estremadura ..	Carlos L. Antunes
Triste Confissão	Renato Brito
Passado e presente	Nascimento Cabrita
Em ferias (versos)	Adelino Pandalo
A Antiguidade do Homem.	Jaime Gil Mascarenhas
Soneto	Mário Indcio Vieira
Impressões duma viagem..	Raul Monteiro
Importancia das plantas ..	José C. da Fonseca
Necrologia	Redacção
Ecos	"

Preço 5 centavos



1920

Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exérc.

Estrada de Benfica, 374

LISBOA

O PROFISSIONAL

Mensário dos Pupilos do Exército

Tesoureiro

Alfredo Tomé Serra

CONSELHO DE REDACÇÃO

Mário Inácio Vieira, Jaime Gil Mascarenhas
e Nascimento Cabrita

Secr. da redacção: J. D. Perry de Almeida e Brito

Director

Adelino Pandaio

N.º 26 — 5.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Janeiro de 1920

NO INSTITUTO

É noite. Por toda a parte reina o máximo silêncio. Nós, estamos descansando essas horas de repouso, tão necessárias, depois dum dia de trabalho. Às vezes, sonhamos em mil quimeras que mergulham o nosso espirito em completa abstracção. Outras vezes, dormitando, pensamos em futuros planos e sua realização. Já amanhece: os sons fortes da corneta acordando-nos e distraíndo-nos, interrompem impiedosamente as mais das vezes, nossos juvenis sonhos desses momentos deliciosos cujo tempo nos parece infimo. Afigura-se-nos então, atormentadora essa irrupção dos nossos devaneios, que parece tornar mais breves os momentos deliciosos da manhã.

Contudo levantamo-nos porque o dever e a disciplina o exigem. Começam já os nossos primeiros trabalhos. O céu apresenta-se ainda brilhante. Se o esplendor é grande, o silêncio é muito maior. Agora é interrompido pelas inúmeras conversas, trocando assim nós as mútuas impressões. Porém vamo-nos aproximando da casa de banho e tudo a água leva!...

Passado este, vimos com mais força, com mais energia e imediatamente nos vestimos, preparâmos, etc.

Em seguida, temos a primeira refeição, que a dizer a verdade é o que melhor apetece, pois que o apetite é grande. Terminada esta ligeira refeição, visto que em regra dura pouco mais de 20 minutos, temos um exercício de ginástica ou tática militar cuja duração é 50 minutos. Seguidamente a este exercício que em certos dias francamente não é muito apetecível, temos uma série de aulas ou oficinas conforme os cursos aqui professados e cuja duração é também de 50 minutos, cada aula. Terminadas estas, há então o almoço que já nesta ocasião se torna necessário. Da mesma forma há um pequeno intervalo que terminado, dá início aos diferentes trabalhos materiais, como: escrituração comer-

cial, caligrafia, dactilografia e stenografia para os alunos do curso comercial. Oficinas, condução de máquinas para os do curso industrial e oficial, e às terças e sábados esgrima para o 6.º e 7.º anos. Havendo também às quintas feiras tuna; e curso de sargentos para os alunos do 5.º, 6.º e 7.º anos.

Às 5 horas vamos jantar.

Seguidamente há um recreio de uma hora pouco mais ou menos findo o qual iniciámos o estudo, de duração de uma hora e meia.

Este, constitui já a preparação para as aulas do dia imediato. Acabado este, chega enfim a hora do nosso desejado repouso. Toca o silêncio e daí a pouco estamos novamente mergulhados num sono e descanso profundo. É aqui têm caros leitores uma descrição rápida do que consiste a vida dos «PUPILOS».

António B. da Costa
5.º ano comercial

A Mocidade

Já tivestes a ocasião de observar nessas manhãs claras deste risonho Portugal, os lindos ranchos de crianças, que alegres com pueris sorrisos nos seus rosados lábios, se dirigem à escola?

Sabeis decerto que é nesses ranchos infantis, que as nações, fundam a sua existência!...

Mas, assim como essas crianças, não pensam, na utilidade que irão prestar à sua pátria, ou vão com raras excepções, inconscientemente para os bancos escolares; também uma grande parte dos indivíduos, passam descuidosa e despercebidamente, por esses jovens, ignorando o proveito que a Pátria prevê na instrução que lhes ministra.

Vêdes que as nações, onde a instrução, tem tomado grande incremento, lá encontram-se indivíduos prestimosos, que fazem a honra e o deslumbre das suas pátrias.

As nações mais prósperas e ricas, dedicam à instrução o máximo carinho, pois vêem nela o seu futuro aureolado.

Olhai a Suécia, Noruega, Alemanha, Inglaterra etc, em que a percentagem dos indivíduos analfabetos é infima, não chegando nas duas primeiras nações, salvo o êrro, a percentagem da massa ignorante a 1%! Agora, voltamos, chorosamente os olhos ao nosso país!

Façamo-lhe um exame bem reflectido... e eis que se ergue, manifestando-se a todo o transe, a multidão, ignara, de sómente 79 indivíduos inaptos em 100 habitantes! É fabuloso, é ameaçador! Entre 100 indivíduos 79, olham para um livro, para uma imorredoura obra como os «Lusiadas», com uma singular indiferença, como nós olhâmos, para um pedregulho que encontrâmos no caminho.

Qual é o proveito, que a pátria usufrue, nesses cérebros incultos? Sem dúvida o mesmo que o agricultor avaro ou descuidoso, encontra na sua terra que nunca lavrou ou cuidou!

Dentre tantos indivíduos incultos, quantos não poderiam aureolar a nossa história? Pois se Portugal, sempre precisou de indivíduos hábeis, hoje mais que nunca a eles precisa; carece-os para a sua existência, neste momento agonizante em que se estremece.

Pois, sujeitos, que olham para êsses ranchos escolares, e não só para as crianças, mas também, para qualquer estudante duma escola superior, sem ligar a mínima importância, sem um sorriso de orgulho lhe assomar aos lábios, são certamente os ineptos; os analfabetos!...

Mas decerto, não são êstes os únicos culpados de não conhecer a língua mãe; creio que de tal, muito devemos culpar o seus pais; os seus avós!...

É bem sabido, que no campo, os trabalhadores são geralmente ignorantes, criam os seus filhos que juntamente consigo trabalham. Os pais na sua quasi totalidade não reconhecem o benefício, que resultaria em mandar os seus filhos para a escola.

Muitas vezes (no tempo da monarquia) alegavam que perto daqueles lugares, não existia escola alguma, e isto levava os a não instruírem seus filhos.

Veiu a República e várias Escolas Móveis foram instituídas nesses lugares; e agora uma diminuta frequência, se encontra nessas escolas, porque alguns campônios avaros e interesseiros, acham que lucram mais, prendendo continuamente seus filhos na faina do campo; porque se orgulham falsamente de dizer: «meu pai não me mandou para a escola, também não sei ler, contudo, eu ganho a minha vida». Estes seres, não pensam no bem patriótico, e ignorando as mais das vezes, que seja, e signifique, «Pátria», eles sómente procuram o interesse pessoal!

Eis porque aquela terrível percentagem insensivelmente diminue.

Logo, se é na mocidade de hoje, que está o salvamento da nossa querida pátria, tratemo-la com todo o carinho; não a façais sofrer privações, para não a tornar doentia e depravada. Abram-se escolas confortáveis, segundo os preceitos pedagógicos, e dissimine-se a instrução e educação, francas e leais. Olvide-se o regimen da opressão, e então ressuscitará uma mocidade nobre e ativa, que continuará futuramente a bordar a ouro, os momentos heróicos dêste florido Portugal.

A instrução eleva o homem, e só ela lhe confere um lugar de destaque na sociedade; o homem não se deve considerar, pelos seus bens pessoais, como há quem o faça.

A instrução é a semente, que torna-risonho e fecundo um país: por outro lado as riquezas dão ocasião à ociosidade, provocando as invejas ódios e desgraças!

Consideremos duas pereiras; uma bem tratadinha, que constitue a mimosidade do nosso pomar, outra brava que nasceu espontaneamente no mato. Comparemos os seus frutos; os primeiros, doces, apetecíveis, atraentes; os segundos indigestos e perigosos. Tais são as pereiras comparadas, as vantagens sociais do homem instruído e do ignorante.

Dois fins, para conclusão, eu proclamo de todo vantajoso. Em primeiro lugar que a multidão, a que me referi, descuidada e analfabeta não passe junto dêsses juvenis grupos, sem lhes dar o apreciado valor; isto creio, obter-se-há, quando as nossas futuras gerações se instruírem, pois só assim poderão apreciar o valor da instrução, e tratar com carinho os escolares; as bases fecundantes do rejuvenescimento do nosso torrão natal. Em segundo lugar seria de máximo proveito que se conseguisse incutir no espirito infantil, a utilidade que em breve desempenharão na sociedade portuguesa, afim de poderem erguer o nome de Portugal de amanhã, tão alto, quanto os nossos antepassados o ergueram; para que não vivamos de recordações doutro, ou do simples orgulho de soletrar a história pátria.

Relembrai pois, leitores, as estimulantes palavras do eminente poeta Sr. Guerra Junqueiro que numa das quintilhas das suas composições dedicada à mocidade das escolas, nos diz:

« Já desfalce, já descora
Já balbucia... é morta já...
Não! mocidade, sem demora!
Dá-lhe o teu sangue êbrio d'aurora
— Não morrerá! »

Jaime Gil Mascarenhas

AMARGURADO VIVER

Pobre infeliz! . . . Nascestes no meio de alegrias e contentamentos, auxiliado por todos e agora quâsi desprezado lutas com inúmeras dificuldades, para te sustentares e poderes viver.

Amigos, tens tão poucos que se podem contar e reter fácilmente na memória.

Um, dois três e . . . talvez mais nenhum.

Que trabalho insano não é preciso para te poderem ainda apresentar mais um ano, pois a cada passo topas com contrariedades, mostrando muitos, mas mesmo muitos, por ti, um indiferentismo tal, que por isso julgo impossível a continuação da tua vida!

Tens como acontece sempre aos infelizes e desprotegidos, ir parar ao tûmulo do esquecimento, porque cada vez te encontras mais desamparado.

E se tens ainda êsses defensores, que te vão livrando do abismo a que chegaste, para o porvir já naturalmente os não encontrarás e então a queda é inevitável.

Cada vez que te vejo de novo aparecer, eu admiro bem quanto esforço não foi preciso para isso conseguirem.

Há já bastante tempo que te não via, mas já appareceste agora em Janeiro, para vires alegrar êsse teu pequeno número de admiradores que te dedicam um carinho e amizade sem limites!

Mas, quando apparecerás outra vez?

Brevemente?... Oxalá que sim, mas, que não venhas simplesmente para abarrotar mais os teus humildes aposentos, pois dentro em pouco devido a tamanha aglomeração adquires mais um novo obstáculo, que bem sei não és culpado, mas sim êsses que te deviam auxiliar, e que são os primeiros a repudiarem-te por completo.

Assim pobre creatura, se o mal se for propagando cada vez mais, não duras muitos anos, e o interêsse todo devia ser em conservar-te, porque és tu que vais inocentemente elevar lá fora o nosso nome, que muitos ignoram, ou que vão amesquinhando galhofeiramente.

Já vês portanto que a tua vida depende de todos, por isso é preciso que te ajudem, para assim te livrarem do perigo eminente a que estás exposto.

Dar-se-há o caso que todos agora se compenetrem?...

Francamente te digo:

Duvido muito!...

Nascimento Cabrita

5.º ano comercial

Belezas da Extremadura

Agosto de 1919 -- Rompera o dia e já o sol espargia alegremente seus vivificantes raios. A atmosfera era bela e limpada; e o infinito dum azul carregado mostrava-nos um aspecto soberbo!.. Inúmeros bandos de aves voavam no azul celeste chilreando alegremente, e o rouxinol não tardaria a entoar uma canção deliciosa ao desafio, com outros seus companheiros, querendo impôr-se pela harmonia da melodia suave e melancólica que entoavam... Às horas matutinas a temperatura tornava-se fresca e deliciosa; mas passado algum tempo um calor de grande intensidade tornou-se numa perdacenta atmosfera abafada e pesada.

O dia não era de calor excessivo como se previa, e por esta mudança que se observava repentinamente, sentia-se o prazer de passear; então protegido contra os raios solares, abrigados por uma sombra contínua com que as arvores me mimoseavam; sentia um prazer deliciável!..

Entrei na Alameda de D. Sebastião ladeada por dois passeios, entre os quais está uma bela estrada, e havia o trânsito de veículos, circundada por choupos e cedros.

Abrigado debaixo duma bela sombra, caminhava incessantemente pela alva frescura; enquanto ao meu lado o rio corria silencioso e melancólico embevecido pelo calor abrasador as suas prateadas aguas espreguiçavam-se lentamente nas duas margens banhando as plantações ali ostentadas. E espaiando mais a vista destacava-se uma paisagem tão inebriante que bem merecia ser consagrada num quadro pelo hábil pincel do artista.

E a massa trabalhadora do povo, ocupava-se num constante labutar nas herdades recolhendo os produtos que a providência de bom grado lhe os concedia. Dum lado, moçoilas belas, de faces rosadas, semblante risonho, ocupadas nas ceifas sob um calor intenso, trabalhavam afanosamente; tudo era soberbo e admirável! Plantações variegadas em grande extensão, de côres garridas reunidas com as árvores apresentavam um aspecto empolgante!?

E fiquei extasiado, pelo deslumbre de tantas belezas e atrativos, que a Natureza oferece aos olhos do viandante!...

Carlos Lopes Antunes

4.º ano comercial

Espera-se sempre em vão gosar a vida, e por fim, tudo quanto se faz é suporá-la.

TRISTE CONFISSÃO

Resplandecia a aurora!

Os tímidos raios da lua iam desaparecendo juntamente com as trevas que eram dissipadas pela luz pálida projectada pelo sol, que por sua vez se ia transformando pouco a pouco pelos raios dum sol claro, que banhava uma extensa planície coberta por uma linda e alegre vegetação.

O dia despontava alegre!

O céu sem nuvens e os encantadores raios do sol incidindo sobre a linda vegetação verde escura, davam-lhe um aspecto verdadeiramente encantador.

Pela branca estrada que atravessava essa planície, passava um viandante, que descuidado, gosava a paisagem do lindo parque natural, que o rodeava.

De súbito deparou com um espectáculo emocionante.

Uma criança que aparentava uns 9 anos de idade, chorava com um pranto que compadecia os mais duros corações, soltando profundos lamentos.

O passeante abeirou-se dessa triste criança, e com uma carícia de pai, perguntou-lhe: porque choras meu rapaz?

Que estás aqui fazendo?

Ai senhor... se soubesse a minha vida!...

O rapaz lançou-se num choro de amargura acompanhada de soluços, dos quais qualquer selvagem se compadecia.

Dize-me: qual é a tua vida rapaz?

Socega...

A criança interrompeu o seu convulsivo choro, e começou: meu pai e minha mãe eram pobres, de forma que, meu pai tinha de trabalhar para ganhar o suficiente com que devia sustentar a família.

Quando alcancei a idade de 7 anos, meu pai continuou trabalhando; nas épocas das colheitas, minha mãe ia também, e eu com duas ovelhas que meu pai possuía, ia para o campo levá-las a pastar.

Um dia infeliz, acordei descuidado, minha mãe deu-me o almoço e fui para o campo.

A manhã estava fria.

Quási todos os animais em virtude do frio iam para as suas tocas.

Os lobos não tendo com que se alimentar, encaminharam-se para a minha aldeia.

Então começou chorando e soluçando de novo. Passado tempo recomeçou: No caminho encontrei-os.

Nesse mesmo instante reconheci o perigo

que me ameaçava, e fugi deixando as ovelhas de meu querido pai, que foram a minha salvação!

Enquanto eles se entretinham a comer as minhas ovelhas, eu fugindo consegui pôr-me a salvo.

Chegada à minha alegre aldeia, comuniquei a minha mãe o acontecido. Imediatamente todo o povo estava inteirado do facto, apressando-se de quási todos um grande pavor.

A noite começava a declinar; os claros raios do sol eram substituídos por uma luz vermelha, que pouco depois desapareceu por entre as trevas.

Agora a terra era iluminada pelos pálidos raios da lua cheia.

Os lobos aproveitaram o silêncio da noite, aproximaram-se da aldeia, angariando para comer aquilo de que se podiam apoderar.

Entretanto chegava a hora da ceia e meu pai não regressava; minha mãe conservou-se levantada aguardando a sua chegada ao lar.

Já impaciente assomou-se à janela, deitando um rápido olhar pela rua.

De repente, deparou com uns vultos negros que se iam aproximando pouco a pouco, até que minha mãe reconheceu nêles uns lobos!

Assim decorreu a noite velando e rezando minha mãe, enquanto eu dormia o sono infantil.

De manhã soubemos todos os acontecimentos.

De novo a criança se lançou num choro convulsivo, lembrando-se do triste destino de seu pai.

...Quando soube que meu pai e três seus companheiros de trabalho tinham sido devorados pelos carnívoros. Minha mãe ao saber a triste notícia desmaiou.

Depois de ter recuperado os sentidos, sentiu-se doente e caiu à cama.

Depois de cinco meses de dores horríveis e de atrozes sofrimentos inclusivamente a fome, souo o seu derradeiro momento.

A sua despedida foi comovente...

Nêste momento os seus piedosos choros cortaram-lhe as palavras que difficilmente articulava.

As convulsões tornaram-lhe a parar.

Deixou-me eternas saudades...

Cada vez que me lembro dos meus momentos infantis, recordo-me da minha boa mãe, que tantas saudades me deixou!

O viandante de que há pouco falei, notou que os seus olhos estavam arrazados de lágrimas que lhe caíam pelas faces.

— Bem! Socega! Disse-lhe o viandante. Sei que és um rapaz de sentimentos, e digno de

terez uma boa educação; serei eu que a hei-de ministrar.

O pequeno ouvindo estas doces e generosas palavras, abraçou-se ao pescoço do seu benfeitor chorando de alegria, não sabendo como agradecer tão nobre acção.

Seguiu o viandante para a sua habitação acompanhado do pequeno, que vendo as dificuldades da vida, se dedicou ao estudo alcançando um bom futuro.

Renato Brito

4.º ano comercial



Passado e presente

Continuado do numero anterior

Que belos tempos êsses, em que nós com o jardineiro iamoss também regar as pequenas flôres que nos seus canteiros se ostentavam tão alegremente, inebriando a atmosfera com o seu dulcíssimo aroma, ou então arrancar as ervas bravas que lhes roubavam os produtos necessários para a sua nutrição. Lá em cima quanto não brincamos nós, naqueles andaimes, que existiam em volta duma casita, feita com os tijolos brancos que debaixo dos pequenos alpendres estavam?

Pobre capelita!... Não reparaste? Está derubada.

Como ela foi útil!... Até de morada serviu ao velho António!

Porêmm, as tuas admirações não ficam por aqui, pois o que temos dito da nossa pobre aldeia, constitue uma pequena parcela do progresso que está sofrendo e sofrerá para o porvir.

Ouve-me pois mais um minuto, tem paciência, João.

Mas vêss aquelas grandes obras ali?

— Sim, vejo. Não era esta a rua tão escura e além disso cheia de lama no inverno?

— Era. Contudo agora já não acontece assim, como também o largo grande, onde nos reuniamos às vezes com o resto dos amigos, está maior.

Não te recordas? Aquele em que no seu caminho costumávamos saltar por uns pequenos muros, que agora já não existem?

— Tudo se transformou na minha ausência!...

— Até o prédio onde tu moravas, está mais alto, como todos aqueles que vemos daqui foram transformados radicalmente.

— E quando nós meu velho amigo, formados e alinhados, içávamos uma pequena bandeirinha de papel, junto ao jardim?

Tudo desapareceu, resta-nos só a saúde!...

--- Adeus lial amigo, o meu desejo está satisfeito, a morte não pode tardar.

Já sou velho muito velho para arrastar o pesado fardo da vida.

Sinto as pernas vergarem sobre o seu pêso.

Adeus, vejo-a caminhar a passos agigantados para mim.

Adeus!... Até à eternidade.

Nascimento Cabrita

5.º ano comercial



Em férias

«Soneto»

Era tardinha (férias do Natal).

— Ceu cheio de núvens mui triste medonho!... —
E eu guiado pelas iluzões dum sonho,
De barco fui passear com temporal!

Olhei indeciso antes da viagem,
A marinha doida da veloz corrente,
O barquinho que em raivas de demente,
Tentava desprender a forte aragem!

A trez amigos confessei: «receio
Passear com êste tempo...» «Ninguém teme...»
Dizem êles!... E fomos ao passeio.

Mas... Ai! sob forte chuva e ventania,
Parte-se um remo, e outro, vara e leme!
— E então... Deus! já valentes não havia!?

Adelino Pandato

7.º ano industrial



A ANTIGUIDADE DO HOMEM

Época da pedra polida ou dos animais domésticos

—

Muitos séculos, já decorreram após a época Quaternária. Os animais desta época desapareceram, se bem que não todos, os outros estão em vias de tal.

O grande urso já não aterroriza os nossos irmãos.

O Mammuth existe ainda no centro da Europa, mas o seu número diminue consideravelmente. Em compensação, numerosos rebanhos de renas apareceram nesta época, em que o homem prosseguia na sua árdua marcha para a civilização. A parte Ocidental da França é por elas habitada em grande número.

Juntamente com a rena, apareceu também; o cavalo, urso boi-almiscarado etc.

O excessivo rigor de temperatura, já não existe na região habitada pelo homem, deslocou-se para os polos e com êle os animais cuja construção era apropriada para êsse meio.

Nesta época, os progressos do homem foram especialmente notados, em Bélgica e França onde nos deixaram importantes vestígios.

As suas habitações continuaram a ser as cavernas! A sua família nas noites de inverno reunia-se tóda à volta do seu lar.

Quando construía a sua habitação num terreno plano, cobria-a cuidadosamente com folhagem. Em geral, estabelecia a sua morada perto das correntes de água.

Por escavações feitas, nos terrenos que outrora habitaram, descobriu-se uma furna, que se tornou célebre, pelos dados históricos, que nela se poderam colher, concernentes ao homem desta época. Descobriram-se nesta furna restos de louça e fragmentos de outros objectos, como um assobio feito da tibia dum bode. etc.

Essa importante furna, foi cognominada a Frontal, por nela primeiramente se ter encontrado um osso chamado o frontal pertencente a um esqueleto humano.

Decerto os meus estimáveis leitores, já teriam notado, a prespiciacia com que os sábios intentavam descobrir crâneos completos: êles procuravam estudar a conformação cefálica, das povoações primitivas de determinadas regiões.

Na furna Frontal, foi encontrada uma grande lousa, a qual servia para fechar a dita caverna ou gruta, o que leva a presumir alguns sábios, que essa gruta tivesse sido um cemitério da época a que me refiro.

Os ossos de rena e de outros animais lá encontrados, teriam sido os despojos dos seus banquetes funerários.

Foram encontradas cavernas, já com um notável aperfeiçoamento e bem instaladas.

O homem desta época, conhecia já, inevitavelmente, as necessidades de organizar família, e de se ajudarem reciprocamente. Essas tendências naturais, deram lugar à formação duma aldeia da época da rena.

Esta aldeia era formada de quatro grutas.

As ossadas, encontradas nalgumas cavernas, eram na sua maioria pertencentes à rena, javali, veado, urso pardo, rapoza, etc.

A maior sepultura desta época foi a furna do Frontal; foram nela encontrados 14 esqueletos de indivíduos, sobrepostos.

Muitas outras cavernas foram divulgadas,

onde se conseguiram encontrar restos das refeições.

Nesta época, começou o homem a viver ao ar livre e para isso formou abrigos sôbre as rochas. Os nossos antepassados nesta época não tinham ainda conhecimentos, alguns de agricultura; também não haviam ainda utilizado a força animal: eram essencialmente caçadores e para esta arte empregavam o arco e a flexa. A sua preciosa caça, era a Rena. Os tendões dêste animal serviam-lhes para coser, os seus rudes vestuários. O chifre da rena era para êles tão útil, como hoje para nós o ferro.

Para a sua alimentação, estimavam muito o cavalo; à falta de melhores manjares, sustentavam-se muitas vezes do rato de água. A carne dos animais coziam-na sempre.

Também nas suas cavernas se encontraram ossadas de peixe, o que leva a crer que conheciam a arte da pesca e a empregavam para a alimentação. Foram encontrados aparelhos de pesca muito rudimentares, mas de bom êxito. Também se nutriam de vegetais.

(Continua)

Jaime Gil Mascarenhas

6.º ano comercial



SONETO

— —

Veu misterioso! Ó éter azulado
Que vaidoso ocultas o paraíso!
Descerra-te ó cruel ó malfadado,
Deixa lá êsse sarcástico sorriso!...

Ó Deuses do Olímpico Destino!
Ó puríssimas virgens, que o Ceu
Habitais! Vêde como em desatino
Minha alma chora e o coração meu...

Para vós os milagres são banais...
Iluminai-me pois esta alma sem
Consólo!? Sofrer não a deixeis mais!?...

Mostrai-me essa santinha caridosa,
Por quem tanto chorei — a minha mãe —
Que tão meiga era, e boa e piedosa.

Mário Inacio Vieira

7.º ano comercial



Quanto mais sabemos, mais nos convencemos de que muito ainda nos falta saber. Daí a necessidade de prosseguir estudando, continuamente.

Impressões duma viagem

Seguidamente avistamos a encantadora Galiza, linda província espanhola que a ambição terna da alma portuguesa, em todos os tempos tem invejado.

Apreciei vagamente as belezas do seu atraente clima e território e depois de termos dobrado o cabo Finisterre e Ortogal, chegamos à altura do cabo Vilano, situado no norte da Espanha a 9º 13 de longitude Oeste e 43º 9 de latitude Norte (meridiano de Paris), perto das 2 e meia horas do dia 21, donde mudamos de rumo para Belle-Ile.

Durante a travessia do mar de Biscaia, poucos factos terei a registar, salvo, uma avaria que houve na caldeira de ré pela volta das 22 horas, tendo o navio depois em média de andamento 8 a 9 milhas.

Assim divisamos S.^{ta} Nazaire onde fundeamos no dia 22 às 20 horas e 40 minutos.

Veu mesmo nesse momento a visita de saúde, podendo então Sua Ex.^a - o Sr. Ministro de França em Lisboa, desembarcar.

As 2 horas do dia 23 fomos para a muralha de onde saímos na madrugada de 26.

É S.^{te} Nazaire, linda cidade francesa na margem direita do rio.

Loire próximo a Nantes, fica situada a 4º 40 de longitude Oeste e 47º 20 de latitude Norte na região de Oeste.

Esta cidade tem tôdas as características das cidades francesas do norte. É muito pitoresca, atraindo com facilidade as atenções de todos os viajantes, não só pelo seu comércio o qual apesar de tôdas as desarmonias causadas pela guerra, não deixa de ser importante.

Sabeis sem dúvida, que a prosperidade de um país se encerra na sua agricultura e por tal, para concretizar, mais a importância desta região onde fica S.^{te} Nazaire, Lorient, Brest e muitas outras cidades, não poderei deixar, passar este momento sem me referir, à sua importância agrícola.

Mas, não me querendo tornar extenso e agastador no meu resumo, procurarei, dar-lhe uma forma interessante, concisa quanto possível, do que estou certo os meus leitores desculparão.

..

Esta região tem um vasto desenvolvimento económico, podendo este quasi que exclusivamente considerar-se proveniente da agricultura.

Devido ao seu belo território e principalmente o ser regada pelo curso médio e inferior

do Loire, encontram-se lá numerosos campos de trigo, cobrindo quasi na totalidade os departamentos Maine-et-Loire e Beauce.

A vinha abunda em várias regiões, salientando-se entre elas principalmente a Bacia do Charente, onde a produção de vinho e aguardente atinge alto grau, e nas margens do Loire, os vinhos Angers, Tours e Orleans, o qual serve para a fabricação do vinagre; encontra-se igualmente aí o grand champagne (no departamento de cognac) e o petit champagne (nos de Jonsac e Barbizieux.)

A horticultura tem um magno desenvolvimento nos arredores de Angers Niort e Orléans.

Em Beauce e Berri, dedicam-se à criação de carneiros: e em Alençon e Vendôme existem grandes mercados de burros e mulas.

É uma região despida de florestas, havendo sómente pequenas plantações de pinheiros em Sologne entre Cherée e Loire.

Outrora a Vendé aque era uma região abundantemente florestal é hoje porém pouco arborizada.

(Continua)

Raul Monteiro

7.^o anno comercial



EXERCÍCIO DE PORTUGUÊS

Importância das plantas

Todos conhecem os inúmeros benefícios que as plantas, prestam à humanidade.

Quantos benefícios, nós não recebemos constantemente das árvores?

Nos sítios onde não há árvores, a chuva facilmente forma correntes caudalosas, que inundam os campos, matando homens e gados, além de outros efeitos terríveis que por nós são bem conhecidos; mas, se num campo deserto se fizer uma plantação de arvoredo, imediatamente as condições climatéricas mudam; as chuvas são mais frequentes, e a água ramifica-se mais etc.

As árvores detêm os nevoeiros, quando estes passam sobre elas, e, lentamente os condensam.

Todos nós temos visto, que nas serras é muito frequente verem-se as folhas delas tocadas de névoas; as folhas molhadas pela humidade do ar escorrem umas sobre as outras, e, baixando pelos troncos, penetram no chão.

Assim se explica a existência duma fonte ou

um regato num sítio onde há árvores, sem que chova.

Um notável exemplo da influência das árvores nas chuvas, deu-se no Cairo; primeiro eram ali escassas as chuvas; era muito diminuto o número de vezes que ali cho via anualmente; mas depois que em volta da cidade se fizeram plantações de árvores, principalmente de acácias, em larga escala, a quantidade de chuva multiplicou-se.

Mas a importância das árvores não fica por aqui; foi com elas que o homem construiu as primeiras embarcações com que sulcou os mares, descobrindo novos mundos, e que fez o cabo das lanças com que se defenderam pátrias... elas dão-nos a melhor parte da casa em que vivemos; o leito em que nascemos, o berço em que dormimos os primeiros sonos, a acha que aquece os pobrezinhos durante os duros frios do inverno, a arca em que se guarda o pão, ... até que por fim nos dará o caixão em que iremos para a cova. Elas são o mais belo ornamento da natureza, ofertando para os apertados calores do verão o repouso e consoladoras sombras.

Foi à sombra delas que os antigos pastores que eram poetas, fizeram versos eternos; nos tempos passados, também debaixo delas se applicava a justiça; subindo às suas ramagens, defendiam-se os homens da investida das feras, e, com os seus frutos maduros aplacavam êles a fome.

Finalmente, ainda empregamos as árvores para a extracção de certos remédios; assim, a quina, que se extrai duma árvore que vive na Índia, é empregada para nos curar das febres.

Das outras plantas também nós colhemos inúmeros benefícios.

Todos conhecem por exemplo o emprêgo da hortelã como remédio, para matar as lombrigas que tanto mal fazem às crianças. Para isso, também se emprega com mais vantagem, a *santonina*, que se extrai duma planta.

Para curar a inflamação dos olhos, assim como outras feridas, usa-se muito, ferverem-se as folhas de rosas.

A tintura de armica, que é muito empregada para curar as contusões provenientes de pancadas, feita com as flores duma planta que vive nos sítios húmidos, e que se parece muito com a flôr do malmequer amarelo que se cria no meio do trigo.

Quanto não é bonito, ver se um jardim bem cultivado, especialmente na primavera, na época em que as flores estão mais vivas!

Ora um jardim não é formado senão por plantas, flores, que nos dão repouso, nas tar-

des deliciosas da primavera, quando sentados, entretidos na leitura dum livro, ou em conversa com os nossos entes mais queridos, e os nossos irmãos mais pequenos correndo atrás dos arquinhos, seu divertimento predilecto, apanhando borboletas decorre horas da nossa vida que nunca esquecerão.

Benfica, 19 de Dezembro de 1919

José C. da Fonseca

4.º ano comercial

Ecos

É com grande prazer, que noticiámos a recente promoção a aspirantes, dos nossos ex-colegas, alunos da E. Militar: A. Amaral, Isidoro, Oliveira, Mateus, Cabral, Correia e Santos. A todos êles, dirigimos as nossas felicitações.

Realizou-se no dia 14 de Janeiro, na Sociedade de Geografia de Lisboa, uma conferência, sobre o desenvolvimento dos serviços gráficos do Exército em Portugal. O hábil conferente foi o Sr. Coronel Desidério Beça, que por fim fez um rápido estudo acerca das nossas Colónias, o qual foi acompanhado de projecções e fitas animatógráficas.

Para amenizar mais a ocasião, a Ex.^{ma} Direcção solicitou do Ex.^{mo} Director deste Estabelecimento, autorização para a nossa tuna comp.^{recer}, o que foi amavelmente concedido.

Em virtude da deficiencia de trocos e da elevação do custo do papel fomos forçados a aumentar o preço do nosso mensário para \$05.

A Direcção

Necrologia

Vitimado por uma tuberculose, faleceu na sua residência, o nosso ex-camarada, 2.º Sargento de Engenharia, Manuel Nogueira. Todos os camaradas que o conheceram, sentiram um profundo sentimento, ao terem conhecimento da triste noticia.

A família enlutada, dirigimos as nossas sinceras condolências.

A Direcção

Instituto Profissional dos Pupilos
DO
Exército

Querer e poder — Preparemo-nos para a vida — Querer e poder

O PROFISSIONAL



SUMARIO

O nascer do Sol em Santa-rém	Mário Inácio Vieira
A Beira Mar	Abílio Quadros
O regresso do mutilado ..	Carlos L. Antunes
A guerra	Antonio B. da Costa
Miséria e Onipotência	Jaime Gil Mascarenhas
24 de Janeiro	Antonio B. da Costa
A enfermaria	Renato Brito
? (soneto)	Adelino Pandaio
Pesadelo (soneto)	Abílio Quadros
A Antiguidade do Homem ..	Jaime Gil Mascarenhas
Crónica desportiva	António B. da Costa
Ecos	Direcção

Preço 5 centavos



1920

Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exérc.

Estrada de Benfica, 374

LISBOA

O PROFISSIONAL

Mensário dos Pupilos do Exército

Tesoureiro

Alfredo Tomé Serra

CONSELHO DE REDACÇÃO

Mário Inácio Vieira, Jaime Gil Mascarenhas
e Nascimento Cabrita

Secr. da redacção: J. D. Perry de Almeida e Brito

Director

Adelino Pandaio

N.º 27 — 5.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Fevereiro de 1920

O nascer do sol em Santarém

Decorria o meigo Agosto; êsse mês de intenso calor, que as crianças esperam ansiosamente, para saborearem as perfumadas frutas que começam a amadurecer. Estávamos nesses dias aprazíveis, em que famílias inteiras passam do ningos felizes, merendando preparados farneis, à sombra de pinheirais amenos, que nos atraem com seus gemidos suplicantes. Era nesse tempo de noites quiméricas em que os namorados dizem baixinho canções doces de futuros ideais, alumiados pelo luar belo e argênteo...

Acordei alta madrugada atormentado por sonhos inquietadores. Chego à janela, e ao ver a noite sorridente, as estrêlas tão brilhantes que pareciam convidar-me a ir ouvir o ressonar da cidade adormecida, o murmúrio do Tejo... não hesitei um só momento. Vesti-me e saí; e logo a brisa matutina, essa brisa impregnada de perfume suavíssimo, me veio acariciar, como agradecendo a minha companhia.

Atravessar a rua Direita, Praça, etc, foi obra de alguns minutos; e deparo finalmente com a igreja da Graça que se erguia ufana de possuir as ossadas dum dos filhos mais queridos da Pátria; — PEDRO ALVARES CABRAL —. Após alguns momentos de contemplação, continuo o meu passeio. Passo ao Pereiro, pombal de rede dourada, que encerra pombinhas tão belas e tão puras que escurecem a neve.

Segue-se o cemitério, cujos ciprestes pareciam ser guardas atentos e fieis, que espreitavam quem passava. E o aroma sepulcral, inundou-me o coração e a alma de recordações demasiado tristes.

Já desço precavido as barreiras inclinadas do Outeiro da Fôrça. Eis-me finalmente chegado à beira do Tejo, que corria sereno e majestoso, cansado do seu longo percurso e servindo de espelho às estrelinhas candentes. O lado do nascente principiava a clarear. Sigo vagarosamente pela via férrea, vaidoso de ter o rio por companheiro. Ia cogitando

na glória da nobre Scalábis, a bélica Santarém, nas suas tradições históricas que tanta vez ouvi contar em criança. De repente fui despertado pelo silvo agudo do combóio que me avisava prudência. Dum pulo transpuz a linha, e não tardou que passasse por mim, soturno e fumegante. Mais umas dezenas de metros e passo a ponte, encontrando-me na Ribeira que todos os anos recebe a visita das águas do Tejo. Caminho a custo sobre a sua areia. Para os lados de Alpiarça o céu parece um véu igneo e abrasador. É a aurora! Subo à ponte para melhor, desfrutar o panorama próximo, e admirar os bandos de camponezes, que se dirigiam apressados para o trabalho e me davam o seu bom dia matinal. O nascer do sol não se demorou. Presencio então o quadro mais belo, mais sublime que a natureza me tem apresentado. O Tejo parecia de fogo. A minha vista estendia-se pela extensa planície verdejante, matizada de relva aveludada, erguendo-se aqui e acolá, árvores altivas que se baloiçavam docemente. Os salgueiros curvam-se sobre o Tejo semelhando saciar uma sede agudíssima. Ao longe montanhas disformes, pareciam querer abraçar a terra amada.

S. Bento era qual astuta fortaleza, que assegurava a tranqüidade da cidade.

E as muralhas arruinadas das Portas do Sol, eram beijadas pelos raios solares, como nesse belo dia de Maio em que pela primeira vez, desfraldou airoso ao vento doco e cativo, a bandeira da nossa querida e santa PÁTRIA.

Mário Inácio Vieira

7.º ano comercial



A leitura é um dos maiores prazeres que ao Homem é permitido gozar. Revolta o pensar que há quem o não possa saborear porque não sabe lêr; indigna o saber que há quem o não goze porque não quer.



Recordar é viver.

Devemos merecer os elogios e evitá-los.

À BEIRA MAR

Estávamos no agradável mês de Agosto.

Encontrava-me um dia à beira-mar, observando o continuo e alegre afan dos pescadores, que aparelhavam os barcos, para pouco depois se dirigirem ao seu mister, enquanto que a suave brisa marítima me vinha acariciar as faces.

As pequeninas ondas como que querendo saudar-me, salpicavam-me constantemente...

Como êstes homens devem ser felizes... pensava eu ao ver como os marítimos se iam divertindo, ao mesmo tempo que, incessantemente, se preparava para irem ao longe buscar os deliciosos peixes tão abundantes nas costas portuguesas.

Momentos depois, quando o barco tinha os preparativos necessários para sair, foram-no empurrando, pouco a pouco, ajudados simultaneamente pela voz dum companheiro, que representava por assim dizer, a voz de um comandante.

Enfim, depois de muitos esforços, conseguiram pôr a navegar a frágil embarcação.

E o barco começou a afastar-se lentamente, até que, chegando a uma certa distância que não podia ultrapassar, não se divisava mais do que um pequenino ponto nas infinitas águas do Atlântico.

Não sei, prezados leitores, se já tivestes ocasião de ver pescar com uma rede de arrasto, como é esta a que me refiro.

É muito simples e, se por acaso não tivestes ainda êsse ensejo, eu vo-lo explico. Começam os pescadores por acondicionar no barco, os preparativos necessários: — a corda, e a rede: é o que êles chamam aparelhar o barco.

No lastro, junto à popa, colocam inferiormente metade da corda que desejam ou podem levar, conforme a distância a que querem pescar, não prejudicando com isso a rota do barco.

Imediatamente por cima daquela, colocam a rede, e superiormente a esta a restante corda ficando tudo ligado entre si.

Saiem para o mar, deixando fixa em terra a extremidade da corda, colocada na parte superior. O arrais vai sucessivamente largando ao mar pequenas porções desta, até que, terminada ela, procedem ao lançamento da rede.

O barco pára, e alguns homens lançam cuidadosamente a rede à água, voltando o barco para terra.

O arrais agora lança da mesma maneira a corda trazendo para terra a extremidade, sen-

do então as duas geralmente puxadas por bois, até à chegada da rede.

Eis caros leitores, muito resumidamente, como se pesca com uma rede de arrasto.

Acabavam de deitar rede, e o barquinho começou, ao contrário de há pouco, a aumentar constantemente de volume até que, passado algum tempo eis que chega como partiu; sómente com diferença de que agora vem leve.

Saltam em terra, e depois de ancorarem o barco, os marinheiros dirigem-se a suas casas, e a rede começa então a ser puxada pelos pachorrentos bois.

Já o Sol prometia querer esconder-se, quando, a rede acabava de chegar a terra e eu, que ansiosamente esperava o resultado do trabalho dos arrojadados pescadores, dirigi-me para junto dela, afim de saber qual o seu conteúdo.

Pelo volume que fazia, demonstrava que o trabalho daqueles homens não fora baldado, e de facto não foi.

Parece que até o pobres bois conheciam a desgraça para os laboriosos pescadores, se a rede rebentasse e o fruto de tantos trabalhos se esvasse num momento. E, num último arranco, conseguem pôr fora das iras do mar a rede a transbordar de excelente sardinha.

Rápidamente o peixe foi tirado do saco, e colocado em grandes porções na areia, onde foi vendido ao público.

Já o último raio de sol se havia ofuscado no horizonte quando voltei a casa prometendo a mim próprio tornar mais frequentes vezes à praia, e assistir a êstes simples espectáculos, que tão recreativos se me tornaram.

Abílio Quadros

5.º ano comercial



O regresso do mutilado

DA FRENTE PORTUGUESA

Vivia descuidado e feliz na aldeia querida, seu berço da infância, o garboso Manuel, quando por um acaso inesperado fôra chamado às fileiras.

No peito do aldeão, encerrava-se um coração guerreiro, alma de patriota.

Seguia para a luta resignado cumprindo um dever que a todos os cidadãos a Pátria impunha. Abandonou o lar paternal, a família, o torrão onde vivera e trabalhara!... Seguiu para o regimento, do qual recebeu ordem de mobilização. Passados dias embar-

cava para o campo da luta. Era dotado de um carácter de temperamento ardente, duma fé inabalável, alimentando a esperança de voltar à Pátria querida.

Algum tempo depois, desembarcava, e ei-lo a caminho do teatro da guerra; do martirio consecutivo, onde a todos os transe se esperava a morte horrível.

Quando surgiria o radioso dia do desfecho da luta que assolava o universo? pensava êle.

— Pobre Manuel! Bem longe estava de conhecer que o combate que via cruel e aceso se tornaria ainda feroz e sangrento, e que os adversários redobriariam de esforços para assegurar a vitória!... E então ai dos vencidos! Que humilhações não sofreriam! Qualquer revolta contra a força opressora seria ferozmente reprimida, para que idênticos factos se não repetissem! Sofreriam resignados, até que o brado de algum decidido e enérgico patriota os impelisse à rebelião contra o jugo opressor! É só assim, tornaria talvez a liberdade a sorrir-lhes!

Nenhuma destas hipóteses germinava no cérebro do pobre Manuel, que só pensava na carnificina que levaria à morte milhões de inocentes, vítimas da brutalidade só à dos Hunos comparável.

Amai vos uns aos outros! eram as frases do mártir de Gólgota.

Não seriam uns bandos de pilhas inimigos marchando a par da civilização que respeitariam as frases divinas e immaculadas dum santo que durante o tempo em que vivera pregara a moralidade dos povos!

Oh! não o fariam uns bandidos chacinando, incendiando, como nos tempos primitivos os Hunos sob o comando de Átila praticaram vandalismos na passagem através da Europa!

O primeiro tempo da permanência nas trincheiras fôra-lhe difícil de suportar ao pobre soldado, habituado ao belo clima do país natal; contudo suportou-o com estoicismo admirável!... Projectava o regresso que em breve faria e pensava no acolhimento caloroso da Pátria, do povo e da família!

Um dia fôra nomeado sentinela, e destinado a um lugar junto dos postos avançados. Prescrutava atentamente a *terra de ninguém* e horrorizava-se com o triste quadro que se lhe deparava: árvores trucidas pela metralha, homens num adiantado estado de decomposição, a quem a *Kultur* não permitira sepultar. Sentia uma repugnância pela guerra, êle, que a julgara de um modo diferente!

O crepúsculo em breve veio, as trevas envolveram o dia, e a lua no firmamento espargia lentamente os seus raios. Nessa noite os

alemães decidiram dar um golpe de mão. A ocasião era propícia. Saíram das trincheiras rastejando ao longo da *terra de ninguém* com precaução, não se notando o mais leve rumor. Aqui, ali, paravam. Continuavam a avançar, e desta vez um que mostrava ser o chefe da fração, conversou alguns momentos com dois dos seus subordinados, e então êstes continuaram o avanço interrompido e chegaram ao parapeito. Avistaram a poucos metros uma sentinela, e, cautos e silenciosos dirigiram-se para ela, ouvindo-se passados minutos o baquear dum corpo soltando um grto abafado.

O primeiro obstáculo que lhes surgira estava desviado. Neste momento, o garboso Manuel ouviu um ruído suspeito. Ainda que absorvido pelos tristes pensamentos, fôra chamado à realidade.

Examinou o campo de batalha e qual não foi o seu espanto quando não notou o companheiro que há poucos momentos tinha visto. Divisou os dois vultos, e precaveu-se contra qualquer perigo que pudesse advir. Êles saltaram uma exclamação de surpresa; na sua frente estacionava outra sentinela firme como uma estátua. Rápidamente, baixaram-se num movimento furtivo. Esta idéa tão infantil, sugerida aos dois inimigos parecia ter dado resultado!... Com efeito, êle não percebera aquele movimento brusco, na solidão da noite, e ficara atônito. Persuadidos que não foram vistos, rastejam junto dela, e antes que pudessem suprimi-la, soou no silêncio da noite uma formidável voz: Quem vem lá?

Profundo silêncio.

Os dois precipitaram-se sobre o Manuel, que com uma estocada de improviso, derruba um que dentro em pouco exalava o derradeiro suspiro.

Iroso o companheiro pela morte do camarada vibra uma valente estocada que aparada com valentia é retribuída com vigo: pelo soldado lusitano. E então estabelece-se uma luta corpo a corpo encarniçada e horrível.

Era belo ver-se aquele herói, defrontar-se com um inimigo dotado de maior agilidade; decididamente o «boche» não levava a melhor! Num momento sentiu-se ferido de morte. Contudo não se deu por vencido. Mas ai! as forças atraçoaram-no, esgotava-se-lhe a energia e a custo se defendia. Ah! era a morte que o ia absorvendo. Mas a Providência velava por êle! E sem ser esperado, ouviu-se um tiroteio de metrelhadoras... Seriam os portugueses? lembrou-se Manuel fazendo um esforço de memória... As previsões eram certas! Tinham descoberto o inimigo e corriam

às armas em sua perseguição. E o heróico Manuel ainda se conservava firme no seu posto em que dificilmente se sustentava, mas sucumbiu porque a baioneta do assassino alemão lhe esfacelara um braço.

As trevas rasgaram-se e em breve veio a aurora. O pequeno destacamento português enviado a perseguir o inimigo aproximava-se.

Deparava-se-lhes o soldado que ficara de vigília de armas durante a noite, mãos crispadas, pálido, desfigurado... O heróico rapaz por mais uns minutos deixaria de existir!

As trevas aclararam-se e entre os primeiros alvares da manhã, despontava o dia alegre e sorridente!...

(Continua)

Carlos L. Antunes

4.º ano comercial

A guerra

Todos conhecemos esta palavra.

Que terrível significação ela representa!

Para todos nós a guerra é um facto que jamais será esquecido. Ainda há bem pouco tempo assistimos ao desenlace final da maior que existiu em todo o mundo em que todos os povos da humanidade nela se empenharam uns mais que outros.

Foi nos campos sanguinolentos da Flandres que o nome de Portugal foi levantado bem alto. O seu valor a sua força, foi mais uma vez demonstrado contra aqueles que barbaramente tentavam escravizar a Europa e todo o mundo. O povo português cooperou nessa luta com valentia sem igual e de tal forma que o pequeno exército que o representava deu mostras de grande valor pelo que foi igualado aos melhores.

Portanto ainda não morremos por completo, ainda possuímos força, o nosso valor ainda é apreciado e ele aparece agora como fôra nas épocas floridas passadas.

Os portugueses houveram-se como verdadeiros leões; com uma valentia e coragem brilhante. Assim sucedeu em algumas partes onde os batalhões completos se cobriram de glória.

A artilharia que da mesma forma desempenhou um papel importante sendo muito apreciada pelos exércitos aliados pois bastantes vezes cooperou com eles. Nalgumas retiradas os nossos soldados e oficiais souberam morrer como as melhores tropas, *morrendo, mas devagar*, além de que nunca o bom humor desamparou os nossos conterrâneos.

Assim a guitarra e a canção portuguesa nunca deixaram de se ouvir nos intervalos tranquilos desses agitados longos anos, sendo sempre muito escutados pelos exércitos aliados.

E pode dizer-se que foi devido à falta de reservas que as nossas tropas no inesperado ataque de 9 de Abril de 1918 se viram mais aflitas. Contudo esta data não deixa de ser para os portugueses uma data de glória e que devia ficar vinculada na história, e que todos os portugueses devem festejar, prestando a justa homenagem àqueles que, combatendo com ardor, caíram no campo de honra.

Cairam como heróis, vencendo os inimigos da sua pátria e vencendo a própria morte, pois viverão sempre na eterna saudade dos seus concidadãos.

António B. da Costa

5.º ano comercial

MISERIA E A ONIPOTENCIA

Esboçava-se ao longe o crepúsculo matutino. O céu mostrava-nos a sua face ingente, manchada duma rubra cor, que iluminava os campos vizinhos. O sol está quasi a iniciar a sua carreira.

Eis que por fim, levanta-se das trevas onde era imerso assemelhando-se a uma ignea esfera. Os seus benfazejos raios, inundam já a atmosfera, vindo beijar docemente, tanto o palácio do rico, como o albergue do pobre, ou o latibulo dos salteadores.

Eis a sublime riqueza de que todos podemos compartilhar: como a Natureza é bondosa oferecendo-nos mil encantos!... só o infeliz cego não gosa os seus deleitos, só ele poderá chorar a Divina regalia que não disfruta e que nós os que felizmente temos esse dom, presenciando-a continuamente lhe não sabemos dar o justo apêço.

Despontou o sol! Começou a vida!

Já se ouve o quotidiano cantar do galo, convidando-nos ao trabalho à labuta diária, ele nos anuncia a alvorada mandando-nos erguer do leito.

Mas se à face da natureza, agora tudo é deleitável e risonho, se é belo o seu alvor, o mesmo não sucede nos famintos lares, que os raios do sol agora nado vêem beijar!... Olhe-mos condoidamente a situação dessas famílias habitações, em que reina a penúria. Sondai os corações desses indigentes, estudai as suas angústias e tristezas, vereis se não soletrais rapidamente, nos seus sequiosos lábios: Fome!... Sofrimentos!...

Pois são estas terríficas palavras, que as mães necessitadas, envolvem muitas vezes em vãs esperanças, para ludibriarem os seus corações partidos de dor, onde irão procurar o ilusório alento, para reanimar seus desditosos filhos, em torno dos quais pura a morte... Ali tudo é escuro e livido, cada dia que passa, são mil agruras que dilaceram os corações dos pobres pais... Oh! e a Natureza cá fora sorri em festa...

Olha pobre, que em vão na arca o pão procura, que o lasso corpo do esqualido enxergão estás levantando; vem cá fora, sai dessa misera enxovia e olha a Natureza bela, que na sua imponência encontrarás o lenitivo à tua dor. Arrasta esse corpo que a morte tenta, e vai, que já rompeu a manhã, por essas veredas até à vila... ou á cidade, estender a mão á misericórdia. Vai, vai, implorar ao rico e ao remediado um átomo da tua existência e da de tua família...

E mais uma vez, o pobre resolve seguir o conselho que diáriamente praticava mas que desta vez, já se sentia sem forças para o fazer. Então deixa seus filhos, aconchegados por uns farrapos e depois de os beijar e a sua mulher, lá foi com o inseparável alforge; dificilmente rojando o seu fraco corpo, arrimado ao cajado, dirigindo-se para a povoação.

Topando aqui e acolá, lá segue assaltado de pesarosas cogitações. E sabeis no que pondera o desprotegido, que suportando o seu envelhecido e arruinado corpo, impossibilitado por um fatigante trabalho, todos os dias percorre amarguradas léguas, e que às vezes, por infortúnio que ele só para si pensa reservado, bate à porta de algum cubiçoso, que lhe nega com desabrimiento uma magra fatia de pão... e que outras vezes implorando uma esmola dum ricalhaço egoísta e improdutivo, sofre a impiedosa resposta dum «tenha paciência que não tenho nada para lhe dar»!

Enquanto o mendigante caminha preocupado com tristes pensamentos, os cavadores, lá vão de enxada ao ombro para as herdades, cantarolando acompanhados dos maviosos trinados dos passarinhos, que alegres saltitam nos verdes rebrêtos das árvores...

Deixemos o velhinho a mendigar, os trabalhadores abençoando o solo com o seu bedito suor e observemos a residência do rico. a esta hora em que a Natureza nos enleva! Ah!... nos seus lares as dispensas abundam de apetitosas iguarias e o belo pão de trigo nunca ali faltou. Lá dentro no seu faustoso quarto o perdulário dorme ainda o seu belo sono, geralmente na cidade, tão tardiamente começado. Nos seus aposentos só os fâmulos

se encontram a pé, tratando já do seu bem estar. Entretanto nos campos os trabalhadores cultivam a terra, e os operários nas suas oficinas, estão, uns, para êle preparando o alvo pão de que se alimenta, outros os inúmeros confortos com que se regala... La para o meio dia, quando os abençoados cultivadores, voltam as suas casas, para comer com a família as suas migalhas, o seu jantar, e descansar do seu afam matinal: é então que o rico se levanta do seu afofado leito, onde desperta dos seus propícios sonos, para ir almoçar!

Ao mesmo tempo que êste leva uma vida de prazer, o pobre pedinte está desde o nascer ao por do sol, a juntar na sua sacola os pedaços de pão que lhe dão, para à noite junto de sua família, combater a fome nunca satisfeita.

.....
Oh! já declina o sol para o poente!

A labuta vai terminar. Chega o crepúsculo vespertino; já o fegoso Apolo caminha apressadamente para se esconder nas trevas. A claridade vai lentamente diminuindo. Os pássaros procuram os seus ninhos soltando os últimos gorgeios. O gado corre ao aprisco... Na igreja da aldeia toca a Ave-Marias. Todos se ajoelham fazendo as suas rogativas... Os labutadores suspendem a lida e vão então para suas casas.

É noite! A atmosfera está fria. Aqui e além, um pálido clarão se percebe por entre as vidraças das modestas habitações, onde os moradores em redor das suas bancas, comem a sua ceia.

Mas se inquiremos da enxovia do mendigo errante, ali tudo é deserto e lúgubre! A mãe implorando a Deus fita a cúpula imensa. No azul etéreo a lua ostenta-se garbosa e os seus pálidos raios inundam o livido semblante, da desventurada.

A pobre, provavelmente está pedindo que seu marido chegue depressa, temendo algum perigo por essas escabrosas vielas, que êle terá de atravessar.

A seu lado as crianças rotas, famintas, choram com fome; e logo a pobre mãe afagandando-as animado-as diz-lhes que o pai já aí vem enquanto o seu coração de mãe, alimenta terríveis pressentimentos, que aos filhos, não sabe como ocultar.

Mas achando já demasiado tarde e o seu chorado companheiro sem vir, diz a seus filhos que vai a casa dum bondoso vizinhopedir uns bocadinhos de pão. Então dirige-se pelos caminhos por onde seu marido costuma regressar. Lá vai doidamente trilhando os difíceis atalhos acorrentada de pre-

ságios, pois que seu marido nunca estivera ausente a tais desoras.

Mas oh! cruel encontro! Pela claridade da noite, a caminho da aldeia; topa com o vulto dum velho, miserando, moribundo, estendido no chão. Antes que as lágrimas lhe cheguem aos olhos já o seu coração pulsa de terror. Cheia de ansiedade e de incerteza, debruçou-se sobre o corpo, tentando reconhecê-lo.

Atroz situação!... o corpo era o de seu marido!... Sem alento, fugindo-lhe a coragem, de tanto sofrer, tentando acordar o seu companheiro do eterno e infeliz sono, sobre o seu corpo já gelado, a malaventurada solta o último suspiro, enquanto que a sua semi-cerrada boca pronuncia: Jesus... tende compaixão... de meus... fi...lhos...

E a lua, lá no firmamento ceúleo, penalizava com os seus prateados raios a comovedora scena, que só a Natura presenciara;... a abóbada imensa era túmulo de dois desgraçados. As estrélas pareciam ter acendido as suas scintilações e assim imitando um infinito marejar de lágrimas desenhavam a sua dor!

Jaime Gil Mascarenhas

6.º ano comercial

O maior inimigo que se opõe á nossa felicidade encontra-se em nós próprios. É a nossa ignorância. ¿ Como aniquilá-lo? Lendo, lendo muito, lendo sempre e reflectindo no que se lê.

24 de Janeiro

Não poderia certamente deixar passar este dia, sem duma maneira muito rápida dizer nas colunas deste nosso mensário duas singelas palavras. Passa hoje o primeiro aniversário da vitória alcançada pelos exércitos fieis á república sobre os monárquicos, quer no norte do país, quer no forte de Monsanto.

Comemorando esta data, realizam-se vários festejos, havendo no dia 25 uma parada na qual tomavam parte as forças de terra e mar. O Instituto foi convidado sendo representado por um corpo de alunos á frente dos quais ia o nosso estandarte.

Depois de vários preparativos equipamos-nos e marchamos em direcção á Avenida da Liberdade. Á nossa passagem afluam algumas pessoas, incorporando-se nessa im-

nente manifestação. Decorrido algum tempo o snr. Comandante da divisão passa revista às tropas, que depois se prepararam para a continência final. O desfile começa e os alunos marcham diante do snr. Presidente da República, ministros Comandante da Divisão e altas dignidade que estavam na Praça de Camões, fazendo nós a devida continência e marchando com a máxima correcção. Pouco depois dirigimo-nos ao Rossio vindo novamente a caminho do Instituto.

António E. da Costa

5.º ano comercial



A enfermaria

Desde a fundação do Instituto que existe uma pequena enfermaria. Pelo facto de haver poucas divisões na 2.ª Secção, até há pouco tempo, nos vinhamos servindo da única que havia na 1.ª Secção.

Está esta situada por cima dos claustros do antigo convento de S. Domingos. É modesta e pouco vasta, mas suficientemente arejada.

Consta ela de um pequeno posto de socorros, e de trez quartos com algumas camas.

O seu pessoal é constituído por um médico, um enfermeiro e um criado de enfermaria.

Não havia, como disse, enfermaria na 2.ª Secção, mas sim um pequeno posto de socorros clínicos. Em compensação está instalado há perto de trez anos um gabinete de cirurgia dentária.

No começo do ano lectivo 1919-1920 por iniciativa do Sr. cap. ten. Ferreira de Sousa, digno regente desta Secção, fundou-se, devido á sua boa vontade pelo progresso do Instituto, uma pequena enfermaria no local onde estiveram instaladas as oficinas de Tipografia e Encadernação, junto ao posto de socorros de que há pouco falei.

É formada de um amplo compartimento bem ventilado, e da sua respectiva casa de banho. Nesta casa reina o asseio condição essencial para uma casa ser saudável. O seu pessoal consta de um médico, um enfermeiro e um criado de enfermaria.

Renato de Brito

4.º ano comercial



Eduquemo-nos e instruamo-nos antes de pretendermos educar e ensinar os outros.

?

A carregada sombra de tristeza,
Que lhe anuvia o peito sem paixão,
É feita de remorso e contrição,
Mistura de saudade e incerteza!!!

Anda cabisbaixo, anda arrependido,
Sua doce alegria é recordar...
Só busca a solidão para sonhar,
Num bem que já não vê... ideal perdido!

Da vida a luz fugiu-lhe, a Dorotea.
É filho do abandono onde vagueia,
Qual no espaço, errante aerólito!

Envolvido então nêsse vil mistério,
Que só tem fim na paz dum cemitério,
— Lá vai sofrendo as máguas dum contrito.

Adelino Pandaio
7.º ano industrial



PESADELO

« Soneto »

Na solidão da noite, ao descansar,
Absorto em pensamentos que não tornam,
Na minha mente coisas se me formam
Em que eu quisera nunca mais sonhar.

Vejo passar em grupos na escuridão,
Uma grande nuvem de sclerados;
Tristes fantasmas, nus, escaveirados,
Levando alguns ao ombro o seu caixão.

Outros, cantando vão à desgarrada,
Da sua estada alegres, sem paixão
Da antiga vida que há tanto deixaram.

E eu escutando isto cheio de aflição,
Morro de susto que eles me causaram
Se ali não sôa o toque d'alvorada.

Abílio Quadros
5.º ano comercial



A ANTIGUIDADE DO HOMEM

Época da pedra polida ou dos animais domésticos

O seu vestuário, consistia simplesmente nas peles dos grandes quadrúpedes, já por eles rudemente cortidas aperfeiçoamento que os seus antecessores não haviam conseguido.

Talhavam as peles e cosiam-nas grosseiramente, para o que, se serviam de agulhas de sílex. Estas e análogas condições de vida se encontram ainda nos Lapónios dos nossos dias.

Tinham o mesmo gosto pelos adornos, que o homem da época Quaternária; consistiam eles em pingentes e colares formados de conchas furadas e também de dentes de diversos animais.

Existiram nessa época, verdadeiras fábricas de armas e outros utensílios, os quais já eram muito aperfeiçoados, realçando-se o primor das pontas de lança.

As peças mais importantes foram as serras. Esta época, teve sobre a antecedente um notável avanço. A escultura obteve um apreciável incremento.

Usavam uns harpéus, os quais tinham uma ranhura, que durante muito tempo se supoz que servia para introduzir o veneno, mas está hoje provado, que servia somente para dar vazão ao sangue, dos animais em que os cravavam.

Os processos de caça, são evidente testemunho da sua reduzida inteligência. Para caçar a rena, como esta fôsse muito tímida cobriam-se com a sua pele afim de lhes inspirar familiaridade.

Foi encontrada numa das suas cavernas, uma espécie de broca, feita de sílex, cujo funcionamento era congénere ao dos nossos furadores de aço.

A história da Antiguidade humana não certifica o ter existido neste tempo o fabrico da loiça contudo leva-nos a suspeitar que sim o ter sido encontrado numa das suas moradas um tosco pote de barro.

Êsses nossos antepassados possuíam o sentimento artístico. tinham conhecimentos de gravura e escultura. Imitavam mais hábilmente os mamíferos que as aves, pois que ainda tinham um imperfeito conhecimento destas. Reptis, encontravam-se poucos e mal executados.

Ele não tentou reproduzir a sua imagem, mas foram descobertos ensaios de estatuária.

As sepulturas, deram quasi a mesma configuração, que os seus antepassados: porêm contruíram alguns gazigos, relativamente aperfeiçoados. Algumas vezes mandavam soterrar os mortos sob as suas próprias habitações.

Foi descoberto em 1865, um vasto cemitério em volta do qual se encontravam grandes despojos dos seus banquetes funerários.

Nesta época formaram-se tribus, assaz numerosas, que se desenvolveram perto das florestas habitadas pelos animais que constituíram os seus deliciosos manjares.

Como o homem da época do grande urso, eles também colocavam provisões juntas aos

falecidos, crentes como êles, na milagrosa viagem, atravez da amplidão etérea.

O tipo humano da época da rena difere um pouco do da época precedente. Essas dissimilhanças eram mais acentuadas sobretudo nos crâneos. A sua estatura era atarracada, a face tinha a configuração dum rombo. Esta raça foi classificada « A mongólica, » como a anterior.

O seu culto artístico, é digno da nossa admiração, pois que com a pedra lascada, trabalhavam os objectos com uma perfeição maravilhosa. Nos costumes funerários tambem se nota avanço sobre os primitivos, que collocavam os cadáveres nas cavernas tapando os com pedras, enquanto que o homem desta época preparava-lhe uma espécie de inumação, collocando-o sobre cinzas quentes.

Supõe-se que da carne cozida do cavalo faziam caldos que davam aos velhos em primeiro lugar. Os seus costumes eram perfeitamente humanos não havendo comunidades entre êle e os do macaco, segundo diz Figuiet.

Igualmente como os seus antepassados, conservavam os restos dos alimentos no seio das cavernas, onde se putrefazião. Usavam muito o fogo e para o obter empregavam a pirite de ferro (S. Fe²) Construíram jangadas, para a navegação fluvial, o que lhes facilitava a pesca, embora em pequena escala. Dedicavam-se pouco ao Comércio.

É conveniente notar-se, que nos povos actuais ainda não civilizados se revelam os mesmos costumes, que o homem primitivo, tinha, os quais constituem, uma fonte de conhecimentos para o estudo desse povo.

As mulheres raspavam os pêlos, das peles dos animais, unitando-as com gorduras.

As suas facas eram pedras cortantes.

Formavam familias de duzentos a trezentos indivíduos.

Na caverna de « Bize » foram encontrados ossos, os quais tinham gravados ensaios de escrita rudimentar. As grutas das Belgica serviram essencialmente, para estudar a organização fisica, do homem da idade da Pedra na época da Rena.

Continua

Jaime Mascarenhas

6.º ano comercial



A vida deve ser uma educação incessante.
A calúnia é como o carvão: quando não queima, suja.

C. C. Branco

Crónica desportiva

Não me tendo sido possível até à data, publicar neste nosso mensário, o resultado de vários desafios, por estes se realizarem já quasi na sua totalidade no fim do ano, e as minhas occupaões não o permitirem, publicarei agora um resumo geral, por meio do qual se pode avaliar o esforço empregado por todos os alunos que disputaram a « Taça Alvaro Gaspar ».

Grupos	Pontos contra	Pontos a favor	Observações
Internacional	1	1	Os dois ultimos grupos foram desclassificados por transgredirem o regulamento.
S. Lisboa e Benfica . . .	1	1	
C. Quebrada	—	2	
E. Académica	—	2	
S. C. de Portugal	—	2	
Casa Pia	1	1	
Império F. C.	—	2	
C. Militar	—	2	

Sob este ponto de vista devo dizer que muito difficilmente os alunos nela conseguiram tomar parte, porque exigiam algumas condições. Sendo algumas delas, o limite do idade, que ia até aos 15 anos. Ocupou todavia o Instituto o 3º. lugar. Não tendo ido mais longe não somente pela deficiência de treinos como tambem pela falta de calçado próprio, condição indispensável, para este jogo.

Este ano, creio bem, que vários alunos tomarão parte neste jogo, estando já indigitados os que substituirão os seus ex-condiscipulos. E isto tanto para a taça « Alvaro Gaspar » como para o Campeonato Escolar.

António B. da Costa

5.º ano comercial



Ecos

É com grande satisfação, que informamos os nossos leitores, que chegou há poucos dias de França o Sr. Major Médico, Lino Ferreira onde prestou os seus valiosos serviços durante a guerra.

Este senhor, faz novamente clinica, neste estabelecimento. A Direcção em nome de seus camaradas dirige a S. Ex.^a as boas vindas.

A Direcção

Instituto Profissional dos Pupilos
DO
Exército

Querer é poder — Preparemo-nos para a vida — Querer é poder

O PROFISSIONAL



SUMARIO

Os nossos escritórios	Renato Brito
Homenagem á Guarda Fiscal	Antonio B. da Costa
O regresso do mutilado ..	Carlos Lopes Antunes
As crianças e o açúcar ...	Jaime Gil Mascarenhas
A Lareira	Albino de M. Vilarigues
O Francezismo (versos) ..	Abilio Quadros
Em Digressões (versos)...	Adelino Pandaio
Ilha dos amores	João Brito
Ao amanhecer (versos)...	Mário Indício Vieira
Impressões duma viagem.	Raul Monteiro
Pensando	Abilio Quadros
Na aldeia	Matos Vilarigues
A Antiguidade do Homem.	Jaime Gil Mascarenhas
Necrologia.	Direcção

Preço 5 centavos



1920

Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exérc.
Estrada de Benfica, 374

LISBOA

O PROFISSIONAL

Mensário dos Pupilos do Exército

Tesoureiro
Alfredo Tomé Serra

CONSELHO DE REDACÇÃO
Mário Inácio Vieira, Jaime Gil Mascarenhas
e Nascimento Cabrita
Secr. da redacção: J. D. Perry de Almeida e Brito

Director
Adelino Pandaio

N.º 28 — 5.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Março e Abril de 1920

Os nossos escritórios

Ao estabelecer se quasi definitivamente a organização dos cursos no Instituto, a aula de escrituração constava apenas de uma pequena escrita duma casa comercial em nome individual e colectivo, por cada aluno.

Era então a prática de escritórios ministrada pelo dignissimo ten. da Administração Militar hoje capitão, Sr. Edgar Cardoso.

Em virtude de este professor ter sido mobilizado, entregou a sua missão ao distinto guarda-livros da classe civil Sr. Júlio de Sousa Larcher.

Ao deixar a cadeira de escrituração, o Sr. Cardoso, já pensara em estabelecer novas casas comerciais para o que tinha preparado a construção dos escritórios das mesmas casas. Mas estas construções só foram terminadas durante a ausência do dito professor, e então o Sr. Larcher preparou o funcionamento dos escritórios, que ainda há 2 meses funcionavam.

Erão as seguintes casas: João Peres, Guimarães & C.^{ta}, Porto, Oficinas do Instituto, Branquinho & Cardoso e J. Ribeiro Gomes.

Estes escritórios estavam situados numa varanda que ocupava uma pequena área, em redor da actual, à altura de um primeiro andar.

O chefe de cada casa era o aluno mais adiantado, e empregados dos 5.º e 6.º anos, desempenhando funções conforme os seus conhecimentos. Os alunos dos 3.º e 4.º anos possuíam uma escrita em nome individual, e os do 5.º ano escrituravam uma escrita em nome colectivo.

Terminada as férias grandes, o nosso professor Sr. Larcher, fundiu todas as casas comerciais para dar lugar a uma só com a firma de Guimarães & C.^a, ficando apenas em separado as Oficinas do Instituto.

Este escritório encontra-se na parte situada por debaixo do varanda, no local onde se organizava a exposição do trabalhos escolares, no fim do ano lectivo.

Neste escritório os alunos do 4.º 5.º 6.º e

7.º anos, desempenham lugares em conformidade com o seu grau de instrução.

A nova casa comercial divide-se nas seguintes secções: contabilidade, caixa, agência, armazem e expediente.

Juntamente com a aula de escrituração existem também a aula de caligrafia e dactilografia. Estas duas aulas nasceram após a formação da aula de escrituração.

Tem-se verificado que os alunos saídos deste Instituto com frequência da aula de escrituração comercial, além de boa caligrafia possuem as melhores condições para serem bons empregados de comércio.

Renato Brito

4.º ano comercial

Homenagem à Guarda Fiscal

Tratava-se da entrega dum estandarte à Guarda Fiscal.

Foi convidado o Instituto a apresentar uma deputação de alunos para prestarem a devida guarda de honra.

Preparamo-nos e à hora indicada, marchamos para o apeadeiro de S. Domingos. Espera-se apenas alguns minutos pelo combóio, que nos conduz a Lisboa.

O dia apresentou-se fraco, e caía uma miúdiha e impertinente chuva.

No entanto marchamos sempre com garbo. E assim atravessamos o Rossio, descendo ao longo da rua Augusta.

Chegados ao Terreiro do Paço, tomamos o lado esquerdo da tribuna.

Tudo se fez na melhor ordem.

O povo, começava a aglomerar-se em volta, e os diferentes Ministérios estavam cheios de senhores oficiais de várias armas, e de outras pessoas.

Ao mesmo tempo, aproximavam-se sucessivamente as diferentes forças, tomando lugar umas ao lado das outras. Durante o seu trajecto, entoavam várias marchas, vindo colocar-se ao nosso lado direito, uma pequena

banda da Guarda Nacional Republicana. Daí a pouco em volta da tribuna, havia-se já formado um grande quadrado.

Ao centro, estava colocada então a tribuna, que era ornamentada com algumas plantas e bandeiras.

E, decorridos alguns instantes, tomam lugar na tribuna, os srs. Presidente do Ministério, Ministro das finanças e comércio, vários oficiais, etc., ao som da «Portuguesa», que era executada pelas bandas regimentais.

Deu-se começo à cerimónia, e a bandeira foi entregue ao snr. Comandante da Guarda Fiscal que a beijou, fazendo em seguida a sua entrega depois de desfaldada ao snr. oficial porta-bandeira. Ao som da «Portuguesa», e depois dos toques de continência à bandeira, foi ocupar o lugar entre o seu batalhão descendo então da tribuna, as autoridades e convidados.

Nesta altura, proferiram-se entusiásticos discursos.

Havendo também sido levantados calorosos vivas à «Pátria e à República».

Dirigem-se novamente à tribuna e procede-se ao desfile.

Desfilam então todas as forças que ali se encontravam.

E, sobre a bandeira, à sua passagem perante a tribuna, foram lançadas muitas flores encarnadas.

Os alunos incorporam-se e marcham também um pouco atrás, com a máxima correção, fazendo a continência final, à passagem pela tribuna.

Seguidamente ao desfile, todas as forças se dirigem umas para cada lado em direcção aos seus quartéis, tomando nós um carro reservado, que nos trouxe ao Instituto.

António B. da Costa

5.º ano comercial

O regresso do mutilado

DA FRENTE PORTUGUESA

Continuação do número anterior

Decorria esta scena na frente, e os pais de Manuel havia trez meses que nenhuma noticia recebiam. Qual será a causa porque meu filho não escreve? Perguntava o pai sobresaltado. Procurou noticias por intermédio dos vizinhos, mas nenhum conseguiu obtê-las. A pobre mãe chorava o filho querido!... Pobre mãe!... Ela que o vira partir risonho e alegre prometendo regressar em breve, agora

via desfazer-se o que o filho lhe premeditara.

Talvez esteja morto... cogitava ela. Mas expulsava sempre do cérebro, aquela idéa atroz, e horrivel que a torturava!... Estará doente? Oh! Não sei, não sei... murmurava num tom lúgubre... Oh! a dôr que a perseguia não lhe permitia resignar-se, — fomentava a esperança de o tornar a vêr... mas entretanto o tempo ia passando!...

Três meses depois de sofrer a amputação dum braço, saía do hospital livre de perigo o heróico aldeão.

Era já conhecido o acto de bravura entre os companheiros; os oficiais tiveram conhecimento das suas façanhas, e alguns dias decorridos, o próprio general era também informado. Manifestando desejo de o conhecer, mandou-o chamar à sua presença, elogiou o seu acto heroico. Concedeu por sua proposta a Ordem da Torre Espada, o maior galardão que a pátria concedia; e quizera que na frente da divisão se fizesse a entrega da condecoração,

Raiou um dia de Junho alegre, cheio de sol, chilreando no espaço bandos de avezinhas como que querendo também festejar com os seus trinados a comovente cerimónia.

Formadas as tropas na rectaguarda das linhas, com a bandeira e banda de música, todos estavam nos seus postos com aprumo e orgulho.

Uns minutos são passados com impaciência e eis que corta os ares num som agudo o signal de *sentido* dado pelo clarim. Era o general comandante da divisão que chegava acompanhado do seu galante estado maior.

As tropas apresentam armas, a banda toca uma marcha de guerra que excita os corações guerreiros. O general pronuncia o nome do mutilado, que avança sério e indiferente fazendo a continência.

Um official com voz sonora e vibrante lê a ordem que confere a condecoração ao Manuel.

O grande official tirando-a de dentro dum estojo, préga-a no peito do militar beijando-na fronte. As tropas prestam-lhe continência e a banda executa a «Portuguesa» vibrando os corações de alegria e o intrépido Manuel mais comovido se mostrava diante de todos, rolando-lhe pelas faces grossas lagrimas de comovido orgulho.

Soberbo era ver-se aquele tocante espectáculo em que o general, e officiais, soldados se mostravam impressionados!...

O mutilado pede ao general licença para continuar no seu posto; êle nega-lhe, o mutilado insiste, porém sem resultado. Era mandado regressar ao país. As tropas desfilam

perante o general com garbo militar; a banda entoava o *Hino Nacional* e todo aquele turbilhão de homens se agita. A bandeira passa lembrando-lhes o querido « Jardim da Europa à beira mar plantado ».

Ao longe os canhões inimigos, vomitam metralha rancorosamente! O aldeão embarcou para o país. Chegado à estação do destino, tomou o caminho da aldeia querida! Caminhava admirando a paisagem!... Tudo o deslumbrava. Nos prados a vegetação era bela e luxuriante! O calor era abrasador e a tarde estava linda...

Encaminhou-se por um atalho a caminho de casa. No céu azul os insectos zumbiam incessantemente e nas herdades raparigas belas cantarolavam alegremente. Os raros aldeões olhavam no sem o reconhecer. Avistou uma casa branqueada, ornada com patreiras viçosas, donde pendiam grossos cachos ainda verdes que o sol de Agosto amadureceria em breve. Tinha ainda o mesmo aspecto, como a tinha deixado. Dirigiu-se para ela e bateu à porta. De dentro responderam: quem é? Oh! Oh! Oh! murmurou em trez tons diferentes, já não me reconhecem! Sou eu! murmurou ele. Poucos minutos passaram, a porta abriu-se aparecendo um velho camponês com cabelos e barba branca. Era o pai.

Quem é o senhor? Que deseja? perguntou o ancião admirado pela singular aparição.

Reflectiu um momento e recordou-se. Mas o quê? és tu? Tu Manuel!... Oh! é verdade continuou o velho convencido. Como estás mudado! Há já seis meses que não temos noticias tuas e nós dávamos-te por morto!

Porque deixaste de escrever? porquê?... Oh! meu pai estive doente no hospital, muito grave, delirando e sem esperanças de vida...

A custo tive rápidas melhoras e sou e forte como outrora aqui estou. É verdade, e tua mãe não sabe da tua chegada. Mas chamou, Rosa! Oh! Rosa! Que queres? respondeu-lhe uma voz feminina. O nosso Manuel! Que dizes? atalhou logo a mulher sobressaltada, de ouvir o nome do ente querido que pressentia falecido.

Correu para êle! Beijava-o e acariciava-o como se êle ainda fôsse uma criança.

O que tens ali?! apontando para a manga que pendia ao longo do corpo. Oh! minha mãe cortaram-me o braço!... murmurou o mancebo em voz rouca. E que tens tu pregado no peito?! indicando-lhe a Torre e Espada que ostentava galhardamente. É a medalha com que o meu general me condecorou. Narrou-lhe atentamente a descrição das scenas em que figurara na carnificina.

O pai e mãe ficaram boquiabertos pelo heroísmo e valor do filho. A alegria transbordava-lhes nos corações.

Fatigado pela viagem fôra repousar.

E enquanto êle dormia, a mãe à cabeceira velava-lhe o sono. Osculou o filho com ternura na fronte cicatrizada, quedou-se a pensar, e vencida pela fadiga, descaiu lentamente a cabeça sobre o filho adormecido!...

Carlos Lopes Antunes

4.º ano comercial

AS CRIANÇAS E O AÇÚCAR

Não é uma apologia, nem um ataque que vou estabelecer às apoquentadas mamãs, em redor das quais, seus filhos ainda crianças, pedem ansiosamente pão com açúcar, bolos, ou bolachas.

Não as posso culpar, porque isso não compete a um filho, pois iria defender os interesses daqueles que tão amantes são do açúcar, como eu já fui... e acrescentai leitoras, que já me parece ver-vos indispostos comigo «sim... e como ainda o é, por isso assim fala...» Não o contesto, enfim... talvez porque não possa; o meu fim é outro.

Deixo-vos cogitando, talvez mesmo neste momento nos estratagemas, afim de poder esconder o açucareiro nos mais absconditos e inacessíveis lugares do aparador, para que vossos filhinhos nem com o auxilio dum banco na vossa ausência, possam nêle introduzir os seus mimosos dedos, para tirar algum alvo torrãozinho que os olhos e a vontade lhes fascina...

Outro assunto me leva a mesquinhamente esboçar esta quadra da vida, em que estas tendências das crianças pelos produtos açucarados, devem ser respeitados como leis da natureza, pois nela tudo é soberbo; e não é o homem que pode opôr-se às tendências orgânicas da vida animal, pois dela só a natureza conhece a sua utilidade e existência. Desejo, sim; mostrar o perigo resultante e inconvenientes, da abstinência temporária que alguns pais aplicam a seus filhos, de comerem êste alimento; para incautamente num dia de festa, como é usual, deixarem-lhes comer tôdas as gulodices, abundantemente o que lhes prejudica a saúde.

O gosto pelos produtos açucarados tão manifestado na infância, não é como muitos pais creem, uma sensibilidade de paladar, que

outro qualquer desejo possa reprimir. Foi esta uma das conclusões a que chegaram vários fisiologistas.

O açúcar principalmente e as matérias gordas, são oxigenadas pelo oxigénio do ar que respiramos, no nosso corpo, produzindo o calor animal. São os combustíveis, da perfeita máquina humana e por conseguinte desempenham um importante papel no organismo do homem.

Além disso, sabeis que os alimentos que ingerimos, antes de nos fornecerem o calor animal são no nosso corpo, primeiramente transformados em açúcar. E é o figado podemos dizer, a oficina onde se opera esta transformação.

Não nos devemos admirar se observarmos que a irresistível atracção que as crianças têm pelo açúcar, principal origem do calor animal, é contrabalançada pela inimizade que têm pelas gorduras, alimentos que durante a sua oxidação, libertam o máximo de calor.

O seu organismo, cubica o açúcar porque repele as gorduras.

Também já tendes notado a avidez com que as crianças comem os frutos de toda a espécie, quer estejam sazoados ou verdes! É porque os ácidos vegetais e animais, têm grandes vantagens e entre elas a principal é ir estimular os intestinos que funcionam imperfeitamente. Calculemos a discordância que existe entre as necessidades instintivas da criança e o regimen a que os pais inexperientes e ignorantes as submetem, estas manifestações da natureza na criança, não só as desprezam, como ainda as coartam! Muitos levados pelos conselhos, das amas e doutros individuos que caprichosamente pretendem ser conhecedores de todos os assuntos, limitam-se estritamente a dar a seus filhos: pão e leite de manhã, chá e pão com manteiga à noite, ou outros alimentos como estes, insipidos.

E assim contrariam os instintos infantis esses pois que com o auxilio dum pequeno livro, que tratasse sobre estes assuntos, podiam preparar para o futuro, homens robustos e vigorosos.

Vejamos, as terríveis conseqüências desta abstinência.

Chega um dia de festa; os pais preparam belos jantares; para a sôbremesa há boas frutas e bolos. E é então nesses dias que as crianças saciam toda a sua vontade durante tanto tempo reprimida!..

Outras vezes, é um amigo que convida os pais a ir passar o dia a sua casa. Vão. O amigo tem um belo pomar! então seus filhos

vão para ele recrear-se; e logo o desejo, induzindo-os a todos os excessos. No dia seguinte não podem levantar-se; vem o médico, e reconhece que as crianças apanharam uma indigestão! Calculai o exapero dos pais! Vede como reprimindo o desejo dos filhos durante tanto tempo, deram ocasião a uma gravidade de que são os unicos culpados! E caso curioso, pretendem combater o mal, impondo para o futuro mais restrições à sensação do paladar das crianças!..

Porém terríveis acontecimentos se não dariam se facultassem quotidianamente às crianças, esses alimentos mais saborosos; frutos doces, etc., necessidades fisiológicas das crianças. Assim elas raramente comeriam mais do que o necessario. Estes alimentos dever-lhes-hiam ser fornecidos, às refeições das quais fariam parte inseparável, e não nos intervajamos delas.

Herbert Spenser, numa das suas obras sobre fisiologia, num período, que acho útil transcrever a respeito do regulamento da alimentação que alguns pais ministram às crianças como vantajosa; diz-nos o seguinte.

«A confiança extrema, com que os pais legislam para o estômago dos filhos, prova que ignoram as leis fisiológicas, se fossem mais instruidos, seriam mais modestos.

Jaime Mascarenhas

6.º ano comercial



A LAREIRA

Era numa dessas tempestuosas noites de Dezembro.

A tempestade rugia lá fora com um furor indescritível; a fúria dos elementos manifestava-se com toda a sua imponência.

Os relâmpagos, seguidos do trovão que ribombava surda e sinistramente, chegavam até nós, através da chaminé e das frestas mal calafetadas.

O vento soprava com tal violência que parecia abalar todo o orbe. E enquanto os meus irmãos escutavam atentamente as curiosas narrações da minha avózinha, o meu pensamento voava para esses infelizes completamente desprovidos da sorte, que neste momento estariam à mercê da tormenta.

Em dias semelhantes, quantos no alto mar não pereceriam em luta com as ondas, acabando por mergulhar nesse abismo insoniável e eterna sepultura!..

Quanto antes não chorariam a perda de al-

guem tão querido, que acochado pelas dural necessidades da vida, partira nalguma fráguas embarcação arrostando as temerosas manifestações da Natura, não mais voltando?!...

Não obstante, a minha avôzinha continuava as suas narrações cheias de variadas peripécias, ora tristes... ora alegres, e graciosas, enquanto que eu absorto em profunda meditação, já não via nem ouvia o que em redor de mim se passava.

Albino de Matos Vilarigues

1.º ano officinal

O FRANCESISMO

« Soneto »

Sempre simpatizei com o serão,
Talvez para de parte pôr *soirée*;
Detesto horrivelmente a *matinée*,
Porque, não sei ao certo a razão.

Muita gente há que gosta de *bouquet*,
Mas nunca serei dessa partidário,
Talvez me julguem muito imaginário,
Mas sempre puz de parte o *cabaret*.

Prefiro dizer lápis, a *crayon*,
Não gosto nada dos termos franceses.
Na nossa língua, assim como *fourgon*

Aplicado por nós tão bastas vezes;
Do mesmo modo não quero o *crépon*,
P'ra mim só servem termos portugueses.

Abílio Quadros

5.º ano comercial



Em digressões

No olhar tinham a raiva duma fera,
De espuma laivos na mordida boca,
Em viva discussão acesa e louca,
Dois infelizes sem razão severa!

No auge do contraste, o mais forte
Muito riado em sua força estranha,
No outro quis bater com doida sanha...
— Mas eis de ambos a mesma pouca sorte:

Uma violentíssima paulada,
Dada pelo tal forte cegamente,
Uma orelha ao rival deixou cortada!...

Mas este em dentadura bem valente,
Atira-se sobre elle e à dentada,
Também lhe eortou uma orelha rente!

Adelino Pandaio

7.º ano industrial

ILHA DOS AMORES

Lusiadas, Canto V 11

Com a saúde nos corações voltavam os argonautas à sua querida Pátria, trazendo a alegria na alma e a ansia de enlaçarem os entes adorados que nela tinham ficado.

Estava-lhes, porém, reservado pela sua protectora Cypria o mais dôce dos ócios, qual o de serem acolhidos numa ilha de encantos onde elles podessem olvidar as passadas fadigas.

Parte a Deusa dos amores para a côrte de Cupido a quem pede auxilio nos seus intentos, que logo lhe é prometido.

Já o ceu é cruzado pela Fama levando a tôda a parte a noticia dos feitos dos arroçados navegantes; já as ninfas vão sendo feridas pelas agudas setas do Deus amoroso que satisfazendo vão os desejos da formosa Cythêrea.

Beijado era já o Oceano pelos clarões indecisos da aurora, quando surgiram no horizonte as vélas das impávidas caravelas; no mar as ninfas entoavam os seus cânticos harmoniosos vindo afinal pisar a relva alveludada da insula dos Amores.

Nurha enseada quedaram os portugueses como que embevecidos na contemplação daquella ilha que elles supunham ser o paraizo; eram atraídos os seus olhares pela verdura dos outeiros matizada de boninas das mais vivas e agradáveis côres; mais além era o regato que com seus mormúrios lhes fazia evocar saudosos os rios da sua pátria, depois lagos cristalinos em cujas águas se miravam tristemente os salgueirais.

As árvores ostentando os seus frutos tentadores serviam de refúgio às aves que ao desafio soltavam os seus trinados maviosos.

Tão bem dispostos por esta deslumbrante paisagem desembarcaram os portugueses prontos a perseguirem os apetevidos vassallos de Diana, sendo grande a sua surpresa ao lobrigarem por entre o arvoredo figuras feminis cujos vestidos de côres garridas, casavam admiravelmente com a verdura da floresta.

Perseguidas foram as ninfas pelos mancebos que bem depressa lograram seus amores, alcançado as mais ternas caricias, bem como todos os deleites imagináveis que os vieram compensar dos duros trabalhos sofridos.

Regressaram os nautas à sua Pátria onde vieram matai uma saúde criada pela avicia, de longos meses, em que sofreram as mais ásperas privações.

João Brito

7.º ano comer. al

Ao amanhecer

Lá muito ao longe a aurora batalhava,
Com fúria insana as trevas esmagando
Do duro prélio o Ceu se coroava,
De côr punicea as nuvens matizando.

As estrêlas candentes, lacrimosas.
Tremem loucas de dor, de piedade,
E fogem apressadas, receosas,
Pelo Olimpo da Santa Eternidade!

A lua com sinistras gargalhadas,
Ria da desventura das rivais,
Enquanto as boninas orvalhada

Soltavam cá de baixo tristes ais.
— E os raios do sol surgem com nobreza
Abençoando a bela natureza!...

Mário Indício Vieira

7.º ano comercial

Impressões duma viagem

Continuação do número anterior

Indústria — Tem também esta região um certo grau de prosperidade. Encontra-se a hulha em Challans; Sablé e Angers dedicam-se, a primeira à exploração de pedreiras de mármore e a segunda à de valiosíssimas ardósias. Limoges e Nevers, são os dois principais centros de indústria das porcelanas, muitas das quais vós illustres leitores por certo conhecereis.

Caminhando mais para o Norte, deparámos com Gien e Briare, que possuem indústria das faianças artísticas.

Devido à riqueza das bacias hulhíferas de Bourgogne, a metalurgia está muitíssimo desenvolvida na região de Nivernais; havendo igualmente estabelecimentos metalúrgicos de máquinas agrícolas em Vierzon.

Em Bourges e na região de Auxarente em Rulles existem fundições de canhões; em Nantes e seus arredores encontrâmos fábricas de armas. As oficinas de Andre dedicam-se à fabricação de torpedos, élices, máquinas mo-trizes, etc. Trabalham-se telas na região de Mayenne e de Aussate em Cholet situada na parte sul do rio Loire; cutelaria em Châte-le-rault, havendo forjas em Basse-Andre. Finalmente, existem fábricas de papel em Angoulême.

Portos — Nantes — porto onde não aproam navios de grande cabotagem em virtude do açoreamento do rio Loire. É muito industrial, tendo como especialidade grandes fábricas de conservas alimentares e de refinações de açúcar. St. Nazaire, donde partem

navios para todos os portos da América e Inglaterra; La Rochelle que está em completa decadência; e por último citarei Rochefort grande porto militar situado na embocadura do rio Charente.

Vias de Comunicação — A mais notável é a do Loire, a qual difficilmente é navegável

Canais — Nivernais do Loire ao Yonne; Briare do Loire ao Sena pelo val de Loing; e finalmente o canal de Berri do Cher ao Loire.

Vias férreas — As vias férreas principais são: as de Paris a Nantes e St. Nazaire por Vandôme, Tours e Angers; a de Paris a Bordeaux por Orléans, Tours, Poitiers e Angoulême; Paris a Toulouse por Orléans, Vierzon, Limoges e Capdenac com bifurcação sobre Argent e por último a de Paris a Bordeaux por Chartres, Sammur, Niort e Saintes, com ramal para Nantes por Rochefort e La Rochelle.

Daqui se deduz que Paris é o centro da emaranhada rede ferro-viária.

Depois de ter dito algumas palavras acerca da geografia económica desta região creio que não será de todo inútil esboçar rapidamente o comércio da França.

O seu comércio tem aumentado de ano para ano. Mas se esse aumento se nota em valor absoluto, em valor relativo diminui o que se vê claramente comparando-a com as outras potencias comerciais.

Em 1865 a França occupava o 2.º lugar tendo a Inglaterra sobre si a primazia; em 1875 foi suplantada também pela Alemanha e finalmente em 1895 os Estados Unidos vem collocá-la em 4.º lugar. Em 1907 o comércio atingiu a cifra de 11.589:678.000 fr. ultrapassando 695:720.000 fr. a cifra de 1906. As importações, foram de 6.047:648.000 fr. e as exportações 5.543:030.000 fr. o que quer quer dizer que este pais tem uma balança de comércio desfavorável.

Importações e exportações para os principais países estrangeiros em 1907

Países	Exportações francos	Importações francos
Inglaterra	1.374:977.000	862:615.000
Bélgica	865:362.000	417:790.000
Alemanha	656:747.000	625:941.000
Estados Unidos	402:937.000	632:407.000
Suiça	336:482.000	115:550.000
Itália	247:954.000	184:608.000
Espanha	126:879.000	167:075.000
Argentina	109:353.000	257:399.000
Brasil	63:004.000	116:912.000
Rússia	58:959.090	275:088.000
Turquia	58:535.000	110:488.000
Austria-Ungria	44:985.000	78:236.000

Os principais produtos exportados d'êste país são: lãs, vestidos de algodão, seda e lã; peles em bruto e preparadas, sedas preparadas, produtos quimicos, metais, faianças, papel, vinhos, obras literárias, artefactos de coiro e madeira, etc.

Os produtos importados são: lã, seda, algodão, hulha, grão e frutos oleaginosos, máquinas, madeiras, cobre, petróleo, juta, linho, café, cereais, vinho, etc.

Devenotar-se que quasi tôdas as exportações constam de produtos manufacturados e objectos agricolas, ao passo que as importações são de matérias primas e produtos alimentares.

(Continua)

Raul Monteiro

7.º ano commercial



Pensando!...

O vento agita brandamente as arvores! que se conservam num constante rumorejar.

O melro está ali a dois passos, entoando melodiosos trinados e desafia as outras aves a juntar aos dêle os seus alegres cantos.

Eu, sentado na margem do sereno e pequenino Liz que bastantes recordações históricas, e amorosas em si conserva, escuto atenciosamente os sons que dos campos me chegam, amortecidos pelos espessos salgueirais que marginam o rio.

Alguns barcos, sulcam com lentidão as águas esverdeadas d'êste riozinho.

Passam ao sabor da corrente ou vão rio acima, mas nada me desprende dos pensamentos que se revolvem no meu cérebro.

O sol começa já a declinar... As vozes que há pouco mal se distinguiam, resoam agora claramente até mim.

São as canções d'êste povo trabalhador, que após um dia de labuta se dirige para casa,

Passam perto; sinto distintamente os seus passos, ouço o arfar dos seus peitos cançados do trabalho, adivinho os seus pensamentos, mas... não os vejo!

No entanto o sol afrouxa cada vez mais... O rio continua serenamente a sua marcha monótona, mas as suas águas já não são fendidas pelos barquinhos que há pouco navegavam. Os cantos do melro foram substituídos pelos rouxinol.

E eu alheio a tudo o que me rodeia, deixo pender a cabeça...

Sobresalta-me a realidade!

Onde me havia de encontrar?

— Oh! na sala de estudo.

Cheio de espanto, recordo-me agora de que as lições para o dia seguinte estavam ainda por estudar!...

Abílio Quadros

5.º ano commercial



NA ALDEIA

Eis-me no pitoresco penedo da Valjoga. O panorama que d'êste local se desfruta é verdadeiramente deslumbrante.

A meus pés corre sereno e silenciosamente por entre os salgueirais o ameno Tar, cujas margens ornamentadas por uma luxuriante vegetação, causam a admiração e assombro a todos os que pela primeira vez contemplam e admiram esta soberba paisagem.

A minha direita estende-se um pequeno bosque muito espesso e emmaranhado que durante algum tempo acompanha o curso do rio, e em cuja folhagem as meigas avezinhas entoam os seus alegres e maviosos trinados. Lá ao longe na linha do horizonte em tôda a extensão que a nossa vista alcança desdobram-se os vicejantes campos que servem de pastagem a numerosos rebanhos e onde os aldeãos executam os seus trabalhos agricolas ao som de monótonas e melancólicas canções.

Como são belos e encantadores, êstes poéticos campos da Beira!...

Durante bastante tempo permaneci imóvel contemplando aquele delicioso quadro da natureza, em que eu revia as amargas horas do meu humilde passado, ideando um futuro distante que eu entrevia envolto em duras trevas.

No entretanto, o dia ia declinando obrigando-me, bem a meu pesar, a afastar-me daquella lugar onde a fresca e salutar viração das horas do crepúsculo me vinha bafejar a face fazendo-me sentir um bem estar indefinível e uma sensação inebriante.

E o Tar correndo!... correndo!... vai-se espreguiçando pelos virentes campos como que a beijar o gracioso monticulo de risonhas casas brancas que alvejam ao longe.

Matos Vilarigues

5.º ano commercial



«As injurias eserevem-se na areia, e os benefícios no mármore.»

A ANTIGUIDADE DO HOMEM

Época da pedra polida ou dos animais domésticos

O facto mais extraordinário desta época foi, a descoberta dos metais. Um sábio atestou, que sem esta descoberta, a civilização seria impossível. O primeiro metal que chegou ao conhecimento do homem, foi o ouro, o qual viram que era arrastado em palhetas pela água dos ribeiros, e o brilho destas escamas despertou-lhe a curiosidade. Seguidamente descobriram o cobre, e este juntamente com o ouro, reuniram formando uma liga.

A prata só mais tarde foi divulgada. Não empregaram o ferro, porque este metal, só existia em minas. Obtiveram o bronze, fundido o minério de estanho com o de cobre.

Como o bronze era mais fusível, com êle contaram desde logo, para a sua indústria nascente. Já possuíam fábricas de fundição. Modelaram em vasos de areia, fundiam com perfeição espadas. A plebe servia-se de instrumentos de pedra. Crê-se que existiam fundidores ambulantes, os quais são hoje representados, pelos chamados «Alfineteiros». Fabriavam pregos, roscas de parafusos, punções, etc.

Um dos hábitos, que distingue, o homem desta época do da anterior é a construção de habitações lacustres. Quando se fizeram várias excavações no lago Zurich, acharam-se vestígios dessas moradas. É hoje sabido que essas habitações com que formaram aldeias se encontravam nas margens dos rios, como os grandes centros de comércio de hoje!

Como creio, o modo de construção interessante, vou descrevê-lo rapidamente.

Sobre altas estacas, que enterravam no lodo dos rios ou lagos, colocavam pranchas, o mais perfeitamente possível; mas como temiam que seus filhos ainda pequenos caíssem pelas frestas, amarravam estes por um dos pés, a uma corda. Um frisante exmplo destas cidades lacustres, é a cidade de Venesa.

Esta construção, era um meio científico de se defenderem dos animais ferozes, os quais ainda hoje tentam atacar, as povoações idênticas dos selvagens da época presente.

Como nessa época, o homem não tivesse ainda a razão suficientemente desenvolvida para se entenderem pela palavra; era a força que punha termo às dicórdias. Por isso, trataram de forticar as suas habitações que bem depressa, se converteram em terríveis fortalezas daqueles tempos. Afim de que as suas moradas fôsem mais elevadas, lançavam pedras

no fundo dos rios para que num escolhido espaço lhe elevar o leito. As estaca por êles empregadas teriam 5 a 6 metros de comprimento por 0,3 de diâmetro. Edificaram lindas cabanas de tecto inclinado. Algumas vezes, nos vales faziam idênticas habitações.

Nem a serra, nem a verruma eram por êles empregadas, o instrumento de maior emprêgo era o cinzel. As árvores de que extrairam madeira era principalmente o olmeiro e o carvalho. O sobrado era coberto com terra batida. Exteriormente as habitações eram emboscada pela ramagem e interiormente rebocadas com argila.

Comparemos a fauna actual com a desta época: o porco das tufeiras e uma raça característica de bois e carneiros, que viveram com o homem da época do bronze, já não existem. Os mamíferos selvagens diminuíram de grandeza.

O hábito de extrair a medula dos ossos existiu ainda nesta época.

A galinha e o gato, já a tinham domesticado. Apresentavam uma imperfeita ideia da limpeza, pois conservavam as imundícies à porta das suas casas.

A arte e o gosto foram as suas predilectas dedicações. O primor de arte, mostra-se nos martelos e machados. Os bordos das pontas de flexa são dentadas, de forma a produzir um rasgão mais doloroso. Faziam colares de pérolas de ossos que ofertavam as suas filhas como grande reliquia. Os alfinetes de cabelo eram tão bonitos que decerto produziram bom efeito, nas cabeças das donzelas de hoje. Todos estes lindos objectos, talharam no osso. Nas excavações feitas na Suíça encontraram-se valiosos objectos de bronze como machados cinzeis, facas com cabo de metal, etc. As navalhas apareceram nesta época.

(Continua)

Jaime Gil Mascarenhas

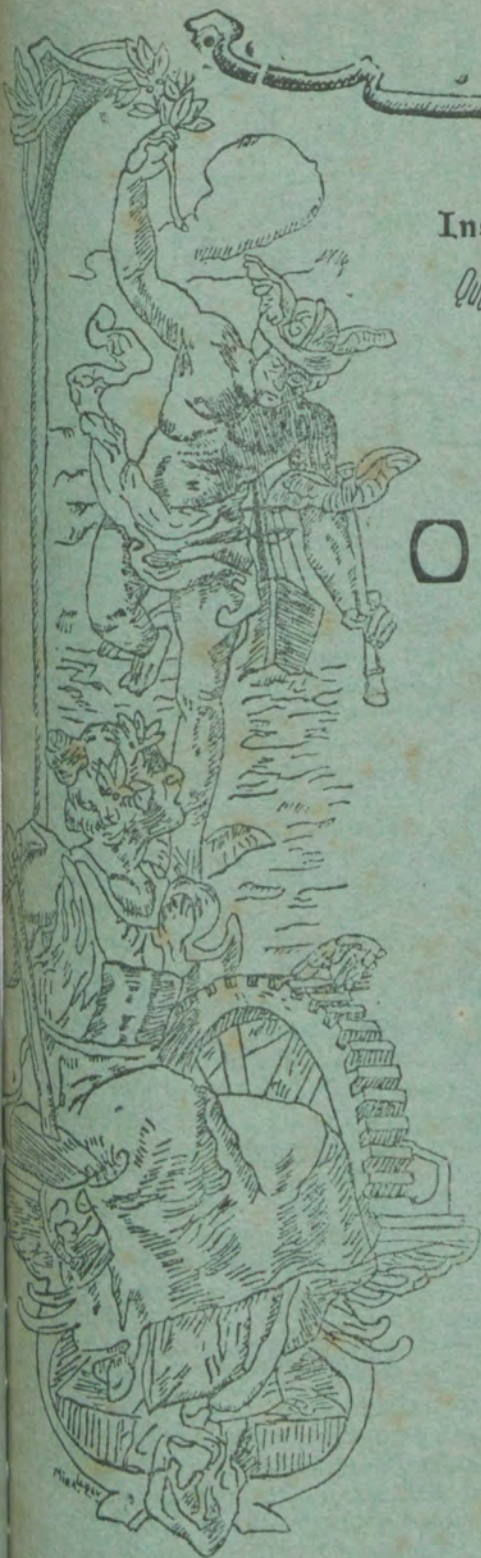
6.º ano comercial

Necrologia

Atacado por uma meningite faleceu o nosso camarada, n.º 209 Júlio de Almeida Garcia, na Enfermaria do Hospital do Rego. O nosso camarada frequentava o 2.º ano preparatório, sendo pelas suas qualidades, de caracter muito estimado entre nós.

A' sua família, os nossos sinceros pêsames.

Direcção



Instituto Profissional dos Pupilos
DO

Exército

Querer é poder — Preparemo-nos para a vida — Querer é poder

O PROFISSIONAL



SUMARIO

25 de Maio.....	Jaime G. Mascarenhas
A 1.ª Secção.....	Domingos. P. Barros
De Lisboa ao Porto.....	António B. da Costa
Anedotas.....	A. da Silva Carvalho
Ao Ex.º Sr. General Correia	
Barreto (Soneto).....	Abílio Quadros
No mar (Soneto).....	Abílio Quadros
Em horas tristes.....	Mário Inácio Vieira
A Estenografia.....	Antonio B. da Costa
O Profissional órgão quin-	
zenal?.....	20.12.16.24,15
A Antiguidade do Homem..	Jaime G. Mascarenhas
Tomada de Ceuta.....	Renato Brito
Belezas de Portugal.....	Renato Brito
Programa do 9.º aniversário	

Preço 5 centavos



1920

Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exérc.

Estrada de Benfica, 374

LISBOA

O PROFISSIONAL

Mensário dos Pupilos do Exército

Tesoureiro

Alfredo Tomé Serra

CONSELHO DE REDACÇÃO

Mário Inácio Vieira, Jaime Gil Mascarenhas
e Nascimento Cabrita

Secr. da redacção: J. D. Perry de Almeida e Brito

Director

Adelino Pandaio

N.º 29 — 5.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Maio de 1920

25 de Maio

Não cabe em nós alunos, descrever a importância patriótica da fundação deste estabelecimento; não porque não tenhamos a intuição precisa, ou que não prevejamos rapidamente os seus benéficos resultados; mas sim, porque perante o alto valor que ela representa e representará no seio da sociedade, nos torna mesquinhos e incompreensíveis, para evidenciar o que sentimos ao relembrarmos a data da sua fundação. E se bem que exultante, eu me abalançasse a reproduzir estas lacónicas ideias, foi com o fito de não deixar mergulhar no esquecimento a data inolvidável de «25 de Maio»!

Se hoje com o pensar de rapaz, eu faço uma deficiente apologia a esta obra, quem me dera poder manifestá-la e traduzi-la agora, como fruto do reconhecimento vindouro, observado nos acerbos trilhos da vida! Será então, que a nós, a quem esta vida de disciplina hoje se nos afigura agastadora, ao recordarmo-nos dela, sentiremos brotar no âmago, alegres saudades daqueles tempos da mocidade...

Sim, camaradas, dêdes tempos, em que junto como irmãos que éramos, — pois a Pátria é a nossa mãe comum — crescemos ilustramo-nos, e formamos o carácter; porque mais tarde, o Destino impelir-nos-á, a uns, pelos caminhos mais doces e suaves, a outros, pelos acres e espinhosos. E aqueles para quem a esperança e a sorte forem adversas; para êsses, os anos que aqui passamos despidos de cuidados sociais, serão a auréola obscurecida da alegria passada! E oh! quantas vezes a amargura lhes fará correr lágrimas de saudade!...



General Correia Barreto

Mas os outros, os que no berço da felicidade forem acariciados, não os esqueceis, e sempre que esteja ao vosso alcance, estendei àqueles um braço carinhoso, pois que, uma amizade eterna deverá ligar os filhos desta instituição. Não abandoneis os que honrados, vivam numa esfera social mais baixa; porque também a Pátria ao ver ao longe despedaçado o elo da tirania em que estivera agrilhoadada, ainda exangue, nos seus braços nos soube acolher dispensando-nos mil carinhos: os necessitados de outrora, serão os felizes de amanhã!...

Ah! mas a infima homenagem que podemos prestar ao digno fundador do estabelecimento, ao tornar-me extenso neste prelúdio, torna-me ainda mais ingrato.

Falei anteriormente nesta humanitária obra da República, e acho agora útil considerar; que se em 1911 um vulto patriótico, no alvorecer do novo regimen, se não houvesse lembrado de instituir esta obra social, acaso ela existiria? Não! responderiam uns, sim; diriam outros. Mas eu e meus camaradas não poderíamos sabê-lo e como prova de mais alevantada

gratidão a essa personagem, o Ex.^{mo} Sr. General Correia Barreto, publicámos no nosso mensário a sua fisionomia, que conquanto para estranhos não tenha valia alguma, para nós alunos, nota bem a amizade e o verdadeiro respeito que lhe dedicámos.

Levantemos pois bem alto o nome do Instituto, tornando-nos úteis à sociedade, para que um dia, se infelizmente, nos erguer a voz suplicante, nós como uma fonte de vida e coragem saibamo-lhe descerrar o crepúsculo de felicidade e do progresso: de forma que ela se orgulhe de dizer «Bendita Pátria que tais filhos deste!»

Jaime Gil Mascarenhas

6.º ano comercial

A 1.^a secção

Numa das encostas mais férteis da Serra do Monsanto, encontra-se situado um grande edificio, que fôra outrora o convento de S. Domingos. Com a implantação da República, transformou-se este, numa das Secções da benemérita obra que se chama Pupilos do Exército.

Esta secção fica contigua à antiga igreja de S. Domingos; possui aquella, dois monumentos, tais como: a Capela dos Castros e o Claustro. Por uma das saídas dêste, vai-se dar ao refeitório, o qual é tratado com muito esmero, entrando bastante claridade, o que o torna muito agradável à vista. Muito próximo à porta há duas pipas com água esterelizada.

Do lado oposto do Claustro, está situada a aula do 2.^o ano. Nas paredes estão suspensos vários quadros que representam máquinas em movimento, e outros mostram-nos colecções botânicas. A esta sala está contigua a do Desenho, que tem na parte superior duma das portas, um braço, símbolo de qualquer ordem religiosa.

Com frente para o pátio da secretaria, donde se vê a Casa da Reforma, está a sala do 1.^o ano, a maior e a mais bonita de todas desta secção. Ao fundo está um belo armário que contém aparelhos de física e química; ao lado dêste conserva-se uma máquina de produzir electricidade, que move um sistema de máquinas, as quais representam uma pequena fábrica. Nesta aula também está um piano, pois é aí, que nos dias em que há aula de música, o orfeão executa vários trechos. No meio do corredouro e à esquerda há uma escada que nos conduz à rouparia; e muito perto encontra-se a aula de Trabalhos Manuais. Esta sala está ornamentada em volta por várias colecções de sólidos e desenhos, bem como alguns utensilios agrícolas feitos de cartão.

Domingos P. Barros.

2.^o ano preparatório



Um bêbedo que estava sentado num banco, viu passar um automóvel e disse: «Bendita seja aquella infernal máquina, que com alguns litros de *ólcál*, vai ali que ninguém a agarra, *ó* passo que eu com *dózia* igual, estou aqui que *nã* mi posso *moxer*.» — A. S. C.

DE LISBOA AO PORTO

Estávamos em Julho.

Era já decorrido um ano de estudo, tempo este em que todos os trabalhos são apreciados.

Descançávamos, pois, nesses longos e belos dias que são as chamadas férias grandes.

Havia-se declarado a greve ferro-viária, pelo que o trajecto para minha casa, se tornava agora muito difficil.

Mas, por informações publicadas em editais, certifiquei-me de que existia um reduzido número de comboios.

As férias, passavam-se...

A greve não terminava.

Antes pelo contrário, agravava-se cada vez mais.

Não havia acôrdo algum.

No entanto não desanimei, e tomei a resolução de partir, apesar de tudo isto.

Comecei então por preparar tudo, e um belo dia, dirigi-me para a estação. Após a minha chegada notei que havia numerosa concorrência. Ali afluíam bastantes passageiros, pelo que se tornava difficil passar.

Consgo no entanto transpôr este primeiro obstáculo, e tomo lugar numa das carruagens, esperando ansiosamente que sôe a hora da partida.

Finalmente o comboio pôe-se em marcha, mas repleto de passageiros o que retarda o seu andamento.

Apesar de tudo, chega ao Entroncamento.

Na manhã seguinte, parte novamente, havendo a mesma concorrência.

Em mim, reinava sempre a inteira esperança de chegar ao meu destino.

De repente, um particular ruido, anuncia que há qualquer coisa de anormal. Tudo estremece. Espalha-se o pânico entre os passageiros.

O meu primeiro cuidado, foi esperar pelo momento de se poder apear. Olho, e vejo então as locomotivas caminharem por fora dos carris, tendo percorrido já uma grande extensão. Ele para, e eu apeio-me. Imensos gritos, eis o que se ouvia. Tudo estava danificado...

Todos reclamaram socôrro.

Efectivamente, começaram a aparecer algumas pessoas feridas.

Encontrava-me então perto de Alfarelos e próximo de Coimbra. O desastre havia sido preparado, pelo que são presas algumas pessoas por suspeitas, como implicadas no acontecimento e que estavam também encarregadas da vigilância da linha.

Pouco depois aparece um outro comboio extraordinário, que conduz alguns feridos.

Dirijo-me então para Coimbra, onde chego pouco depois das sombras da noite terem envolvido esta sorridente cidade.

O silêncio era completo.

Permaneço aí até ao outro dia.

Começava a amanhecer...

Saio fóra da carruagem, para socegar o meu espírito inquieto, e respirar também o ar fresco e puro da manhã.

Passeio para um lado e para o outro, próximo às águas do sorridente Mondego. É tal é a minha alegria e admiração quando a certa altura, dou com os olhos num pequeno quadro, que anunciava para dali a momentos um comboio.

Vai-se sucessivamente aproximando a hora marcada.

Porém, ela passa.

Não se realiza comboio algum.

Começo a desesperar-me...

Enfadam-me estes momentos de tanta incerteza!...

São 17 horas!...

As minhas esperanças, lentamente desaparecem.

Mas, o povo exaltado, reclama.

E resolvem então, com dificuldade, organizar um comboio, que se põe em marcha para o Porto.

Renasce em mim a esperança que de mim tinha fugido.

Não obstante a intensa alegria, que a aproximação do meu lar me causava, parecia-me completamente impossível que não houvesse mais algum embaraço, dificultando assim a minha viagem.

A noite aproximava-se. E com bastante contentamento me encontrava em Vila Nova de Gaia.

E, dentro em breve, entrei alegre e des preocupado em minha casa, ao cabo de alguns momentos agitados.

Antonio B. da Costa

5.º ano comercial

ANEDOTA

Uma menina cai ao rio e um rapazote apressa-se para salvá-la, pedindo-lhe a mão. Ela responde: «Mas o quê? o senhor já a pediu a meus pais?»

António da Silva Carvalho

2.º ano preparatório

Ao Ex.º Sr. General Correia Barreto

Das trevas, uma auréola de róseo esplendor,
Fizeste, oh grande génio, em prol da mocidade;
E desde esse momento a juvenil idade,
Começou a sentir a luz do teu amor.

Tua estridente voz chamou à realidade
O país, que jazia em tartufo sopor;
E em todo o peito nobre, um sacrosanto ardor,
Rebenta pela Pátria e pela Liberdade.

O pobre já contempla com êxtase a História,
O nosso grande altar como não há memória
Em todo o tempo o antigo e em todo o Universo.

A mocidade pobre encaminha-se à escola,
Onde vai receber, como bênção, a esmola
Que erguerá Portugal donde estava submerso.

Abílio Quadros

5.º ano comercial.

NO MAR

Soneto

O fero vento vibra seus rugidos,
A copiosa chuva fere o rosto.
O encapelado mar, solta bramidos,
E vê-se ao longe, lá qnási o sol-posto

Nas infinitas águas do Oceano
Navega um barco com dificuldade;
Amarram cordas, largam todo o pano,
P'ra conseguir fbgir à tempestade!

É rodeado por imensas vagas
Que ferozmente o tentam envolver
E cá na costa, oh!...enormes fragas,

Ameaçavam-no de que se vai perder.
Mas, vencendo o perigo que corria
Varava em terra quanto anoitecia!...

Abílio Quadros

5.º ano comercial

Em horas tristes...

Quantas vezes nas horas descuidadas,
Delírios de alegria, de prazer,
Eu vejo a morte, em formas descarnadas,
E aí, que medo tenho de morrer!

Na solidão do vale, outras porém,
Tristesas desta vida, recordando,
Vejo a feia abantësma e digo: «vem
A meus braços, queria morrer chorando.»

Mas num rápido olhar que ergo ao céu,
Torna-se invisível com seu véu;
E num acerba voz, tão do seu porte

Diz com fúria: havia dantes só a morte!
E eu, torcendo o corpo qual demente,
Amaldigo o que deu vida à gente!

Mário Indício Vieira

7.º ano comercial

A estenografia

Sabeis o que é a estenografia? Eu vo-lo explicarei embora singela e rapidamente. A estenografia, ao contrário do que muita gente supõe, é a arte de escrever por meio de signos o mais rapidamente possível.

Todavia, pessoas há, que julgam que a estenografia é a arte de escrever tão depressa como se fala. Não; não é assim.

Este ramo de saber humano cuja importância é muito grande, encontra-se entre nós quasi completamente desprezado. Mas nos países de um desenvolvimento maior que o nosso, como por exemplo a França, chega a ser quasi difficil a colocação de um empregado no comércio, que desconheça esta arte.

Pois, todos nós a devemos aprender, não só por não ser difficil, mas também por trazer inúmeras vantagens.

A estenografia está já bastante espalhada na França, Alemanha, Inglaterra, América, Espanha, e até nos países orientais.

Na França por exemplo, ensina-se nas escolas officiaes, elementares e superiores, chegando este ensino a ser obrigatório, auxiliando-o o Estado e fazendo ao mesmo tempo desenvolver também o gosto por este estudo estabelecendo para êsse fim em todo o país, prémios e diplomas. Por toda a parte se conhecem as vantagens d'este ensino. Assim por exemplo: um chefe de escritório abre a correspondência, chama os chefes das respectivas secções e distribui-a; estes tomam as suas notas e subdividem-nas pelos empregados que lhes dão as respectivas soluções. E tudo isto se faz rapidamente.

Todos atendem ao provérbio *o tempo é dinheiro*.

Além disso a estenografia é indispensável para a reprodução dos debates parlamentares, na advocacia, no jornalismo, etc.: como estes há variados exemplos.

No estrangeiro, a classe feminina tem da mesma forma profundos conhecimentos, sob esta arte, pelo que lhes são também facilitados alguns emprêgos.

Infelizmente em Portugal não tem encontrado meio de expandir-se; e então como sucede no estrangeiro numerosas raparigas poderiam encontrar vantajosa colocação se se conhecesse e popularizasse a esteno-dactilografia. Estando pois ao alcance de todos, é justo que todos nós a estudemos e aprendamos.

Verdade, é dizê-lo. Em Portugal se o Es-

tado se não põe à frente de um qualquer movimento cujo fim seja fugir da rotina e da indiferença, todos os esforços falecem, toda a boa vontade esmorece, todas as tentativas de progresso falham.

Repito: Portanto é útil que todos a estudemos e aprendamos porque o saber não ocupa lugar.

Felizmente este estudo pratica-se no Instituto já com largo desenvolvimento, tendo relativa facilidade qualquer aluno que se dedique, ser empregado no comércio.

É de toda a justiça lembrar aqui, o esforço empregado pelo illustre professor Manuel Joaquim da Costa.

António B. da Costa

5.º ano commercial

O Profissional, órgão quinzenal?

Que bela suposição agora se espalhou! Contudo a base em que ela assenta, não é de todo desrazoável... Até hoje o Profissional tem sido impresso numa máquina de pequeno formato para trabalhos commerciaes, aproximadamente com a superficie duma página do nosso mensário; o qual antes de impresso metia-se na máquina nove vezes.

Agora já a nossa officina tipográfica, possui uma grande máquina de impressão de branco, cilíndrica, sistema Marinoni, movida a electricidade e assim sómente em trez vezes se poderá imprimir o jornal. Já ouvi dizer que com um pequeno esforço êle se poderia publicar, quinzenalmente!... Aceitámos essa noticia pois já não quero referir-me à demora da composição... E, para que tal se tornasse verdadeiro seria necessário procurar bem no mercado uma máquina «Capricho Iniciativa»!... ou antes o que seria o ideal; comprar uma máquina que formasse pensamentos, e que transmitindo-os por escrito, sem dúvida poria termo a uma antiga e eterna difficuldade, que escusarei de mencio-

nar... E daí para o futuro os nossos leitores, quando fôsem procurar os membros da Redacção satisfeitos encontrariam, um membro que os substituiria! «Uma Máquina intelectual». Mas como nenhuma destas máquinas existe o nosso órgão continuará como até hoje a ser uma espécie de mensário... se qualquer tragédia lhes não vier dar entusiasmo!...

20-12-16-24-15.

A ANTIGUIDADE DO HOMEM

Idade dos metais

Braceletes e anéis de bronze ornavam os dedos das jovens. A olaria tomou mais incremento, e conheceram o vidro. Já fabricavam estofos contudo não tinham a comodidade das ricas poltronas e sofás de hoje. O comércio era ainda a permuta dos produtos, tendo já um carácter expansivo. O pão aparecia frequentemente nas suas mesas. Constituía as suas sobre-mesas; maçãs, bolotas e abrunhos. Tiveram um lindo gosto pela jardinagem.

Por fim o cão tornara-se um seu amigo inseparável.

Época do ferro

O homem sentia necessidade de obter um metal mais duro e mais barato que o bronze. Depois de grandes esforços conseguiu encontrar e utilizar o ferro: e à medida que os trabalhos d'êste metal se desenvolveram, a actividade intellectual do homem progrediu paralelamente.

No fim da Época do bronze, a metalurgia alcançou um notável progresso, o que levou a concluir que os progressos de substituição do bronze pelo ferro, se operou com relativa facilidade.

Obtiveram o ferro pela redução do carvão sobre o óxido de ferro, pois o ferro metálico só se encontra nos aerólitos. Em consequência desta redução, o ferro apresentava-se como uma massa esponjosa, sem o auxilio da fusão.

Os instrumentos de ferro vieram juntar-se aos de bronze, para substituir a pedra de que primitivamente se serviam.

A data cronológica da época do ferro começou, como crê a maior parte dos autores no ano 2:000 A. C. terminando com o alvorecer dos tempos históricos. No inicio da época do ferro foram encontrados na Austria em Hallstadt por um director das salinas de Salzburg

nesta localidade, perto de 1:000 túmulos. Êste achado revela-nos a transição da época do bronze para a do ferro. Os homens desta época já não colocavam os mortos em pequenos jazigos subterrâneos: queimavam-os.

Indicam-nos a existência d'êste costume, o ter-se encontrado nos despojos de Hallstadt, alguns vasos contendo cinzas. Geralmente queimavam só metade do esqueleto.

O hábito de colocar nos túmulos espadas, punhais, lanças, machados etc, é ainda hoje adoptado. O esmero observado nestes instrumentos denota bem, o estado do desenvolvimento industrial desta época. A arte, pela sua perfeição, era sem dúvida o prelúdio das maravilhas, que sob o ceu da Grécia mais tarde se nos apresentaram. Os braceletes e os alfinetes, que vulgarmente se encontram, eram executados com gosto e muitas vezes adornados com pingentes. Contas de colares de âmbar, algumas delas esmaltadas, eram também um precioso objecto de adorno. A louça não obteve progresso algum sobre o da época anterior; a sua massa é ainda mal cozida e denegrida.

Porém o facto mais caracterizante d'este época, é a aparição das moedas de prata, bronze e estanho. Os petrechos de guerra, cotas de malha, utensilios para viaturas, eram por elles muito bem preparados.

O comércio era já florescente, não se executando só por troca: a moeda favoreceu-lhes o tráfico mais ou menos desenvolvido. A agricultura estava tão adiantada, quanto os seus conhecimentos permitiam, naquela auro-ra de civilização.

Cultivaram as árvores de fruto e deram-lhes muito aprêço. O amanho do solo estava em pleno vigor, no entanto instrumentos agrícolas só se conheciam as fouchinhas.

O tipo humano do Homem da época do Ferro era idêntico ao de hoje. Os troncos e esqueletos encontrados nesta época, indicam uma raça semelhante à nossa.

Concluindo, a época do ferro, considerada ainda nos seus primitivos tempos, é a data da verdadeira civilização dos povos Europeus. Agora a continuação d'êste estudo, deixa de pertencer ao Naturalista, para sómente se conhecer nos dominios da Sciência do Heródoto.

Ultimas palavras.

Tenho por fim terminado o meu deficiente e insípido bosquejo, que enfastiou, como notei alguns meus camaradas, práticos em folhear livros do teor daqueles donde eu transcrevi êste trabalho.

Jaime Gil Mascarenhas.

6.º a.º comercial

Tomada de Ceuta

Ceuta é a grande cidade situada à beira do Mediterrâneo que serviu outrora de estação para as temíveis e poderosas expedições que vinham assolar os povos da Península Ibérica.

Estas incutiam-nos terror e tinham por fito aniquilar-nos e como consequência arrebataram a nossa desejada independência.

O primeiro rei da segunda dinastia foi como sabeis, D. João I.^o, o mestre de Aviz, eleito pelo povo, o qual soube defender e governar. Do seu laço matrimonial com D. Filipa de Lencastre, figura esbelta, loira e encantadora, denotando bem o tipo loiro inglês, provieram 6 filhos, dos quais os mais distintos foram: D. Duarte, que foi o sucessor do trono; D. Henrique, o iniciador dos descobrimentos; D. Fernando, o cativo de Fês; e D. Pedro, ilustre pelo grau de instrução colhido nas diversas viagens.

Depois de terminarem as lutas com a poderosa Castela, veio ao espírito aventureiro dos portugueses, a idéia de conquistar a África. Os infantes foram os que primeiro conceberam esta idéia, aconselhando-se com sua mãe, que se encontrava enferma da epidemia que grassava com intensidade pelo nosso reino.

Ela respondeu-lhes afirmativamente encorajando-os.

No entanto seu pai também não regeitou tal proposta, o que aliás não seria de bom gosto, pois era cavaleiro distinto e condecorado com a ordem da Jarreteira.

Iniciaram-se preparativos. Nos estaleiros notava-se grande animação; nos matadouros matavam-se diariamente milhares de rezes que depois eram salgadas; os pescadores procuravam apanhar a maior quantidade de peixe possível, que depois salgavam nas praias portuguesas.

Entretanto chamava-se gente para cooperar na luta sangüinária que em breve se ia travar.

Assalavam a Península os mais desafortunados boatos...

D. João I.^o ordenou que a armada fundada no Pôrto, já completa, se dirigisse para Lisboa, afim de se juntar à armada que se encontrava surta no Tejo.

Saiu a Barra do Douro com vento favorável, o que contribuiu para que a sua marcha fôsse veloz.

Os infantes dirigiram-se a sua mãe enferma, de quem receberam as espadas reluzentes que iam retalhar as carnes dos árabes.

A esquadra levantou ferro.

Lisboa neste momento de amargura dir-se-ia deserta. Todas as esposas dos heróicos soldados, se haviam dirigido ao cais de embarque derramar lágrimas de pesar, despedindo-se êles confusamente das suas desventuradas esposas e noivas.

Os pontos altos situados à beira mar, estavam coalhados de povo.

Deu-se o sinal de partida. As velas abriram-se os marinheiros começaram com a sua lida puxando os cabos e exercendo o seu mister, e as caravelas seguiram silenciosas rio abaixo, envolvidas em cruel saudade, mas acalentadas pela esperança risonha dos troféus sem conta em que sua querida Pátria se sublimaria.

Da terra seguiam com a vista a rota das caravelas até ao seu desaparecimento no horizonte, dando-lhes o seu ultimo adeus.

A alegre Lisboa achava-se agora sepultada em profunda tristeza, sentindo a falta dos habitantes que constantemente admiravam a sua formosura. Mas não só ela sentia a ausência dos seus habitantes; também os alegres campos choravam os seus cultivadores. Portugal mergulhou-se em profunda melancolia.

Depois de alguns dias de viagem, chegaram a Ceuta com grande contentamento dos infantes que impacientemente aguardavam o termo da viagem.

D. João apesar de estar ferido numa perna, dava as ordens de desembarque.

Começava raiando a aurora. Os raios solares reflectiam-se já sobre o terreno que daria lugar ao formidável combate.

D. Henrique seria o primeiro a desembarcar mas o fervor que ia já tomando grande incremência nos peitos dos heróicos soldados, fez com que João Fogaça cavaleiro destemido, embarcasse numa baleeira e se dirigisse para a praia. Logo todos lhe seguiram o exemplo, pois todos queriam ser os primeiros.

Momentos depois do desembarque apareceram por entre os raios reluzentes que despediam as cemitarras, rostos queimados pelo sol, e vinham fazer face às forças portuguesas.

Feriu-se o combate. De ambas as partes se pelejou com incrível denôdo, ouvindo-se o tinir dos alfanges e lanças, os gritos lancinantes dos que morriam sem que pudessem sustentar a terrível avalanche.

Em breve os mouros estavam vencidos.

Entre os furiosos inimigos destacava-se uma figura selvagem, de horrível aparência, beiços grossos, estatura gigantesca, figura

atlética e côr de cacau, lutava com notável destreza à pedrada, infligindo grande medo aos nossos soldados, e causando consideráveis ferimentos nos portugueses.

Martins Vasque de Albergaria, que deparou com essa figura horrenda, varou-o de lado a lado com uma lança. Findo este encontro, viu-se grande multidão de soldados que empurrando-se uns aos outros entravam por uma das portas da cidade. Era D. Henrique e a sua gente, que arrombando-a, por ela entravam. O castelo foi rápidamente tomado, não oferecendo grande resistência.

Entretanto desembarcavam D. Pedro e o Condestável que mais uma vez vinha oferecer os seus serviços à Pátria.

Puzeram a cidade a saque, para se apoderarem das riquezas pertencentes aos habitantes da cidade, expulsando-os, para os bosques próximos.

Durante a noite as fôrças mouras restantes fizeram uma investida para recuperar o perdido, mas foram repelidas.

Foi a partir desta data que o ódio e desprezo dos mouros para com os portugueses começou. Infelizmente tiveram ocasião de se vingarem da afronta por nós causada, na desastrosa batalha de Tânger, em que além de termos perdido a batalha, ficou, como penhor o infante D. Fernando cativo em Fês. Dos portugueses morreram 8, conquanto os mouros sofreram baixas consideráveis.

De volta a Lisboa os infantes encontraram apenas um leito vazio no local onde tinham deixado sua mãe, enferma.

Tinha falecido, abençoando os esforços de seus filhos que para a Pátria criara com esmero.

Renato de Brito

4.º ano comercial

Belezas de Portugal

Quem embarcar num comboio que se dirija para a *Beira Baixa* encontrará logo em seguida ao túnel do *Rocio*, campos mais ou menos cultivados, e aqui e além um pomar, um pequeno bosque, uma horta, etc.

Depois encontrará o rio *Tejo*; seguindo pela margem esquerda, encontram-se as gran-salinas, que se estendem por alguns quilômetros.

Em seguida encontra vários arrosais, que cobrem grande parte dos terrenos do *Riba-tejo* duma e doutra margem do rio.

Continuando a marchar, avista várias fá-

bricas, de gesso, soda, descasca de arroz, de louça de *Sacavem*. etc., Nesta região abunda o gado bovino e cavalar

Avistam-se também pinhais importantes, tais como os da *Azambuja*.

Depois aparece a povoação chamada a *Ribeira de Santarém* em que existe a vinha em grande abundância.

Há em seguida pinhais, azinheiros e sobreiros principalmente em *Vila Velha do Rodão*.

Depois começam a aparecer os grandes olivais perto de *Castelo Branco* cujas oliveiras dão muito bom azeite que tornam característica essa região.

Esta região é mais ou menos sêca e por isso pouco produtiva.

Transponham a estação de *Alcains*.

Dai avistam-se os pinheiros alcantilados da *Serra da Guardunha*.

A travessia do espaço entre *Alcains* e a *Serra da Guardunha* é maravilhosa.

Encontram-se belos pomares, cujos apetitosos frutos se podem colher do comboio.

Nesses belos pomares adunda principalmente a pera, a maçã, o figo e a cereja.

Então reaparece a *Serra da Gardunha*.

Ao longe vê-se uma povoação mais ou menos pequena rodeada duma linda e encantadora vegetação. Essa povoação é chamada o *Fundão*, vila situada na *Cova do Ouro*.

É uma região fertilíssima situada entre a *Serra da Guardunha*, *Estrela* e a do *Loureiro*.

Estas serras são cobertas duma linda vegetação constituída principalmente de pinhais e soutos. A principal produção da *Cova do Ouro* é a batata, e a do centeio, não obstante produzir também outros cereais tais como o trigo.

O milho é cultivado principalmente nas margens do rio *Zézere* e dos seus afluentes. O regimen das águas é bom, e por isso todas as culturas se dão bem. A sua flora é muito variada.

Há todas as variedades, cerealíferas muito boa batata, bom feijão, grão, etc.; tudo bom; o que é essencial para a vida.

Produz frutas muito variadas, das quais as mais importantes são: peras, maçãs, melões, melancias, cerejas marmelos, figos, etc.

A vida pastoril está ainda pouco desenvolvida, não obstante existirem boas pastagens para criação de gado.

Existem também montados, olivais, pinhais soutos, aguas minerais que têm aplicação na medicina.

Renato de Brito

4.º ano comercial



Instituto Profissional dos Pupilos do Exército

FESTA DESPORTIVA

Comemorando o

9.º ANIVERSÁRIO

Dia 25 de Maio de 1920

— PROGRAM —

- Exercícios de ginástica sueca
- Saltos em altura
- Corrida de trez pernas
- Esgrima de baioneta
- Corrida de sacos
- Corrida de barreiras
- Corrida de estafetas
- Esgrima de florete
- Assaltos
- Jogos infantis
- Desafio de «foot-ball» entre os cursos comercial e industrial

Distribuição de prémios

Instituto Profissional dos Pupilos
DO
Exército

Querer é poder — Preparemo-nos para a vida — Querer é poder

O PROFISSIONAL



SUMARIO

Justiça.....	Lembrança dos Cursos Finais
Camões.	Mário Inácio Vieira
Soneto.....	Abílio Quadros
Noites Saudosas	Adelino Pandaio
Em horas tristes.....	Mário Inácio Vieira
Factos e Esperanças.....	Jaime G. Mascarenhas
A festa da Flôr.....	Fernando Corado
Impressões duma Viagem..	Raul Monteiro
Para Bocejar.....	Leonardo Cêlio
O Concurso da nossa Tuna.	A Direcção
Carta dum ex-aluno	Barroso Junior
Ecos.....	A Direcção

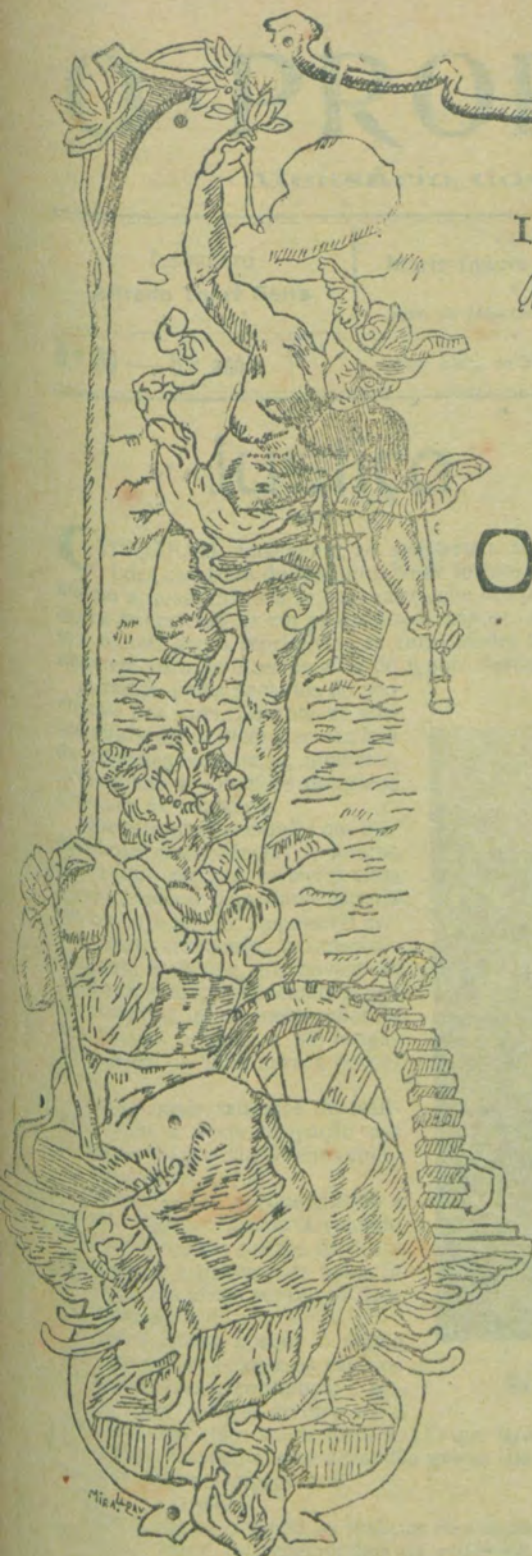
Preço 5 centavos



1920

Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exérc.

Estrada de Benfica. 374



O PROFISSIONAL

Mensário dos Pupilos do Exército

Tesoureiro
Alfredo Tomé Serra

CONSELHO DE REDACÇÃO
Mário Inácio Vieira, Jaime Gil Mascarenhas
e Nascimento Cabrita
Secr. da redacção: J. D. Perry de Almeida e Brito

Director
Adelino Pandaio

N.º 30 — 5.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Junho de 1920

Justiça

CHEGARAM, finalmente, ao seu termo, as nossas lides escolares do Instituto. Neste formoso vergel, lançou a nossa infância as suas raízes que nos prendem agora às certezas de um passado sem mágoas. Ao mesmo tempo são irreprimíveis as curiosidades que nos impelem para os incertos vãos do ignoto destino.

Atraídas pelos encantos do provir que nos sorri cativante, as nossas almas pressentem a severa luta da injustiça humana, e, inquietas, principiam a sofrer os doloridos prazeres da saúde.

Que estranha harmonia! que maravilhosa discórdância! A mesma porta que fecha o primeiro ciclo da vida, abre-se para a larga estrada do nosso futuro. É impossível evitar, neste momento, a indecisão fatigante, pois que, nos vaivéns do nosso enlêvo, simultaneamente nos dominam as ternas melancolias do crepúsculo outonal e as meigas claridades de uma aurora primavera.

Nunca mais sairemos do Instituto com a despreocupação das horas de tolga e tão serenos como na véspera de férias.

Somos felizes, porque chegou a ocasião de provarmos a valia do nosso esforço, os acertos da nossa educação e a têmpera da nossa fidelidade aos ideais supremos donde promana o dever.

Somos felizes porque o sonho dos nossos projectos e os cálculos da nossa ilusão, continuam a agitar-se como poeiras de ouro sob a luz suave do claro sol da fortuna. ¿O que fará porém, de tantos devaneios, essa deusa tão gulosa das frenéticas emoções do imprevisto?

Nem ela o sabe.

Distrai-se, espargindo as malícias da sua incoerente bondade sobre os redemoinhos da existência. Brinca eternizando a energia da instabilidade. Diverte-se, apertando as finas malhas do nosso enredo.

E mais nada. Cada um lá se aphenha com a agitada ressaca de caprichos que são a espuma do oceano da vida.

Ah! Como ela se esvai!

Com o sol que se erguia do horisonte, foi subindo a nossa mocidade e assim encontramos a mortalha dessa aurora, na luz formosa deste dia, pelo qual tanto suspiraram os nossos corações. Assim vivemos, saudando com hinos de esperança o bem que desejamos e ge-

mendo agonias de um pungente adeus, aos bens que já não temos.

Por isso a nossa despedida é uma festa com que é impossível reproduzir as lágrimas da saudade.

Deixemo-las seguir o seu destino. Elas irão orvalhar piedosamente as flôres da gratidão que todos nós tributamos aos heróicos defensores da República.

Com o seu patriotismo, com os seus sacrifícios e com o próprio sangue do seu martírio, foram êles que estabeleceram e fundaram os alicerces da escola povo.

¡ Escola para o povo português ! ¡ Que sublime e formidável empresa !

Respira-se ainda, em Portugal, a negra fumarada dos autos em que foi calcinado o desejo de indagar a verdade.

Mas há dez anos que os crimes, e os erros de muitos séculos se arrastam, impenitentes mas subjugados, raivosos mas impotentes perante a inabalável auctoridade das escolas da República! Por isso bem-dizemos nós, os humildes filhos do povo que, no Instituto Profissional dos Pupilos do Exército viemos a encontrar a justa consagração dos nossos méritos, conquistados pelo exercício moralizador do trabalho profissional.

Por amor dêles, os nossos professores organizaram o Instituto Profissional de modo que os seus alunos aprendam a obter nas aulas e laboratórios, nos exercícios militares e nas oficinas, nas excursões e nos recreios, a satisfação que resulta da boa consciência, a profissão que robustece o estudante, o saber que nobilita o operário a pontualidade que dignifica o soldado.

E dentre os nossos mais dignos educadores, realça-se o vulto do

nosso Ex.^{mo} Regente, Sr. Capitão-tenente António Ferreira de Sousa; sim, dêsse dirigente, que não esmorece o seu carinho por esta instituição, e que se tem tornado incansável por desvendar o futuro feliz e honroso dos seus dedicados educandos.

Quando nós, nas paradas militares, festas e concursos sabemos elevar o bom nome do Instituto, pela conduta moral e militar, imediatamente reconhecemos que êle está radiante e cheio duma satisfação que a não podendo reprimir, se vem esboçar na sua fisionomia, num indelével sorriso de alegria e orgulho!

E neste momento, nós os que vamos deixar o Instituto, emocionados por uma suave e inefável alegria, cercada de nascentes e imorredouras saudades, como gratos à República, dirigimos aos Ex.^{mos} professores o preito do nosso reconhecimento.

Lembrança dos cursos finais.



Cap. 1er. António Ferreira de Sousa

CAMÕES

O nome de Camões, o nobre e inquebrantável cantor dos portugueses, de alma fogosa e poética é hoje universalmente conhecido.

Desde a opulenta cidade até às aldeias mais recônditas do nosso querido Portugal, o seu nome sagrado ecoa em tôdas as vozes, com o mais férvido entusiasmo e é acolhido nos corações jubilosos dos lusitanos com justo e sentido orgulho.

Não sucedia porém isso há trez séculos e meio. Definhado lentamente nas amarguras do destêrro, da miséria do seu amor infortunado, Camões ao voltar à Pátria, sentiu faltarem-lhe as forças, o alento, e assim, passado pouco tempo morria com a *ditosa Pátria sua amada, com as Tágides*. . . e a poesia portuguesa ficou por assim dizer de luto; desprezada.

Passados 60 anos Portugal ressuscitou; mas, o poeta repousa na modesta capela das freiras de Santana, sem a mais leve inscrição no seu humilde túmulo que nos dissesse descansar ali um dos filhos mais queridos da Pátria, e que não ressuscitou. Ressuscita porém ainda que mais tarde o seu nome a sua alma, nos seus *Lusiadas*.

Bem cedo ainda nos tempos de estudante principiou a evidenciar-se pelos seus dotes poéticos e guerreiros. Mas, não tardou que sobre ele caíssem logo as áscuas malditas da inveja e conseqüentemente do ódio.

Desterrado de Coimbra, depois da haver feito o último adeus às águas do Mondego dirigiu-se para Lisboa. Na capital acentuaram-se mais os acordos da sua tuba harmoniosa, mas cresciam também com tória o rancor e as intrigas contra êle. E assim pouco tempo depois era escorraçado do torrão santo que o viu nascer e onde morreram os seus amores afortunados, para a longínqua Índia.

Ai permaneceu durante alguns anos, onde compunha, nas diminutas horas de repouso, que lhe davam os inimigos da Pátria, os *Lusiadas* do grande povo que floresceu e que algum dia há de florescer novamente. Encaminhando-se um dia para Goa a fim de desmentir uma calúnia injuriosa que os seus inimigos lhe armaram, foi tomado de surpresa por uma tempestade, afundando-se o navio em que viajava; iam perdendo o baluarte sagrado!

Mas, se as ondas que cercam a terra outrora tão ambicionadas pelos portugueses e que lhes deu a benção da imortal glória tivessem escondido no abismo das profundezas do Oceano os seus cantos, seria o poeta por acaso desco-

nhecido? Não. Restava-lhe ainda a sua lira, tão bela como patriótica, tão a norosa como triste, donde saíram os mais consonantes sons replectos de vivo entusiasmo e requebro, que bem poderiam já, imortalizar o primeiro épico português e um dos maiores entre os maiores do mundo.

Foi na gruta de Micaú que êle recebeu a triste noticia da morte da adorada Natércia, onde via todos os momentos no Oceano a côr dos seus olhos formosos, e ao despontar da aurora o doirado das suas madeixas. Ali compoz êle apoz a infausta nova, indubitavelmente um dos primeiros sonetos portugueses, que no regresso à Pátria mandou gravar no túmulo da sua amada:

Alma minha gentil que te partiste. . .

O silêncio invejoso de muitos escritores contemporâneos pretendia ocultá-lo no esquecimento; porém essa relutante e imodesta atitude não fazia mais que elevar os merecimentos do poeta e colocá-lo no lugar que merecia, de príncipe dos poetas portugueses.

A morte arrebatando Camões de improviso não lhe deu tempo de coligir e publicar as suas numerosas poesias. Uma grande parte delas encontravam-se por isso, nas mãos dos particulares que as guardavam com néscia avareza, e já muito viciadas pelos vários copistas que lhe tiravam parte da sua bela consonância. Além disso os jesuítas, julgando outras talvez pecaminosas para com a religião, arquivaram-nas, usando-as apenas para o estudo da lingua, dando em resultado serem mais tarde devoradas por um pavoroso incêndio.

Finalmente, viveram muitos anos desprezadas as obras de tão grande português: mas a ingratidão dos nossos antepassados é agora repudiada.

Os *Lusiadas* ensinam-nos hoje a sermos portugueses. As cinzas de Camões repousam hoje nos Jerónimos, o Panteon dos filhos mais gloriosos da Pátria, tendo à sua frente a praia donde partiu a armada dos verdadeiros *Lusiadas*, que nos ensinam a ser portugueses e que a mocidade tem quasi de cor! essa mocidade que há de tornar ditoso o nosso querido Portugal.

Mário Inácio Vieira

7.º ano comercial



Não louves o varão pela sua gentileza, nem desprezes o homem pelo seu exterior; pequena é a abelha entre os animais voláteis, e, contudo logra o seu fruto a primazia da doçura.

SONETO

Desfaz-se aos pés de alguém um coração
Estrebuchando em lágrimas de dor,
E roga no seu pranto, com fervor,
Um olhar que lhe apague essa paixão;

Mas eis que lhe fenece o seu amor,
Acaba nêsse instante uma ilusão,
Ao ouvir pronunciar como um clangor
Uma áspera palavra, um simples «não»!...

Assim também, eu ando num barquinho
Que oscila na corrente, em desalinho,
Esperando que o salves dêste perigo.

Mas vem depressa: estou a naufragar;
Vem para junto a mim, quero-te amar
Um só momento, e morro então contigo.

Abílio Quadros
5.º ano comercial



Noites saúdosas...

As noites deleitosas que voaram
Foram um breve instante, já não tornam!
O mundo das visões que me transformam
É das lembranças que elas me deixaram!

Absorto às vezes como que sonhando
Recordo minha sombra a deslizar,
(Feita pelas brancuras do luar)
Qual fantasma no deserto andando!

Ah! noites lindas, noites de saúde,
Em que dispersas já da imensidade,
Vêm tristemente as lágrimas da lua!

Que bem me sinto a recordar-vos, belas!...
Que saúdades tão doces! Que querelas
Furas e santas duma dor tão crua!

Adelino Pandaio
7.º ano industrial



Em horas tristes

Um dia fui ver a paz do cemitério,
O alívio das mágoas, das loucas paixões,
E depois vi em ti, ó torrão funério,
Um amigo fiel, nas virgens solidões.

Desde, então nas horas tristes de amargura,
la compartilhar contigo a desdita;
Chorava em teus braços, cruz da desventura,
E, aliviava minha pena infinita.

Mas um dia sentado junto a um coval,
Não sei se ilusão doida, se realidade,
Vi, nessa tristeza, alegria sem igual!

Fujo raivoso, em ânsias, em desatinos,
E só lá voltava ao deplorar dos sinos,
Sonhar os sorrisos da Eternidade!...

Mário Inácio Vieira
7.º ano comercial

Factos e Esperanças...

A educação do homem para ser completa deverá abranger os trez ramos: Intelectual Moral e Físico. O terceiro ramo o qual propuz mostrar a sua marcha no Instituto, é de tão alta consideração, que o notavel filósofo americano *Emerson*, disse a seu respeito: «a primeira condição de prosperidade duma nação é que seja formada por *bons animais*».

Como fonte principal do desenvolvimento Físico, temos como sabeis os Desportos: e se este colégio desamparando-os, só se limitasse a produzir cidadãos instruídos e cultos para a sociedade, não desempenharia o seu perfeito papel; porque isso seria insuficiente.

Nunca esqueçamos, que também a instrução e educação moral, estão tão intimamente ligadas, que a ausência duma torna nulo o aproveitamento da outra.

Além da instrução física, que determina o perfeito regulamento da saúde do homem, também é nela que se encontra muitas vezes o lenitivo e alívio dos trabalhosos afazeres intelectuais. Contudo, a instrução física e intelectual, devem ser ministradas na mais harmoniosa proporção e coordenadas com o dispêndio vital. Os prolongados exercícios manuais e físicos, inibem o individuo, da aplicação das suas faculdades intelectuais, diminuem a fertilidade do espirito, e algumas vezes provoca a inércia mental, que só depois dum descanso relativo se supera. Um facto bem caracterizante se observa nos camponeses que constantemente entregues aos árduos trabalhos do campo, o seu intellecto jaz num estado mórbido e atorfiado.

Mas para evitar terríveis conseqüências daquela natureza, os horários das escolas e casa-de trabalhos, não são operações tão banais de fazer, como muita gente pensa; mas um horário bem orientado e com pericia, é tarefa que se entrega ao Pedagogo ou ao Fisiologista.

Apontados os defeitos do excesso de aplicação física, evidenciarei os do demasiado trabalho de memória.

Um pequeno excesso de aplicação mental provoca o estacionamento físico; a estatura será mais baixa, os músculos rudimentares e a qualidade dos tecidos um pouco inferior, devido á quantidade de sangue roubado a estes, pelo funcionamento mais acelerado do cérebro.

Um acentuado excesso de trabalho intelectual, transmite-se ao nervo — *Vagus* — que

liga o coração com as vísceras — que nestas condições chega a paralizá-lo!

A digestão e qualidades dos alimentos, também tem uma grande influência, no funcionamento intelectual.

Deixai-me tornar ao assunto que resolvi mostrar, porque estou assim agastando-vos em inutilidades.

Desde a fundação do Instituto tem sido ministrada quotidianamente até ao presente, a Ginástica Sueca. Apoz um ano de existência, iniciou-se a construção do Ginásio que embora pequeno com êle nos temos remediado. Não muito se fez esperar que o jogo do Futebol aqui se não introduzisse, e posso dizê-lo sem errar que até hoje tem sido o único desporto abraçado pelos alunos com ansiedade e pena é que o campo esteja ainda impróprio para tal jogo.

Imediatamente apareceu a patinagem e ciclismo; estávamos no ano de 1914.

Nêste mesmo ano entramos em 2 concursos de educação Física, inter-escolares. Num fomos conferido um diploma em Ginástica; e no outro, obtivemos a vitória no jogo da Bandeira, contra os alunos do Colégio Francês, pelo que fomos igualmente premiados. Êste ultimo concurso realizou-se no campo da E. Militar

Nos dois anos seguintes, cooperamos nos exercícios de Instrução Militar e Ginástica, no antigo Hipódromo de Belém. Em 1917 abrilhantamos uma festa nocturna nos antigos Desportos de Benfica, onde também se apresentaram a nossa tuna, e escola de ginástica.

Provas públicas de ginástica não me recordo de qualquer outra. De então para cá, afora as provas finais anuais, sómente teriamos cooperado na Festa do Jardim Zoológico, se a Direcção médica não nos tivesse inibido de sair do Instituto.

Todos os anos temos concorrido ao Campeonato escolar de Futebol, mas êste ano, quando apenas havíamos jogado só um desafio, e o motivo acima levou a Direcção do Futebol, a excluir-nos por faltas sucessivas.

Consoante aos outros Desportos como patinagem, ciclismo, por vários motivos, entre os quais o principal foi faltar dinheiro para reparações, morreram completamente.

Mas agora sabemos que, o sr. Comandante Sousa e outros srs. Officiais entre êles o sr. tenente Perestrelo, nos darão o seu apoio, para que com o auxilio duma subscrição promovida entre nós, reapareçam êsses Desportos, tão propícios e necessários são a um estabelecimento de ensino moderno e completo.

Também já possuímos o nosso bilhar, mas

como houvesse falta de salas para o desenvolvimento das aulas, êste foi suprimido e guardado numa arrecadação; mas agora infelizmente acho difficil a sua reaparição, porque as bolas de marfim, entristeceram-nos com o seu incógnito paradeiro...

Ultimamente tem-se falado na fundação de aula de dança.

Realizar-se-ão tão belos melhoramentos?... Oxalá! Mas que o pouco que se fizer, que será sobretudo para levantar o nome da nobre instituição, seja secundada, pelos Ex.^{mas} dirigentes e professores; porque esta obra contando já quasi 10 anos de existencia é forçoso criar nela todos os benefícios, como se tem feito no Instituto Feminino de Educação e Trabalho e Colégio Militar, em que a existência das suas benéficas Filantrópicas, deve ser já o exemplo a seguir. Felizmente já êste ano se começou a pensar nisso; e é nosso dever reunir as nossas vontades e energias, para que sem fracassos levemos a efeito, transformando assim, o sonho em profícua realidade! Camaradas, e para o conseguirmos coadjuvemos a bela vontade e disposição do Sr. Perestrelo, que tão desinteressadamente está disposto a orientar-nos.

Jaime Mascarenhas



A festa da flor

(No Instituto Feminino de Educação e Trabalho)

Como filhos da República que somos, vindouros e estremecidos defensores da nossa Pátria; não poderíamos deixar de admirar com profundo respeito o Instituto Feminino de Educação e Trabalho, uma obra transformada pela República que numa benção de carinho e ternura, acolhe sob as suas azas, aquelas que futuramente replectas da vida e sentimento pátrio, serão as esposas e mães carinhosas, dos defensores dêste Portugal rissonho.

Com gratas recordações que meu peito acalenta, desde aquele domingo em que irmãmente cooperamos na sua simpática festa, sou forçado a exprimir se bem que incompetente, singelas palavras que são o eco radiante dum puro sentimento fraternal, igualmente colhido por meus colegas.

Limitar-me-ei a esboçar um fraseado, que é o testemunho verdadeiro da alegria que de nós se apossou, quando pela primeira vez nos foi dado o prazer de observar de perto, todas as manifestações do desenvolvimento li-

terário e artístico das alunas daquela Instituição.

Foi-nos sobremaneira agradável observar dentre os belos números do programa a parte que disse respeito aos génios, Epico, Lirico e Dramático dos nossos poetas através dos tempos, dos quais alguns sonetos foram hábilmente recitados.

Não menos interessante se nos afigurou a parte teatral, em que algumas alunas muito se salientaram.

Por último o orfeão também se fez ouvir com alguns interessantes e variados números, a que a selecta assistência teve ocasião de applaudir.

Sua Ex.^a o Presidente da República, que juntamente com alguns Srs. Ministros assistiu aquela carinhosa festa, saiu de certo convicto que é só uma orientação perspicaz para a formação da aluna e do carácter da mulher que aquela Instituição se propõe efectuar.

E é nesta hora grave em que a independência e a honra nacional estão em jôgo, em que os destinos da Pátria perigam, em que a Deusa da desgraça parece querer ajeitar sobre as nossas cabeças e os pronúncios da tempestade e tentam destruir, que eu e meus camaradas, enviâmos um voto de saúde, para aqueles grandes e briçosos portugueses que tão hábilmente se têm desempenhado na grande missão da orientação do ensino dentro daquele estabelecimento.

A maneira agradável como nos recebeu, o mesmo corpo docente e a lembrança da coadjuvação da nossa Tuna na sua útil e linda festa são factos contantemente lembrados e jamais esquecidos.

O amor ao trabalho, o asseio e a disposição lógica, que o ensino ali toma, é mais do que promotor; é o prelúdio proficuo duma geração nova repleta de luz, paz e dedicação.

E é a meu ver que escolas como esta, criando organismos fortes e de carácter bem formado, que Portugal, a nossa querida Pátria, acordará da sonolência em que tem estado mergulhado e numa nova aurora de trabalho e de progresso, abençorá este povo de tão grandes tradições históricas.

Fernando Corado

6.^o ano comercial



Só a instrução e educação ennobrece o homem; e não uma avantajada situação, obra do fortuito acaso: ou dons e títulos, herança do mérito dos seus ascendentes.

J. M.

Impressões duma viagem

S.t Nazaire a Plymouth: Em 26 de madrugada, o navio levantava ferro e voltava a proa para Plymouth, tendo sido este pequeno percurso feito quasi sempre junto á costa.

Mas no mesmo dia pela volta das 16 horas, entrou no Braz do Seiu fundeando pouco depois na Baía de Moyet, donde saiu ao romper de alva de 27, com o seu primitivo rumo pelo Four: até que ás 18 horas, chegámos à vista das recortadas costas da Inglaterra, ancorando por fim na cidade a que nos dirigimos.

Esta cidade está situada a 6°, 30' de longitude Oeste e a 50°, 25' de latitude Norte; é um porto militar inglês; e pelas informações que tive ocasião de colher, é uma cidade razoavelmente comercial, e na verdade lá vi numerosas casas abarrotadas de artigos vários, destinados ao comércio.

Como era belo ver aquele movimento! E o socêgo que se espalhava das 12 às 14 horas; em que fechavam todos os estabelecimentos assim como às 20.

Aquí onde me demorei uns 8 dias, apenas tive tempo de visitar Devemport que lhe fica muito proxima, pouco mais tenho a dizer pois seria, enfastidiar o espirito dos leitores com narrações inúteis; pois o único fim que lá nos conduziu foi o meter-mos carvão.

Plymouth a Cherbourg: As 19 horas de 2 faziamo-nos ao largo para Cherbourg, onde chegamos pela volta das 13 1/2 horas do seguinte dia; sendo para mim extremamente bela a entrada nêsse grande porto militar, pois que nele esperava ir encontrar como de facto succedeu, ainda parte dêsse punhado de heróicos soldados portugueses, que expuseram a sua vida pela causa mundial, nesses campos de França, defendidos com anêlo pelos seus bravos homens, mas não com menos heroicidade pelo nossos.

Era ali que havia sido colocado o Corpo Expedicionario Português. (C. E. P.).

Regressando da grande Inglaterra encontrei-me quasi que sem saber, nesta cidade situada a 3° 55' de longitude Oeste e 49° 40' de latitude Norte, pois que grande parte da viagem se fez de noite.

Ora nesta cidade minha alma parecia mais alegre que nunca, durante esta para mim tão encantadora viagem.

Sorria e chorava, porque olhava saúdoso e contente os restos nas ruas dos valorosos

soldados que combateram na pavorosa guerra de 1914.

Sentia-me feliz no meio das tristezas.

Cherbourg a Lisboa: Alguns dias depois saía desta encantadora terra às 14 horas com destino a Lisboa onde chegamos 3 dias passados, às 15.

Será vexar bastante o exagêro; e é com certeza muito incoerente a observação; mas um não sei quê que tanta vez me fez triste lá pelo estrangeiro, atacando-me com uma raiva doida e faminta, 48 horas depois de deixar a saudável Cherbourg, em breve me fez despertar a recordação do marulhar das ondas buliçosas que brincam em deleites pelas românticas praias da nossa amada terra. Vagueou então na minha ideia a lembrança dos carinhos doces que há muito já não via e o sopro doutra brisa cuja doçura parecia, mais tentadoramente me lembrava o pátrio berço. Os jucundos sorrisos de tudo que me embalava, convenceram-me deveras ser já o aroma idola trado das belezas de Portugal.

Oh! tão cheio de contentamento, duvidei um pouco, julguei loucura, mas como por encanto o soberbo trecho vem pôr tranqüilo e calmo o meu espirito. Era da saudável Pátria, a esbatida sombra que meu devoto olhar admirava. Convencido, deixei os olhos tão sedentos desse perfume, adorar saudosamente, um desabafo louco de saúdaes essa tenuíssima sombra, como o mesquinho asceta adora um triste altar, que o lampear exausto dum cirio ilumina pobrememente.

E assim no doce refrigério desse contemplar bendito, senti os ósculos da loira madrugada e as fascinantes carícias da tardinha até que pelas 14 horas cheio duma felicidade nunca suposta, me espelhava novamente nas idosas aguas do Tejo amado!

Não gostaria de deslembrar nesta minha narração como prova de penhorado reconhecimento, o nome de Sua Ex.^a o Ilustre Comandante do Cruzador Auxiliar « Pedro Nunes » Cap. de Fragata, Alberto Carlos Aprá, pela gentileza tão fina com que sempre se prestou a esclarecer-me de tôdas as minuciosas perguntas, consequência da minha natural curiosidade, provando assim que na sua alma aflora a mais sublime erudição.

Raul Monteiro

Aluno 7.º ano Comercial

A delicadeza para a alma elevada, é um dever tão imperioso como o da justiça.

Não se meta a governar os outros, o que não sabe governar-se a si próprio.

Para bocejar

O ano foi tão escasso em peripécias que não merecem as honras desta mal alinhada crónica...

Que houve durante o ano?

Todos os anos para variar; idem!

Quere dizer, neste qualquer coisa de novo houve.

Coisa que não tinha razão de ser, e que nasceu... de quê?

Confesso que me sinto atrapalhado ao buscar na minha infiel memória a causa originária do surdo conflito que ia dividindo o Instituto em duas fracções prontas a entrar em luta!

Não, a luta pelas armas que só saíam dos seus armeiros para apanhar o belo fresco gelado da manhã durante a Instrução Militar, mas a luta das intrigas e que faziam dos Pupilos (2.ª Secção) o *Louvre* dos tempos de Catarina de Médicis.

E o que foi, que fez perder por tempo, a união que tem existido sempre nos alunos?

Pensamentos de crianças em corpos de homens: grande rivalidade entre dois cursos, nascida de qualquer pequeno incidente de vida de estudantes.

E o caso é que ia caindo o Carmo e a Trindade...

Descobriram-se conspirações, nomeavam-se os conjurados, e seus chefes.

Contra quem se dirigiam tais revoltas, não sei; pois que movimentos sediciosos, só, se fazem contra o poderio dos melhores colocados, e cá, não me consta que haja alguém (no corpo de alunos) em situação superior ou inferior a outros.

Enfim; o caso desta vez arrumou-se sem deixar de haver de vez em quando uma pequena erupção do vulcão mal extinto.

Tôdas as *estrêlas* vão girando no espaço e os alunos vão também à medida que terminam os seus cursos, dando lugar aos que estão lá fora esperando vaga.

De modo que este incidente não passará deste ano.

Que mais? que mais? debalde me tento recordar.

Agora, já voltou à história o célebre tema de discussão: a Indústria é melhor, o Comércio é peor e vice-versa.

Não se compenetrarmos de que só da união dos dois ramos de actividade é que um país poderá viver e que qualquer deles não pode existir sem o outro.

Os alunos dos Pupilos, mercê do seu horário que, poucas horas de descanso concede, não se divertem como os das outras escolas congêneres, em partidas mais ou menos engraçadas, mais ou menos selvagens. De modo que entre os alunos nada mais há a noticiar.

* *

Vejamos a respeito do Instituto propriamente dito.

Pouca coisa também.

Mudança de aulas, de professores, novas oficinas, projectadas modificações no regulamento e não sei se no uniforme...

Já têm sido tantas que mais uma menos uma já não faz diferença. E mais nada, horário igual ou com pouca diferença do que vigorava o ano passado, de vez em quando um ou mais feriados não marcados no calendário e que resultam da falta de professores, motivadas pelas *grèves* dos eléctricos; e findaram as minhas notas a este respeito na minha carteira de apontamentos.

* *

Passemos à secção desportiva.

Este ano fomos bastante infelizes.

Desde que devido aos esforços do Ex.^{mo} Sr. Migueis chefe das nossas oficinas, nos inscrevermos na Associação de Foot-ball que não deixamos de todos os anos tal fazer.

Neste, porém os nossos homens de *sport* sofreram uma rude decepção, — pois que lá me passou esta em branco em cima — devido à maldita doeça que nos fez estar perto de um mês sem pôr mos pés nas ruas da nossa amada Lisboa, fomos eliminados das provas.

Em parte porém, foram os próprios jogadores os culpados de tal suceder, pois que preveniram a Associação que estavam ini bidos de comparecer no campo tarde e a más horas.

Não admira que tal sucedesse pois que como bons portugueses, deixam para amanhã o que deviam fazer hoje.

Assim no dia 25 para comemorar a fundação do Instituto organizou-se uma pequena festa desportiva em que se revelaram aptidões para exercicios de maior vulto.

É preciso porém que não seja o Foot-Ball o único passa-tempo dos alunos.

Bem sei que a pobreza do Instituto não permite mais largos vôos mas porque não se forma uma associação semelhante às das outras escolas?

Algumas tentativas se têm feito é verdade mas infelizmente não têm tido o resultado desejado: mas recordem-se da divisa do Instituto

Passemos a outros assuntos.

Não é estranho a ninguém, que até dos poderes públicos o Instituto é, mais ou menos desconhecido.

Parece porém que tardiamente, mas mais vale tarde que nunca, êle vai saindo do obscurantismo devido a uma série de actos, o primeiro dos quais foi a ida à exposição da arte na escola em que os trabalhos executados nas nossas oficinas em concorrência com escolas tais como a Marquês de Pombal, Afonso Domingues etc, obtiveram uma medalha de ouro; até aos recentes convites para irmos colaborar em várias festas e onde nós nos temos sabido impor.

É já que se fala tanto em aproximações, iuter-câmbios etc, porque senão aplica semelhante doutrina aos Pupilos? Os resultados seriam ótimos, como já se pode verificar nos factos acima descritos.

Uma das melhores alavancas para tal successo, era sem dúvida o nosso Profissioal se a êle presidisse forma diversa de coordenar os elementos para a sua formação.

Este ano estreiou-se logo de modo a descontentar alguns alunos.

É costume proceder-se às eleições para escolher os corpos gerentes. Porém agora não se fez tal, invocando a razão de haver alunos que por brincadeira elegiam quem não possuia os dotes necessários a bem desempenhar a sua missão. Infelizmente era verdade mas porque senão reuniram os alunos dos cursos mais adiantados?

E o resultado foi haver quem não tivesse capacidade para votar e a tivessem para colaborar e por vezes intensamente no Profissional, porta-voz dos alunos.

Voltando porém ao assunto de propaganda desta obra da República acho estranho que no Profissional só apareçam assuntos literários; poucas vezes referentes ao Instituto e menos ainda scientificos que dessem bem a impressão do nosso estado de instrução

Bem sei; artigos desta natureza são para os seus autores por vezes inglórios, mas água mole em pedra dura... e acabariam por se acostumarem a compreenderem as belezas da ciência.

Creio também que os artigos a respeito do Instituto deveriam na medida do possível, ser acompanhados de fotografias e êsses números enviados para as bibliotecas dos jornais e do Estado.

Outro modo de activa propaganda seria enviar para tôdas as partes possíveis uma fita cinematográfica respeitante ao Instituto.

Embora já se fale nisso até ao dia em

que eu acabei este insignificante trabalho tal coisa ainda não sucedeu.

Enfim acabaram-se os meus apontamentos e V. Ex.^{as} devem concordar comigo de que foi escasso, muito sensaborão para nós o ano escolar de 1919-1920 em assuntos próprios da nossa idade e da nossa situação.

Mas (torno a repetir) a nossa vida quotidiana não nos dá tempo para aquelas memoráveis partidas que ficam perpetuadas nos registos dos outros estabelecimentos congêneres, porque a nossa vida é de trabalho e assiduidade.

E se V. Ex.^{as} tiveram a benevolência de chegar ao fim desta desgraçada crónica sem bocejar 40 vezes previno-os que será a última vez que o individuo que se assina com o nome não averbado nos registos do Instituto, dará motivo para tal...

Leonardo Célio.

O concurso dos alunos nas festas do C. Militar e I. Feminino

É com o maior contentamento que transcrevemos os seguintes art.^{os} da ordem n.º 37 de Junho de 1920:

«O concurso dos alunos do Instituto do mui digno cargo de V. Ex.^a no espectáculo promovido e realizado ontem pelos alunos deste Collegio no Teatro de S. Luis, pela forma como foi feito, deixou estes extremamente penhorados, podendo afirmar-se que elle muito contribuiu para o bom êxito da festa.

Interpretando o sentir de todos os alunos do Collegio Militar apresso-me a enviar a V. Ex.^a em nome dêles e em meu próprio nome a expressão indelével do muito reconhecimento e agradecimento por esta alta prova de solidariedade entre os alunos destes dois Estabelecimentos, prova que muito convém cimentar no que V. Ex.^a encontrará em mim o mais desinteressado e leal apoio.» O Director (a) *Bernardo Faria*, General graduado.

«Em nome do Instituto venho apresentar a V. Ex.^a o nosso profundo reconhecimento pela forma gentil como V. Ex.^a correspondeu ao nosso apêlo para que os alunos do Estabelecimento de Educação que V. Ex.^a mui dignamente dirige, viessem cooperar na festa das Flores.

Todos os louvores são poucos para êsses alunos, quer pela forma correcta como se apresentaram, quer pela bella execução do seu reportório, tendo dado á nossa festa o excepcional brilho, honrando ao mesmo tempo a escola a que pertencem e o pessoal docente que sabe educar por tal forma.» (a) *Frederico António Ferreira de Simas*, Tenente Coronel.

Carta dum ex-aluno ao aluno Comandante da Companhia por ocasião do Aniversário do Instituto

Um dever impera neste dia sobre mim; dever que é também um preito de gratidão a quantos conheci nessa casa de educação e instrução. Não quero, e não posso, olvidar o dia que os meus amigos comemoram hoje.

Prendem-me aí e a todos os que à sombra das azas protetoras da República se acolheram os laços da mais profunda amizade e as flores da minha melhor saúde.

Só hoje começo a compreender o valor que o nosso Instituto representa no País, só agora eu sei olhar para esse edificio onde vivi feliz e descuidado as melhores primaveras da minha infância, com respeito, com emoção, como se nesse templo sagrado ficasse para sempre preza a minha alma.

Nós que aí nos acostumamos a sonhar, muitas vezes numa hora cruel de desilusão, volvemos para lá os nossos pensamentos e bendizemos tudo e todos que carinhosamente nos cercavam.

Outros deveres me obrigam pela primeira vez, a faltar à vossa festa — que também é minha — tão singela decerto, mas deveras tocante de alegria e amor pela casa que nos abrigou caridosamente e nos preparou homens honrados e úteis.

E sendo assim, peço a ti meu velho amigo e condiscípulo a fineza de abraçares todos os rapazes a quem me prendem os mais gratos laços duma velha camaradagem.

Não posso igualmente deixar passar o aniversário da fundação do Instituto, sem vos testemunhar, hoje como sempre, a minha mais estreita solidariedade para o engrandecimento da mais bella obra da República, trabalho que já votei o melhor esforço da minha pequena inteligência e continuarei votando para sua glória e nossa honra.

24/5/920

a) Barroso Junior

ECOS

É com grande júbilo, que temos sentido a acção desportiva desempenhada pelo Ex.^{mo} tenente, Sr. Henrique Perestrelo, sr. oficial que se oferecera para combater a causa da Pátria, e depois de ter sido condecorado pelos seus feitos em França, regressou ao seu lar; meses depois, apresentava-se voluntariamente para fazer aqui serviço.

Amante dos Desportos e jornalismo desde tenra idade, o brioso militar, não poderia deixar inactivas aquelas qualidades, e enquanto aumentava a sua convivência, o seu carinho e entusiasmo pelos desportos intensificava-se. A festa Desportiva do dia 25 de Maio, foi organizada em parte sob a sua direcção.

Tem sido incansável na Instrução de esgrima de baioneta, na direcção dos treinos de Futebol, assim como nos ensaios da festa final do 7.º ano.

Também a Direcção do *Profissional* vê nele o desenvolvimento nascente e fecundante pelo mensário, e cremos com satisfação que será um protector como o foi o illustre cap. Sr. Ribeiro Gomes, que actualmente se encontra em missão uma das nossas colónias.

Pode o Sr. tenente Perestrelo, ficar certo que encontrará nos alunos, a máxima boa vontade e gratidão com que nos esforçaremos por corresponder a esta acção proficua e desinteressada.

A Dir. po-



N.º 31 — 6.º ano

Director — Jaime de Mascarenhas — Secretário — Renato de Brito

Outubro de 1920

NAS PROVAS FINAIS DE 1920

«O Instituto dos Pupilos do Exército é uma das grandes obras educadoras da República. Atravez dela se pode ver como que por intermédio de um dos seus expoentes mais altos, o valor e demais qualidades da Raça.

27 de Junho de 1920.

a) António José d'Almeida»



O aluno Pandaio comandante da 2.ª comp.ª depois de ter sido felicitado por Sua Ex.ª o Presidente da República

Encerramento do ano lectivo

1919-1920

Realizou-se como é da tradição também este ano a festa final do encerramento dos trabalhos escolares.

E' positivamente para lembrar este dia de saúde que eu desejo descrever-lhes com palavras simples e claras a nossa mesquinha festa, cheia de viveza e mocidade.

A festa começou às 15 horas, hora a que chegaram vários representantes do Governo entre elles os Ex.^{mos} Srs. Ministros da Guerra e Interior acompanhando Sua Ex.^a o Presidente da República.

A' sua chegada encontravam-se os alunos numa formatura geral, fazendo-lhe a guarda de honra, seguindo-se o desfile perante Sua Ex.^a, iniciando-se assim a festa.

Em acto continuo dirigimo-nos para o teatro; e enquanto Suas Ex.^{as} visitavam o edificio a tuna preparava-se para executar os seus trechos de música.

Terminada aquela visita, as altas personagens foram para o teatro, onde tiveram a ocasião de ouvir um brilhante discurso proferido pelo Sr. Oliveira Moraes distinto professor deste Instituto, referente a este estabelecimento.

No palco recitaram-se duas poesias pelos alunos Antunes e Quadros, dedicadas a Sua Ex.^a o Presidente da República.

Após esta simpática saudação, a tuna executou vários números que foram muito aplaudidos pela assistência.

Fomos então para a Parada onde iniciamos os exercicios ginásticos, jogos infantis pelos alunos da 1.^a Secção e finalmente a tática de infantaria que foi brilhantemente executada pelos alunos da 2.^a Secção, pelo que foram bastante aplaudidos, tendo S. Ex.^a o presidente, felicitado o aluno Comandante da Companhia.

Os dignos magistrados do Governo assistiram duma tribuna a todos os exercicios, que tinha sido armada para esse fim, e que à noite serviu de palco, na récita ao ar livre.

O facto mais importante desta simpática festa foi a inauguração da nova oficina de fundição vasando-se em bronze o busto da República, com assistência dos membros do ministério e do Ex.^{mo} Presidente.

Terminada a festa diurna Suas Ex.^{as} retiraram-se depois de visitarem esta bela obra da República, ficando verdadeiramente maravilhados.

Passado algum tempo iniciou-se a festa nou-

turna, fazendo se ouvir novamente a tuna com as suas composições, que em seu maior número são original do Ex.^{mo} professor de música C. Brás.

O Sr. Grilo fez uma conferência muito entusiástica cujo assunto era concernente á Humanitária obra que desempenham as mutualidades.

A récita decorreu mui animada sendo alguns números da representação assaz applaudidos.

Os alunos do 5.^o e 7.^o anos e 3.^o ano official, cantaram em côro o *Fado da Despedida*, cuja letra era do aluno do 7.^o ano Adelino Pandaio, e a música do hábil mestre de música Sr. Costa Brás.

A' meia noite terminou esta indelével prova de alegria e dedicação por este estabelecimento da República, tendo os alunos levantado *hurrahs* às figuras em destaque no nosso Instituto.

E a festa terminou. Mas a saúde que dêsse dia nossos corações encerram não feneceu! Não... Ela acompanhar-nos-á pela vida fora, e nas horas amargas duma ilusão pungente, beberemos no cálice da ventura, os doces sorrisos da mocidade inolvidáveis dêsse dia.

António J. Pinto

5.^o ano comercial

Secção Científica

TREMORES DE TERRA

Durante os últimos séculos o nosso globo tem pressentido terríveis abalos, denominados terramotos ou tremores de terra.

Qual a sua origem?

A esta pergunta ainda a sciência não poud responder dum modo positivo, pois só há relativamente pouco tempo se recolhem elementos de observação metódica e scientifica. Todavia, já se distinguu 2 espécies de tremores de terra: os vulcânicos e os não vulcânicos.

Dizia-se antigamente que o nosso planeta era uma fornalha ardente, líquida e gasosa, coberta por uma delgada crosta sólida; está provado que não, pois o calor que se observa quando se profunda no solo não passa além de 2 a 2,5 km. de profundidade.

Se repararmos bem, vemos que todos os vulcões existem junto do mar, e que, os que actualmente se observam extintos no interior

das terras, estiveram outrora nas condições dos actuais.

Isto explica-nos que os vulcões não provêm das matérias incandescentes que existem no interior do globo, mas sim, da expansão dos gases provenientes das acções químicas entre a água do mar e certas rochas que ela tende a decompôr.

Nas regiões vulcânicas, são os tremores de terra devido aos desmoronamentos internos, provenientes das acções químicas locais.

Nas regiões não vulcânicas, eles são devidos a muitas causas, das quais a mais importante é a consistência interna do globo.

Pretende-se hoje que o interior do globo é pastoso, tendendo para sólido devido ao movimento da Terra conjugado com a temperatura frígida que a envolve.

Explica-se o caso do modo seguinte: não sendo o nosso globo, uma fornalha ardente era contudo razoável supôr, que ele interiormente estivesse a uma temperatura muito superior à da água em ebulição, mas pelo desenvolvimento que a terra tem tomado, é natural que nos seus princípios fôsse nebulose e sol; sendo assim, era a temperatura então elevadíssima. Na idade carbonífera a vegetação no polo era igual à do equador, nestas condições é provável que o centro do planeta seja pastoso até completo resfriamento. A sua temperatura é ainda de alguns mil graus, mas girando no espaço sob uma temperatura de 270° abaixo de zero, e recebendo apenas o calor do sol, o globo continuará a resfriar, condensando-se e contraindo-se, acompanhando as camadas exteriores os movimentos do núcleo central; daí, as ruturas, apêrtos e deslocamentos naquelas camadas. O que para o planeta é uma coisa insignificante, para a humanidade é muitas vezes uma grande catástrofe.

Muitas outras causas concorrem para o mesmo fim, embora menos importantes, mas que todavia não deixam de fazer sentir a sua maior ou menor acção.

Os tremores de terra manifestam-se de variadíssimas formas: umas vezes são pequenas erupções, outras vezes são violentos abalos, e outras ainda, ao mesmo tempo que se dá o movimento vibratório abrem-se no solo grandes fendas por onde se somem rios e cidades, que se fecham esmagando tudo quanto lá caiu.

De todas as grandes catástrofes que assolam o universo são os tremores de terra, aqueles perante as quais temos que curvar a cabeça sofrendo resignadamente as suas horribes consequências.

José Coelho da Fonseca

5.º Ano Comercial

CINEMATÓGRAFO

Ilusão ótica

Todos têm notado que, quando no cinematógrafo aparece um veículo em movimento, as rodas ora parecem mover-se no sentido em que realmente se movem, ora em sentido contrário, ora parecem não ter movimento algum de rotação e ir arrastando pelo chão.

Posto que a explicação dêste defeito do cinematógrafo, que os fabricantes de *films* nunca conseguiram nem decerto conseguirão eliminar, seja simplicíssima, muitas pessoas ficarão seriamente embaraçadas se lha pedirem.

Se, por exemplo, uma carruagem se põe em marcha, no cinematógrafo, ao principio ver-se-ão as rodas girando normalmente, até que, aumentando a velocidade, começam a girar ao contrário; a velocidade desta rotação irá diminuindo à medida que aumenta a velocidade do veículo, até que por fim as rodas parecem imóveis sobre o eixo, arrastando pelo chão, se a velocidade do veículo aumenta ainda, as rodas começarão a girar no sentido verdadeiro, mas muito devagar, notando-se a enorme desproporção entre a sua velocidade angular e a velocidade do veículo; depois, crescendo sempre a velocidade dêste, tornarão a andar para trás, e a parar, e a andar para diante, desta vez com uma desproporção ainda maior entre as velocidades, e assim sucessivamente.

A que é isto devido?

Como todos sabem, a fita cinematográfica não é mais que uma série de fotografias instantâneas, tiradas com intervalos muito pequenos ($\frac{1}{16}$ a $\frac{1}{20}$ de segundo). Projectando esta série de figuras num alvo com a mesma rapidez, cada imagem conserva-se na retina, em virtude de um fenómeno que todos conhecem até aparecer a imagem seguinte, de modo que aos espectadores parece ver as figuras movendo-se. É o principio, já há muito tempo conhecido, do caleidoscópio. Imaginemos agora uma roda com oito raios, representada esquematicamente na fig. (1) para simplificar a figura, consideremos só o seu movimento de rotação desprezando o de translação que não nos interessa. Para fixar ideias, imaginemos que as figuras são tiradas com intervalos de $\frac{1}{16}$ de segundo.

Imaginemos agora que a roda começa a

(1) Descreva-se uma circumferência; tracem-se os quadrantes, marcando no primeiro quadrante seis sectores, a partir de 0.º que se marcarão com os n.ºs 1, 2, 3, 4, 5 e 6. O centro designe-se com a letra O.

seu movimento, girando no sentido *dextrorsum* com uma velocidade tal que, em $\frac{1}{16}$ de segundo, o raio 1 passa para a posição 2; é claro que, em cada figura, se vêem os raios deslocados para a direita um pequeno ângulo 1 O 2, e o movimento aparente da roda será o seu movimento real. Suponhamos porém que a velocidade angular da roda é tal que, em $\frac{1}{16}$ de segundo o raio 1 passa para a posição 4.

Ao passar duma imagem para a outra, a nossa vista, como é natural, dá-nos a impressão do trajecto mais curto entre elas, e portanto, como os raios são todos iguais, parecer-nos-á, não que o raio 1 se deslocou para 4, descrevendo o ângulo 1 O 4 mas sim que o raio 5 ao contrário do movimento que realmente tem, indo ocupar a posição 4, e descrevendo o ângulo muito mais pequeno. Veremos portanto a roda girar ao contrário.

Se a velocidade fôr tal que o raio 1, em $\frac{1}{16}$ do segundo vá ocupar a posição do raio 5, é evidente que a roda nos parecerá parada, e se fôr tal que o raio 1 vá para a posição 6, vela-emos girar, mas muito mais devagar do que gira na realidade, pois nos parecerá que foi o raio 5 que passou para a posição 6.

E quando, em $\frac{1}{16}$ do segundo o raio 1 fôr para a posição 3?

Nêsse caso, tanto poderemos ver a roda andar para trás como para diante; o que é natural é que se a velocidade real era menor e foi aumentando, isto é, se se via a roda girar no sentido verdadeiro do seu movimento, se veja ainda girar assim, mudando repentinamente logo que a velocidade aumente um pouco, e que se dêem os mesmos fenómenos, mas ao contrário, se se via a roda andar para trás. Certas pessoas têm a faculdade especial de poderem ver a roda, nestas condições, girar num ou noutro sentido, à sua vontade.

Este defeito do cinematógrafo, não poderá nunca, com certeza ser remediado, pois o único meio de destruir esta ilusão é marcar a roda móvel com um sinal bem visível, para servir de referência, mesmo assim a ilusão persistirá sempre que a roda executar mais de uma rotação, no intervalo entre duas fotografias como é evidente.

Da «Electricidade e Mecânica»



Conseguimos há pouco, tempo permutar o nosso modesto mensário, com a importante Revista «A Ilustração Portuguesa», pelo que nos sentimos bastante gratos, para com a Administração da mesma Revista.

A catástrofe de Pompeia

Pompeia era uma cidade italiana situada junto a Nápoles, a 4 léguas do grande vulcão Vesúvio. No ano de 54 ou 59 A. C., foi sepultada pelas cinzas duma terrível erupção desse vulcão. A catástrofe começou ao meio dia. Inúmeros navios estavam na baía, e passageiros saindo, enfim; era grande ao mesmo tempo o trânsito pelas ruas. De vez em quando tudo estremecia, mas esses tremores eram súbitos e violentos, e o povo estava desconfiado e alarmado.

Pouco depois começou a cair uma violenta chuva de cinzas a qual parecia um perfeito dilúvio de fogo saindo da cratera com grande alvoroço semelhante a uma trovoadá. Quasi todos os cidadãos se metiam em suas casas fechando muito bem todas as portas e janelas assim como todas as fendas. Algumas pessoas fugiam espavoridas, mulheres chamando e procurando seus filhos, apertando-os contra o peito. Outras pessoas já estavam moribundas e finalmente algumas fulminadas pelas faíscas e pelo fogo. Uma sentinela dum palácio ficou morta no seu posto de honra porque nas excavações foi encontrado carbonizada juntamente com a sua arma. Numa quinta encontrava-se um possaroso cão de guarda, preso a uma corrente junto da sua casinha onde se lia: *cave canem*; (cuidado com o cão).

Naquele tempo os usos e costumes eram provavelmente idênticos aos da actualidade porque por exemplo o simbolo duma farmácia era uma serpente enrolada numa palmeira, simbolo que hoje ainda se conserva, o das tabernas era um ramo de louro secco, etc. A ruína de Pompeia é tudo quanto há de mais simbólico dos tempos antigos e que mostra o costume do povo daquela região. As bilhas que usavam eram algumas de bronze, sendo a maioria feita de barro. Os teatros eram magestosos e artisticamente ornamentados.

Agora em poucas palavras dir-vos-ei algumas scenas durante a catástrofe. O ceu naquele momento apresentava-se cor de fogo. Uma creatura querendo fugir ao desastre subiu para cima duma árvore para se resguardar a qual se encolheu de tal maneira que, ficou como pétrea, sendo quasi impossivel distinguir a árvore dessa pessoa.

(Continua)

António da Silva Carvalho

AO LUAR...

Original de Jaime de Mascarenhas

Descerrava-se o dilúculo deste nosso céu tão puro, acariciador ameno dos quiméricos sonhos de infância. Os diúsos raios de sol, rompiam a custo, a opalina membrana de cor esbranquiçada, que se espreguiçava lá para o Oriente; e os raios de sol, que interceptavam a tépida atmosfera, afiguravam-se-nos a uma cascata, cujas águas saltitantes, eram os seus raios dourados como auríferas escamas. A claridade matutina, compa, nheira alegre e ridente dos madrugadores camponeses—sempre anunciada pelo quotidiano cantar do galo, beijava já languidamente as férteis planícies, onde ondeava o verde e rastejante trigo, cuja extensão se assemelhava a um lago, em cuja superfície de quando em quando o vento sereno, lhe encrespava umas ondas muito man-sas.

A esta hora em que a Natureza nos extasia e nos faz cogitar mais no misterioso problema da criação, alguém passeava no florido parque de L... A passo indeciso e vacilante, como que se por força estranha fôsse im-peido, caminhava cabisbaixo fitando amiudadamente o extenso bosque a indagar com um fito de ávida obser-vação se alguém se ocultava por entre a ramagem re-verdescente e frondejante daquele bosque encantador.

Esse desconhecido, traduzia-nos pela sua aparência, que procurava o ermo, a solidão consoladora dos tris-tes, para executar algum plano funesto, previamente premeditado. Sua fisionomia um tanto lívida e encar-quilhada, os olhos espelhando uma amargura interna, p rosto imberbe, e trajando ricamente, eram já dados so-bejos, para nos convenceremos, de que aquele vulto era o dum jovem de 20 a 25 anos, a quem talvez uma pai-xão funesta, envolvera para sempre de luto o seu cora-ção, outrora quem sabe tão cheio de vida e poesia! Não era porém o impeto da fresca idade que lhe movia os passos indecisos. Não! Era provavelmente o desespero pela vida, que lhe encheria o cálice da dor; e esta agora tão forte e imperecível ia conduzi-lo não se sabia aonde...

Ao chegar à rua principal do bosque, o mancebo jul-gou-o deserto, estugou o passo, e lá se foi por ele em-brenhando. Conforme ia caminhando as forças iam-se-lhe rareando, o único recurso, para não suspender aquela carreira que parecia inevitável, fôra apoiar-se com o seu braço direito às corpulentas árvores que se alinha-vam num renque interminável, enquanto que com a mão esquerda, esfregava repetidas vezes os olhos e a testa; e num melancólico fechar de olhos deixava-a lá es-corregar pelas suas desenvoltas melenas. Era um gesto desesperado, de quem tenta afugentar do cérebro êsses terribes pensamentos que consomem a alma poética dos 21 anos, e nada se consegue...

Haverá alguém que quando sinta chegar o Inverno à sua alma, e os lindos colibris abandonem o seu coração, que no caminho dessa estrada deserta e fria—que se chama Velhice—onde não viceja a paixão, nem medram os sorrisos da ventura, que não olhe para trás, para esse campo de amor e poesia,—a Mocidade—para que chorando lágrimas saúdosas, não recorde os felizes momentos da infância?! Decerto ninguém! Recordar é viver... e lembrar os tempos de infância deve ser um prazer tão grande, que fará correr o pranto irreprimível de douradas saúdes; porque essas lágrimas sentidas que rolarão pelas faces dos velhos, re-

lembrar-lhes-ão, aquelas doces e furtivas que outrora pelo rosto deslizaram, nos doces e puros protestos de amor...

E quem há que não busque a solidão, para recor-dar!?

Pois lá bem no local mais recôndito do bosque, al-guém com a cabeça apoiada entre as mãos e sentado num banco, fitava despreocupadamente um lindo can-teiro, matizado das plantas mais frágeis e formosas.

Era essa personagem um velhinho de aspecto vene-rando, que há muito que se conservava naquela postu-ra, imóvel e de cabeça descoberta. Oh! e que respeito não inúndia aquela cabeça de cabelos tão brancos, tão brancos como a neve! A barba farta que lhe descia até ao peito, era também duma intensa árvura, que difícil-mente se reconhecia o seu talhe, desenhado na alva ca-misa que trajava.

O pobre anção estava recordando!

E as résteas de sol, saltitantes de folha em folha, incu-tiam-nos a poesia misteriosa que nos segreda ao cora-ção...

Mas a quietitude daquele corpo venerando, rapida-mente se interrompeu; levantou a cabeça nevada, e diri-giu os seus encovados olhos, em que transparecia iní-nita bondade e fitou com ávida curiosidade um pinhei-ro adusto, que se ostentava, em local escondido. Con-quanto seu rosto perdesse as róseas côres, que a mo-cidade consigo leva, notou-se bem que as suas faces em-palideceram muito mais, não duma palidez mortal, mas daquela palidez lívida, que antevê, um horror, uma des-graça! Mais e mais se empalideceu, e por fim não se podendo conter extático, deu tão forte grito, que re-boou pela solidão daquele ermo, como em noite fria e muda o soturno e cavernoso ruído do trovão.

Agarrou rapidamente na sua inseparável bengala, que desempenhava a missão de cajado para o seu cansado corpo, e trôpego dirigiu-se a passo cambaleante, mas apressado, para o local que misteriosamente o impres-ionara. Aquele velhinho, que há já mais de dez anos, talvez não tivesse alento para dar dois passos em cor-rida, marchava agora desmbracadamente, era força, desconhecida a que o movia.

Quem o visse assim pressuroso com o peito a arfar, encostando-se à bengala, diria que ele estava acometido dum ataque do alucinação! Finalmente estancou junto daquele pinheiro de ramos colossais, dum ramo do qual estava um homem pendurado pelo pescoço, por uma forte corda. Quem era o homem já os leitores sabem.

O rapaz tentava enforçar-se, mas na ocasião em que passava o nó na corda, ouvira o grito do venerando, e assustado antes que o conseguisse salvar, excitante não a preparou devidamente, de forma a matá-lo repentina-mente. Por isso o jovem ainda não estava morto; mas sim inerte como um moribundo.

O bondoso velho, apressou-se a subir ao banco de que se utilizara o suicida para aquele fim, agarrou a corda, passou um braço pela cintura do desventurado e desatou-a facilmente e com o auxílio da bengala, pô-lo a salvo duma morte lenta. Quando o corpo desanima-do se soltou da corda, fez tanta pressão, que o seu sal-vador, viu-se em riscos de cair para o outro lado do banco.

(Continua)

SECÇÃO LITERÁRIA

À memória de Izidoro José de Brito

(Nosso ex-colega)

Da Natura já não disfrutas seu encanto,
Não mais ridente aurora tu contemplarás
Acabou para ti, da alegria doce canto,
Da vida os lindos sonhos já os não terás.

Pois quando a Mocidade, alegre te sorria
Como em noites de luar, a face da lua,
Esse mar de ventura se enlutou um dia,
E tomou aparência dolorosa e crua!...

Ao leito te levou uma fatal doença.
Oh! e depois... a Morte escura te prendeu;
E contra o seu poder duma força imensa,
Nenhum mortal, roubar pudera o corpo teu.
E p'ra sempre deixaste saúde intensa,
Em cada peito amigo que hoje te perdeu!

Jaime de Mascarenhas

7.º ano comercial

Poesias dedicadas a S. Ex.ª

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

(Recitadas na festa final 1919-20)

Eu vos saúdo ilustre presidente,
Chefe desta nação tão nobre e altiva,
Que da raça de Luso a fama viva
Tem conservado sempre honrosamente.

Eu vos saúdo cheio de alegria,
Por vos ver entre nós, os pequeninos
Que, — quem sabe — talvez a Pátria, um dia
Erguerão nos seus braços de bambinos.

E peço-vos após este meu preito
Que fixeis por um momento a mocidade,
Porque se encontra ali, em cada peito,
Um fragmento da nossa liberdade.

Abílio Quadros

6.º ano comercial

Benvindo venerando e ilustre Presidente!
Saúdam-vos, Senhor! pleiades de estudantes,
Filhos da nação, da pátria florescente,
Que ao mundo gerou, épicos e navegantes...

Vede Excelência, esta pérola brilhante...
Olhai estes espiritos, estas crianças,
Que auréola de luz, nesta Escola rutilante,
Que prepara o bem da pátria, suas esperanças.

Sairam, Senhor! já desta instituição,
Espíritos formados para a sociedade...
Observai esta infância vigor da nação...

Como é bela, risonha, magna, buliçosa,
E vós contemplai, ó ridente Mocidade,
A ilustre Figura, da pátria ditosa!...

Carlos Lopes Antunes

5.º ano Comercial

EM FÉRIAS NA PASCOA

Anoitecia. A lua cheia projectava os seus
pálidos raios, por vezes interceptados pelas
nuvens, sobre a quasi adormecida vila de Be-
las. A porta de minha casa, que fica situada
numa encosta, eu contemplava absorto esse
panorama nouturno.

Lá adiante, à minha direita, avistava-se
pequena povoação da Idanha, envolta na pen-
numbra, com as suas casinhas brancas a aler-
jarem aos raios da lua. Pelos vidros das janelas
coava-se a luz do interior, que ao longe
formava uma sucessão de pontos luminosos
interessante. A meio de tudo isto, avultava
um moinho de vento que, com a sua roda
semelhante a descarnada mão e com a sua
alvura a sobressair na escuridade, semelhante
um desses fantasmas aéreos, de que andam
cheios os contos de fadas. Na minha frente
erguia-se uma colina arborizada; a meio da
qual se divisava uma elegante vivenda, cuja
côr rosada contrastava com o sombrio do ar-
voredo. E, apertada entre as duas encostas,
semelhante a uma longa faixa branca, corria
a estrada que liga Idanha a Belas. A esquer-
da, a vila era encoberta por algumas castan-
Finalmente, à minha rectaguarda subia a en-
costa coberta por um verde trigo que, pouco
a pouco, se movia aos sopros do vento, on-
dulando como o mar.

E, no céu, as nuvens corriam, corriam
sempre, ora encobrindo a lua, ora descobrin-
do-a. E eu, com a vida toda concentrada nas
pupilas, contemplava tudo isto, quando
súbito fui chamado à realidade por minha mãe
que me chamava para jantar.

António Marcelino

4.º ano comercial

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Tinha na bandeja uma carta que lhe causou mágoa
mas ela devia a vida a quem lha escreveu. 2-1

Reduzida

Pintor — 4

lo —

Cantor — 3

Elétrica

às direitas e às avessas divisões

Maçada enigmática

ÉS MA FRIA «MUSEM»

Formar o nome de uma obra literária.

Em quadro.

PIGUETA — som

JETA — rótulo

TO — adjectivo

Pequena galinácea.

Crescente

Tinha... a... que eu dei ao...

Em triângulo

.	.	.	.	.	Poeta
.	.	.	.	.	Ferida
.	.	.	.	.	Ferramentas
.	.	.	.	.	Homem
.	.	.	.	.	Terra espanhola
.	.	.	.	.	Interjeição
.	.	.	.	.	Consoante

Jagimas.

As decifrações devem ser entregues na Redacção até ao dia 22 de cada mês em que sair o mensário.

No fim do ano será distribuído um prémio ao primeiro decifrador.

SECÇÃO HUMORÍSTICA

Anedota sobre Leoncavallo

No teatro Constanzi de Roma, o maestro Manchinelli ensaiava com a orquestra a sublime ópera *Os Palhaços*, tendo como primeiro violino um irmão do insigne maestro Leoncavallo. A certa altura da partitatura Manchinelli fez parar a orquestra e dirigindo-se ao primeiro violino disse-lhe:

O senhor está tocando desafinado, troca as notas.

O violino abanou a cabeça, dando uns certos ares de importância, e o maestro começou de novo a reger.

Precisamente na mesma altura o violino desafinou novamente. O maestro parou bruscamente a orquestra e increpou-o áspera-

mente. O violino levantou-se então, com certa gravidade e respondeu-lhe:

— Maestro, eu sou irmão de Leoncavallo!

— Bem sei ripostou Manchinelli, seu irmão é Leoncavallo, mas o senhor é um burro.

Num quartel, o comandante julgando-se entendedor de tudo, entra na sala de ensaio da Banda de música, precisamente quando o chefe da Banda, por qualquer engano, manda parar a mesma.

O Comandante com ar de autoridade, dirigindo-se ao chefe.

— Por minha causa não pare, pode continuar...

— Perdão meu Comandante, — retorquiu o chefe — é porque está aqui um bemol...

— Quem é êle?... quem é?... manda-se já para o calabouço! — responde o Comandante.

— Perdão meu comandante; um bemol, quer dizer, é um acidente.

— Ah! Sim!... então mande-o para a enfermaria

Um individuo confessou ao padre, entre vários pecadilhos, o ter furtado um perú a um visinho. O padre mostrou-se muito alarmado com o caso e fez antever ao penitente as penas do Inferno prontas a martirizá-lo eternamente. Só há um remédio, dizia o confessor, é restituir o perú.

— Mas como hei de eu fazer isso, meu padre, respondeu o penitente, se eu o comi!

— Tanto pior para si, retorquiu o confessor. Não o posso absolver, e a sua alma será condenada a penas eternas. No dia de juízo final terá que prestar stritas contas dêsse criminoso acto, e tudo será contra si, até o próprio perú.

— Ah! o perú também lá há de aparecer, perguntou o penitente, então está tudo arranjado.

— ?!

— Ora antes que me chegue a voz do julgamento, agarro o perú e restituo-o ao visinho, ora aí está.

Aos cábulas

Um remédio eficaz para serdes felizes nos exercicios... não dardes *estenderetes* com sómente 5 minutos de *empinanço* nos intervalos, sem ficardes *chumbados* no fim do ano — é **assinardes o Profíssional.**

?

Apenas contas 5 anos, mas nessa tua infância, bastantes dissabores e contratempos tens sofrido. Lá mês a mês, quando não é 2 meses a 2 meses, saltas risonho nas mãos daqueles que ainda te estimam. Oh! e quanto não se deleitam teus pais, ao verem os carinhos que te dispensam!

Pois tu és tão pequeno, tão inocente... Muitos da tua idade, já sabem dizer muita mentira e criticar o que não percebem.

Bem sei, que nem todos os habitantes da nossa aldeia, — os mais ignorantes — não desculpam os enfados da tua idade.

Porquê?! porque outras crianças, com a tua idade, soltam ditos engraçados, que divertem os mais alegres; não há dúvida que em parte têm razão, pois tu tens uma apresentação monótona e enfadonha.

Ai filho, a vida está tão difícil!... Tinhas uns *vestidos de côr*, mas já te estão apertados e nós não te podemos comprar outros; as fazendas de côr estão muito caras. Comprar-te-emos uns *vestidinhos brancos*. Mas crê que vais ficar bonito, ninguém te conhecerá.

Daqui para o futuro havemos de proporcionar-te mais os brinquedos, não te posso ver com esse ânimo tão triste! Houve quem dissesse que não parecias *nosso filho*, não tens a aparência que nos caracteriza; as tuas conversas são sempre sobre o mesmo assunto. Mas o culpado disto não és tu, nem teus pais.

Mas deixa, que agora todos vão gostar de ti, vais mudar. Hás-de ir a casa dum meu amigo instruído, e ele contar-te-á lindas histórias, de que tu tirarás conhecimentos úteis. Verás, querido, como depois as tuas brincadeiras e conversas serão outras. Prometes auxiliar-me, sim? ...

Se me obedeceres irás fazer visitas a teus companheiros, hás-de te restabelecer da vida apouquada que tens levado.

Mas não penses tu, que tens sido uma criança antipática, não!? Olha quando vou para a repartição, e ao encontrar alguns meus amigos, nunca deixam de me perguntar, quando é que vou dar novamente um passeio contigo!

Bem, já são 11 horas, vai-te deitar, enquanto eu vou pensar no teu futuro.

Jaime de Mascarenhas

7.º ano comercial

No próximo número, ilucidaremos os nossos estimados leitores a respeito da futura Mutualidade deste Instituto.

Ecos

Sairam este ano do Instituto, habilitados com o Curso Complementar de Comércio, indo frequentar o Instituto Superior de Comércio os alunos: Beato, Serra, Brito, Monteiro e Vieira. Habilitados com o Curso Complementar de Indústria: Pandaio e Graça que foram matricular-se no mesmo Instituto.

Com a carta do Curso Elementar de Comércio deixaram o Instituto os alunos Arnaldo Gonçalves, o qual se foi empregar nos Bairros Sociais, como chefe de Secção, e Cabrita que foi cursar o Instituto Comercial. Foram matricular-se no Instituto Industrial os alunos Duarte, A. dos Santos, P. da Silva, Rôcel e T. Mestre, os 4 primeiros, com o C. Elementar de Ind.ª e o último com frequência do 1.º ano do C. Complementar.

Ingressaram na Escola Naval, como 2.ºs sargentos condutores de máquinas, com a carta do 3.º ano do Curso Oficial, os nossos ex-camaradas: Serra, Guimarães, J. Duarte, Cruz e Casimiro.

De todos eles «O Profissional» em nome dos alunos, se despede com grande saúde, augurando-lhes um ano de estudo proveitoso e um futuro risonho.

Têm sido várias infelizmente, as perdas de colegas nossos, roubados pela morte voraz, registradas no nosso mensário.

É com profunda mágoa que hoje noticiámos o falecimento do nosso ex-colega, Isidoro José de Brito, aspirante da Administração Militar. Durante a sua permanência no Instituto, foi o desditoso muito estimado entre nós, pelas suas boas qualidades de carácter. Foi cooperador assíduo na secção poética do nosso órgão, no que se tornou conceituado, pelos srs. professores de literatura, e por isso julgámos poder afirmar que foram as suas poesias até hoje as melhores, publicadas em *O Profissional*.

A sua predilecção pela poesia que aqui se começou a manifestar, expandiu-se ainda mais lá fora.

Se uma meningite não o roubasse aos sorrisos venturosos, que lhe ornavam o caminho da vida, ele já hoje teria publicado um livro de poesias, que antes da sua doença estava em preparação.

O Profissional perdeu um dos seus amigos do outro tempo e hoje os seus ex-camaradas choram a sua morte, recordando a sua amizade, mas numa daquelas recordações que nos fala à alma, em segredos misteriosos.

Adeus! Adeus! um adeus eterno, soltam em uníssono nossos corações. Oh! e que esse clamor do nosso preito, pudesse ecoar até à sua campa fria! Mas lá não chega: nem o bulício da ventura, nem o pranto de sua enlutada família!

O Profissional em nome dos alunos, envia aqueles que lhe pertenceram o preito saudável duma dor sincera — *A Direcção*.



Administrador
Mário dos Santos

CORPO DE REDACÇÃO
Júlio Gonçalves, A. Quadros, redactor principal
F. Corado, secretário

Director
Jaime de Mascarenhas

N.º 32 — 6.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Novembro de 1920

Abertura solene das aulas

Às 10 horas dirigiu-se a 2.ª Companhia para a sede da 1.ª, afim de ali se realizar o almôço fraterno entre os alunos dêste estabelecimento, incluindo os entrados recentemente.

Às 11 horas os alunos de ambas as Companhias formaram em quadrado no claustro, estando formados à frente os alunos novos. Todo o corpo docente se encontrava ali reunido.

O Ex.º Tenente Coronel Sr. Silveira e Castro apresentou, ao Ex.º Director do Instituto os alunos novos.

Em seguida o ilustre Director proferiu um carinhoso e patriótico discurso, inculcando, especialmente aos alunos novos, o amor ao trabalho nesta instituição.

Terminada a carinhosa palestra do Ex.º Director o nosso condiscípulo Jaime Gil de Mascarenhas, saudou os novos alunos, incitando-os ao trabalho em calorosas palavras cujo extracto aqui faço:

O dia de hoje, é para mim e meus camaradas, um dia de alegria e regosio, que há-de vir também juntar as suas saúdes àqueles que alegres e descuidados, temos passado nesta modelar instituição; porque o dia que hoje festejamos em conjunto, re-

marca um acontecimento que nós jamais poderemos esquecer; é a vossa entrada no nosso querido Instituto, é o vosso ingresso nesta imensa família escolar.

Mas neste dia inolvidável, em que nós sentimos na nossa alma, uma profunda e indizível emoção de contentamento, por vos ver entrar para o nosso santo convívio, eu sei, eu pressinto que vós fixais as paredes dêste nosso Templo abortos, nutrindo sem dúvida no vosso âmago, um ansiar que se não exprime, um sentimento que se não descreve; mas que vos assoberba, perante a rápida mudança de situação.

Eu sei... eu sei: também já estive na vossa situação, e essa comoção estranha que sentis, e que eu então senti também, fez-me correr pela face algumas lágrimas — não sei porque — mas que eram talvez o eco dêsse anseio confuso, que como a vós também me atormentou. Eram as saúdes da família que me enleavam de mistura com o presentimento que nutria, que as nossas brincadeiras da passada infância, aqui morriam, como para o triste asceta, fenece o bulício estonteador da vida humana. Tudo isto me fazia aborrecer a convivência aos primeiros dias, nesta família tão íntima que hoje adoro. E por isso eu sei ver através da recordação indelével dêsses dias primeiros que aqui vivi, o espanto, a confusão que vos causará o dia de hoje. Mas para enxugar as vossas

lágrimas e para calar o vosso pranto, é que nós vos fazemos este acolhimento carinhoso, a memória do qual ligará com o elo inquebrantável duma amizade imorredoura, tanto lá fora na vida prática como cá dentro à sombra protectora da República, os filhos deste Instituto.

Afugentai os pensamentos tristes, não cuideis como será muito provável, que o claro dardejante da disciplina e do trabalho que aqui nos abençoa, em contraste absurdo, levará à vossa alma a escuridão e o terror. Não! não deixastes de ser crianças; aqui não impera a antiga disciplina de ferro, que grilhoava as crianças do outro tempo. As brincadeiras também cá existem, assim como o trabalho e o progresso,

Vindes encontrar neste Instituto, os carinhos que em vossos lares vos dispensavam; os educadores são como nossos pais, nós somos os vossos irmãos. No entanto alguma diferença existe: é que de hoje para o futuro, além da mãe que vós amais, agora mais do que nunca, a outra deveis amar e engrandecer — é a nossa mãe Pátria — não podemos esquecer o ditado: « Pensando bem, sou mais filho da minha Pátria do que da minha mãe. » Por outro lado deixastes de fazer parte dum pequeno lar, para virdes pertencer a um lar grandioso e também fraternal.

E como havemos nós de agradecer à mãe Pátria, o sacrifício que ela por nós faz, para mais no momento angustioso que ela atravessa?

Trabalhando, esforçando-nos para que de futuro sejamos uns homens úteis, que com a nossa vigorosa mocidade, a possamos erguer novamente ao apogeu brilhante em que já floresceu, de forma a tecer em ouro as páginas brilhantes da sua história.

Além disso é nosso primeiro dever, levantar bem alto o nome de Pupilos do Exército, tornando-o conhecido no meio social e escolar, afim de collocarem esta Obra no devido merecimento a que ela tem direito. Deste resultado só depende um benefício para nós, pois mostramos que aqui qualquer aluno desde o filho do soldado, ao do general, todos cumprem o seu dever, e são todos sem distinção de classe de qualquer natureza, dignos do carinho da República.

Mas camaradas, eu não quero neste momento, afastar-me duma saudação carinhosa, para ir trilhar o caminho de conselhos sem dúvida insípidos que eu creio poder dar, quer como aluno mais antigo, quer como camarada mais velho.

O dia de hoje, é daqueles que na nossa idade jamais o olvido vem obscurecer. Existem dois dias, para os alunos que passam por esta instituição, que eles não podem esquecer, embora o intentassem: Um, é aquele em que pela primeira vez nos sentamos nos bancos escolares, o Outro, é para vós o dia de hoje, e para mim um dia que já passou e que às vezes me traz um doce recordar...

Um dia virá, em que nos certificaremos que as saudades destes dias, são para nós, como as cristalinas gotas de orvalho, que salpicam as ervas secas dos caminhos!... Depois é que nós apreciaremos as lágrimas hoje vertidas, e então diremos: felizes momentos aqueles em que eu me sentia triste! Hoje uma ventura de velhice não vale uma lágrima desse tempo...

Assim somos nós, na idade fresca e descuidada de que lhe não sabemos sentir a dor; somos como pássaro saltitante, que não aprecia a liberdade que gosa, para que quando caia preso, sinta o inefável prazer de recordar a liberdade fugida.

E como a ele, também para nós virá o tempo em que havemos de perder o frescor da venturosa idade, e que com as lágrimas a marejarem nos olhos recordaremos estes dias; então poderemos ser comparados às ervinhas secas dos caminhos...

Bem, deixai-me terminar, reunindo um a um, no meu coração os protestos de amizade, com que meus antigos camaradas hoje vos recebem.

Que sejais felizes, durante os vossos estudos, dispondo sempre de cada um de nós, como dum verdadeiro amigo, mas daqueles amigos em que se encontra um peito leal; tal é o clamor em uníssono que faz vibrar a minha voz, repercutido através dos seus corações.

E agora meus velhos camaradas, acompanhai-me nestes brados:

Vivam os alunos novos!

Viva o Instituto dos Pupilos do Exército!

Em seguida realizou-se o almôço de confraternização, findo o qual os alunos formaram novamente e dirigiram-se para a sede da 2.^a Comp.^a onde aguardámos a chegada de Sua Ex.^a o Ministro da Guerra.

Chegados à 2.^a Comp.^a, os alunos da 1.^a Companhia dirigiram-se para o teatro enquanto os antigos da 2.^a se foram armar para prestarem as honras militares a Sua Ex.^a

Depois de prestadas as devidas honras, os alunos executaram várias evoluções que cremos terem produzido boa impressão.

Findas estas dirigiram-se também para o teatro, aguardando, então, que S. Ex.^a terminasse a visita ao edificio e trabalhos escolares expostos nas aulas de Comércio e Officinas que foram preparadas para êsse fim.

Terminada a visita, Sua Ex.^a dirigiu-se para o teatro onde lhe foi prestada continência, tocando a tuna «A Portuguesa». A tuna executou ainda vários trechos que foram apreciados pela assistência.

SESSÃO SOLENE

Sua Ex.^a abriu a sessão dando a palavra ao Ex.^{mo} Tenente Coronel Sr. Silveira e Castro, o qual proferiu a oração de *sapiencia* que foi ouvida em grande silêncio e atenção por todos que o escutavam.

A oração foi tão hábilmente exposta, que resumi-la é tarefa que excede os meus preliminares conhecimentos, e por isso peço a benevolência da deficiência do meu resumo.

Estou certo que o ilustre militar, deixou pela sua palavra em nós uma sumária idéa, que agitando-se no nosso cérebro, é no entanto muito dispersa, para que a possamos transmitir pela palavra sem hesitar, e sem ao mesmo tempo apagar o inextinguível brilho da sua palestra, nem a limpidez das suas idéas.

Contudo para que aqueles que não puderam assistir à solenidade, não fiquem sem uma leve idéa do que foi o discurso sábio do nosso querido professor Sr. Silveira, eu abalançar-me-hei a resumir-lo.

A oração do inteligente e digno militar, teve um carácter fisiológico e pedagógico mostrando-nos quais os processos educativos através dos tempos, acompanhando a sua exposição com o que diziam a respeito do assunto alguns filósofos e pedagogos célebres.

Depois de ter falado vastamente acêrca dêste assunto S. Ex.^a falou da nossa história, lembrando as façanhas dêste nobre povo, agora infelizmente em decadência.

Frizou bem a sua admiração, de ver tão rapidamente êste povo outrora moralizador e de exemplos nobres, decair assombrosamente numa decadência que nos descobre uma próxima ruína, se nós nos não soubermos salvar.

Disse o ilustre orador, que êste povo de que se orgulhava ser soldado, não parece hoje aquele que de tantos exemplos de coragem e patriotismo nos fala a história.

Em seguida o ilustre conferente mudou de assunto, e dirigindo-se a nós em animadoras palavras, incitou-nos a obediência aos ditames do trabalho e de disciplina, de forma a

um dia vermos coroados os nossos êxitos, como o iam ser os nossos ex-camaradas, que estavam presentes, aos quais se ia conferir os prêmios dos seus estudos.

Finalmente depois de ter revelado a S.^a Ex.^a o Ministro a história do nosso Instituto e mostrando-lhe a forma de ensino, o Ex.^{mo} Tenente-coronel Sr. Silveira, disse que em nome de todo o pessoal docente e alunos, altamente se congratulava por termos a subida honra de Sua Ex.^a ter assistido á nossa singela sessão solene.

E o ilustre orador terminou a oração seguindo-se depois gerais e frenéticos aplausos.

Seguidamente a tuna executou um trecho do seu reportório, findo o qual, S.^a Ex.^a procedeu à distribuição dos diplomas aos ex-alunos e alunos que obtiveram a classificação de distintos nos seus cursos.

Acto continuo Sua Ex.^a manifestou o desejo de não querer encerrar a sessão, sem se referir á oração do ilustre professor Sr. Silveira e Castro.

E usando da palavra dirigiu elogios ao conferente, dizendo que a conferência de S. Ex.^a era uma lição não só para todos que a escutaram como também para êle na situação de chefe do elemento militar.

Depois dirigiu-se a nós com palavras que nos estimulavam ao trabalho, para assim compensarmos o alto sacrificio que a pátria faz com o sustento duma obra como esta.

Sua Ex.^a disse: «não há dúvida que êste estabelecimento é uma das obras modelares da República».

Ao terminar a palestra, Sua Ex.^a foi muito ovacionado, tendo depois encerrado a sessão.

Manuel Domingos

6.^o Ano comercial

No Colégio Militar

Depois de 4 meses de férias, os alunos do Colégio Militar fizeram uma festa comemorando a entrada dos novos alunos e abertura do novo ano lectivo.

Foi postar-se á entrada do colégio um pelotão de alunos de grande uniforme, devidamente armados com a respectiva bandeira do estabelecimento. A banda de Infantaria 16 aguardava também ali a chegada de S. Ex.^a o ministro da guerra.

O batalhão de alunos formou no claustro e com grande admiração dos novos alunos tôdas aquelas evoluções foram executadas com a maior correcção e garbo militar.

Finalmente chegou S. Ex.^a o ministro da

guerra sendo-lhe feitas as honras militares pelo pelotão que o esperava à entrada do edificio já há algum tempo. S. Ex.^a foi depois recebido pelo Sr. Director do Colégio e mais officiaes que aguardavam a sua chegada.

Dirigiram-se então para a sala da bibliotheca, aonde se realizou a sessão solene tendo proferido a oração de «sapiëntia» o major Sr. Cristóvam Aires (filho), e a distribuição de prémios aos alunos mais classificados no último anno lectivo. Enquanto se realizava a sessão solene appareceu de surpresa um aeroplano voando sobre o colégio pilotado pelo capitão aviador sr. António de Sousa Maia que fez maravilhosas evoluções.

Durante algum tempo ficou o colégio patente, sendo então visitado por muitas familias de alunos e de officiaes.

No Instituto Feminino

Realizou-se também no Instituto Feminino de Educação e Trabalho a abertura do anno lectivo e inauguração duma officina de vários labores, rendas, chapéus, e tapeçaria.

S. Ex.^a o ministro da Guerra foi assistir àquele brilhante acto, começando por ouvir um discurso feito pela aluna Olga Macedo, cantando depois a «Portuguesa» as alunas da 2.^a Secção.

Iniciou-se então a visita ao Instituto, realizando-se a inauguração da officina, discursando na ocasião o Il.^{mo} Director daquele estabelecimento e S. Ex.^a o Ministro da Guerra que depois admirou os lindos trabalhos executados pelas alunas.

Depois dum pequeno intervalo as alunas dirigiram-se para o refeitório.

S. Ex.^a presenciou também a refeição das alunas, e enquanto permaneceu no refeitório ia acariciando as alunas novas, que se encontravam tristes.

Mário Augusto Jorge de Figueiredo

4.^o anno comercial



Por ainda não estar completamente resolvido o assunto, não podemos, como desejávamos, elucidar os nossos presados leitores sobre a *Mutualidade* do Instituto.



A nova Direcção ao tomar a seu cargo a administração de *O Profissional* saúda o corpo docente e Ex.^{mos} assinantes, confiada nos seus esforços, vai procurar desempenhar o melhor possível a sua missão.

Secção Scientífica

A IMPRENSA

Todos nós temos ouvido dizer que foi Gutemberg o descobridor da Imprensa, mas o que a maioria de nós não conhece, é a forma como elle fez o seu descobrimento, e até a corrente de opiniões que contestam o seu successo.

É porem esse assunto que visa este artigo.

A Holanda sustenta que foi Cóster o descobridor da Imprensa; erigiram-lhe uma estátua em Halern porêem seus adversários dão a esta afirmação a forma lendária. No entanto Strassburgo pugna que se deve este successo a Nicuteline e por fim Mogúncia elevou também uma estátua a Gutemberg e tem por si muitos adeptos que o veneram.

Antes de existir a tipografia já havia a Xilografia — impressão tabular que consistia em reproduzir, em pranchas de madeira cartas de jogar, imagens, etc. — e foi esta arte que veio influenciar a tipografia no século XV, época em que Schoeffer e Fust se associaram a Gutemberg.

O primeiro aperfeiçoou o punção e applicou-o juntamente com o molde e a matriz. Anteriormente, na Xilografia faziam-se as imagens por meio da fricção, e pregavam depois as folhas duas a duas, verso com verso, porem Gutemberg aperfeiçoou este antigo processo inventando a Imprensa. Apareceu a tipografia.

Depois da tomada de Mogúncia em 1462 esta arte divulgava-se por todas as cidades da Alemanha, e em 1487, era já conhecida na Itália, Países Baixos, França, Inglaterra, Suíça e Espanha.

Diz a lenda que Portugal, foi dos primeiros países a conhecer esta arte sublime, dizendo-se ter sido em Leiria, a nossa primeira cidade onde chegaram esses conhecimentos. Mas se atendermos à veracidade, é certo que o conhecimento dessa arte só chegou ao nosso país em 1489, com a impressão do *Pentateuco Hebraico*.

A primeira officina que existiu em Lisboa foi fundada pelos judeus. Primeiramente publicaram-se obras em latim, e a primeira obra de que há noticia ter saído a lume foi *O brevário Eborense*; e só em 1495 se começaram a imprimir obras vulgares.

A mais bela edição impressa nesta época, foi a *Estoria do muy nobre Vespasiano Emperador de Roma*.

Se compararmos os trabalhos desses incansáveis operários, e notarmos bem o primor dos seus trabalhos, ficamos admirados da sua paciência e tenacidade.

Pois sob prensas cujo *marmore, correções* *platina e parafusos* eram de madeira, êles imprimiram *infólios* gigantescos de fino gosto tipográfico.

As peças mais importantes da prensa eram ligadas por filamentos de boi.

(Continua)

Dagoberto dos Santos

2.º ano do curso oficial

A catástrofe de Pompeia

(continuação)

No momento em que o desastre se estava desenrolando estaria a prègar-se uma missa, visto que depois das excavações feitas, se notou que inúmeros esqueletos estavam reunidos em diversos grupos, o que nos dá uma leve idéa de que estavam na dita missa; além disso via-se na frente dêstes, um outro e que se supôs ser o padre. Tõda a população ficou soterrada sob tão terrível massa de fogo do vulcão; foi debalde a fuga dos habitantes que tentavam salvar-se. Inúmeras devem ser as riquezas ali sepultadas.

Houve outra cidade italiana denominada *Herculanum* que ficou violentamente soterrada por outra erupção vulcânica do Vesúvio. Esta cidade era como Pompeia, muito florescente e rica.

Falando acêrca desta última creio que as notícias são escassas pois que nem tôdas dizem o mesmo.

Antônio da Silva Carvalho

3.º ano comercial

Ortografia arbitrária?

São variadas as dificuldades que têm sugerido, sem razão alguma, após a Reforma Ortográfica.

Eu creio, e julgo bem não poder duvidar, que a Nova Ortografia trouxe para a mocidade das escolas, uma grande facilidade na aprendizagem da lingua pátria.

Antigamente os principiantes nas letras viam-se em grandes embaraços para escreverem as palavras em que entrasse o valor fonético de *f, t, q*, etc; pois ora umas vezes as escreviam com *ph, th* e *ch* respectivamente, conforme a etimologia e outras vezes conforme o valor fonético. Julgo agora, que com a dita reforma, desapareceram estas exitações.

Mas enquanto que ela veio facilitar a aprendizagem do ensino da escrita, aqueles que já

tinham enveredado no caminho da antiga Ortografia têm feito desde essa reforma emmanhadas complicações. Êsses umas vezes escrevem à antiga, outras vezes à moderna, e finalmente como é muito usual, nem à antiga, nem à moderna, mas sim, deturpando uma e outra formas. Quem por qualquer destas formas escrever, pode convencer-se que comete um êrro, embora exista quem se não queira acreditar.

No entanto estas hesitações, podia desaparecer, se essas criaturas que caem em êrros desta natureza se dessem à proficua e fácil tarefa de estudar um dos inúmeros folhetozinhos que inserem tôdas as regras da nova ortografia.

E este periodo de incúria que atravessa a nossa escrita, é de tal ordem que nós lemos livros publicados presentemente, nos quais as mesmas palavras aparecem escritas de várias formas; e ainda mais, muitas vezes num mesmo livro, uma palavra da mesma natureza, aparenta formas diferentes de escrita! Tal é a inconsciência com que se escreve!...

Mas o que mais nos espanta, é que êsses erros — principalmente os de acentuação gráfica — são também cometidos, por individuos a quem pelos seus estudos, se tornam imperdoáveis.

Não será por ventura mais sensato, vermos que um advogado eloquente na palavra, tem uma ortografia em contraste com a sua oratória?, ou será mais admissivel que êle escreva ortograficamente conforme o seu bisavô, de quem ele sustenta os pergaminhos?...

Agora isto tudo, já tenho ouvido dizer muitas vezes a quem o não deveria proferir: *Isto agora, cada qual escreve como quer...*

Só faltava talvez um dêsses individuos adoptar uma forma de escrita para si e para os amigos mais chegados...

Confrontemos 2, 3 livros franceses ou ingleses, — quem diz 3, diz 100 ou mais — e veremos que em todos êles, uma mesma palavra aparece escrita duma só forma! e os nossos...

E à sombra da nova ortografia, quando se aponta um êrro a alguém — êrro já durante muito tempo cometido — respondem-nos muito despreocupados: *Isso é agora com a nova ortografia e innovações dos grandes mestres...*

(Continua)

Jaime de Mascarenhas

7.º ano Comercial

Não cometas nenhum acto vergonhoso na presença dos outros, nem em segredo. A tua primeira lei deve ser o respeito por ti mesmo.

AO LUAR...

Original de **Jaime de Mascarenhas**

(Continuado do número anterior)

Então já o coração daquele bondoso, batia mais ordenado, o seu rosto tomou a côr natural. Contudo a sua missão não estava completa. Deitou o rapaz sobre a relva, e deu-lhe algumas bofetadas, tentando chamá-lo à realidade. O bondoso ancião sentia-se já cansado; o bosque estava deserto, e sendo tão extenso, assim era-lhe impossível pedir socorro, pois nesse caso teria que abandonar o doente. Ele sentia fugir-lhe as esperanças de o salvar, a sua alma debatia-se num desespero atroz. Momentos depois ele reparou que o mancebo, começava a dar sinal de vida.

E logo um raio luminoso de esperança lhe perpassou pela alma!

E as restecas de sol, saltitantes de folha em folha, incutiam-nos a poesia misteriosa que nos segreda ao coração!...

O velho com os olhos desmedidamente abertos, fitava-o, como se aquele olhar lhe fornecesse a vida, o alento. As suas esperanças aumentaram consideravelmente. Ele abriu os olhos, voltara à vida; e como não pensasse que a vida lhe mostrasse ainda o seu rir sinistro, com um sarcasmo que ele julgava o fel de toda a sua dor, ficou estupefacto, fixando aquele homem; pensando talvez que o que via era um devaneio da morte, se acaso ela também os tem! Olhou depois para a árvore e via corda pendurada. Era de demente o seu olhar!

Fixando novamente o homem que via junto de si, reconheceu, que era aquele que gritara quando ele preparou o nó para se enforcar. No entanto o ancião não ousava interromper aquele silêncio aterrador.

O suicida fito mais atenta e sinistramente o seu salvador; e eis que começa a soluçar, banhando-se por derradeiro num choro louco e convulso! Tal era a luta com a vida, para ele tão penosa e insuportável. O outro chorava também, mas com um sentimento tão estranho que nunca sentira... era talvez um chorar de alegria de ter restituído uma vida; oh! como será doce esse chorar!... E quando a alguém a vida se rouba? Também muitas vezes choram, esses que a vida tiram, choram, choram! mas esse é um chorar de remorso, de aflicção e de ódio contra si mesmo. É o chorar mais desgraçado!!!

Em breve os dois terminaram os seus cho-

ros tão diferentes, e foram-se acalmando brandamente os seus ânimos. Porém, o que odeava a vida sentia-se mal e com fortes dores de cabeça. Então o seu salvador insistiu com ele para que aceitasse a sua casa, que lhe oferecia, onde muito teria a falar com ele. Pediu-lhe que ficasse ali, enquanto ele ia alugar um trem para os transportar. O mancebo acedeu à sua proposta. Depois o velho deu-lhe um abraço e incitando-o a sentar-se num banco próximo; disse-lhe: até breve meu amigo.

— Adeus bondoso senhor.

Mas ainda ele não havia dado uma dúzia de passos, quando repentinamente se voltou para trás, como movido por uma idéia urgente e imperiosa, e assim dirigiu o seu olhar, num desses relances ponderados e de preságio, encaminhando-se ao mesmo tempo para o seu amigo. Ao chegar junto dele, disse-lhe:

Receio que você tente novamente cortar o fio da sua existência... porque a corda como está junto de si ainda pendurada, pode despertar-lhe a vontade de nova tentativa!...

— Ai, não, não pense isso, não faria tal! Espero aqui que o sr. chegue.

Mas ao pronunciar estas palavras, o seu olhar desorientado, mostrava-nos bem que ele não estava ainda em perfeita tranquilidade, e que a sua mania feroz do suicídio não saíra ainda do seu cérebro. Sem chegar a dar atenção às suas palavras o velho foi à árvore tirou a corda, dobrou em várias partes e depois levou-a consigo.

O mancebo observando a acção do seu protector, lançou-lhe um olhar dum desaspeito tão grande, que mostrava toda a vontade que ele contivera, de se deitar a ele e tirar-lhe a corda, se não fôsse uma mistura de respeito e timidez que impunham as alvas cans daquele bondoso. Seguidamente o velho interrompeu:

Agora já estou tranqüilo, até já. E o mancebo proseguiu-o sempre com a vista até que desapareceu ao cortar, o outro parque. O desditoso rapaz soltou um profundo soluço, com avidez da morte: levantou os braços, deixou escair a cabeça no recostado banco, e assim esteve algum tempo alheio à realidade, fixando a cúpula sideral dum azul tão puro, através das verdes franças daquelas árvores gigantescas.

(Continua)

SECÇÃO LITERÁRIA

No cemitério

Abeirado da campã onde dormindo
Tu descansarás êsse sono eterno,
E onde, desde a manhã que o sol superno
Te vem beijar a lousa refulgindo,

Quero hoje provar-te amigo terno,
Um sentimento simples mas infindo:
Vir junto a teu sepulcro desunindo
Ramos de flôres, triste como o inverno.

Triste, sim, porque minha alma ferida
Da saúde, e da dor já corroida,
Não mais para si quere uma alegria.

Eu vou partir, chorar a minha sorte,
Lastimar minhas mágoas p'ra que a Morte
Se lembre brevemente do meu dia.

Abílio Quadros

6.º ano comercial

Pombo correio

Pombo saudável que tanto hei estimado;
As tuas alvas penas tão macias,
Que da ventura me lembram os dias,
Invocam-me as miragens do passado

Quando ao teu pescocinho pendurado,
Pelo azul do céu levando ias
Uma carta d'amor que também lias...
A luz da minha vida—Ô ente amado!—

Mas um dia o Destino m'a roubou!
E esta pobre alma que era minha e sua
P'ra sempre ligou nossos corações:

E se eu não sigo quem meu peito amou,
E se ainda vivo esta vida crua...
É porque me dás, doces ilusões!..

Jaime de Mascarenhas

7.º ano comercial

Jardim da adolescência

Sente meu coração lembrando o berço
minha infância, só entre alegrias
Lêcida mansão, onde eu permaneci,
Livia minha alma em melancolias

Elos de amor, do meu torrão querido
Com saudade, sempre os recordava.
Os verdes frutos do vergel florido
Matos desta gleba, os saboreava.
Corria entre chorões e salgueirais,
Rio monótono, mansamente.
Retiniam em mim dolentes ais
Das avezinhas, já lúgubrememente.

Invoco as saudades do meu lar
Ao Olimpo, se a tanto me ajudar.

Carlos Lopes Antunes

5.º ano comercial

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Respostas dos n.ºs anteriores.

Em frase—*Salvador*

Reduzida—*Colorista*

Eléctrica—*Salas*

Massada enigmática—*Musa em Férias*

Em quadro—*Estarna*

Crescente—*sal-salva-salvador*

Em triângulo—*Quental*

Tipográfica

Sou Nota Apelido ro

Combinação

mejar—verbo

ta—cobertura

ves—cidade

Reduzida

obedecer—3

ca—

amarrar—2

Provérbio por iniciais

P	O	R	D	C	S	V	Q	V	D
1	1	2	1	4	1	1	1	1	2

Enigma rápido.

1.2.3.4.5.6.7.

8.9.10.

Semeia

Agricultor

Aflicção

Tipográfica

10 Branco Anfíbio Nota

Jagimas

Reduzida

Terra francesa—3

re—

Tecido—2

Tipográfica

A

Electrica

Às direitas e às avessas invólucros

Ancomar

As decifrações deverão ser entregues na redacção até ao dia 22 do mês a que se refere o jornal.

Secção Humorística

Na sala de estudo

— Vocês aí da frente, para onde vão com essa pressa?

— Então não tocou a alto?

— Não, *filho de Deus!*...

Eu *gosto dos senhores* ah! ah!... isso foi o condutor dum eléctrico que passou, que apitou, para o guarda-freio o pôr em andamento.



Na parada

Oh! senhor não bata a *panela* que é agoi-ro!... Tenho agora uma chamada às sciências, e não basta já andar com dores de barriga, para vir cá, ainda a bater a *panela*!

Pela sua saúde não nos torne a agoirar. Mas que arrelia esta, hein?... oh C...

De manhã, acordamos com apitos, que até nos fazem sonhar aos polícias e ladrões; de dia, andam todos para aí a chocalhar *panelas*!



Equívoco

Ouve lá oh F... vê lá se encontras aí de baixo da tua cama as minhas botas!?

— Tenho aqui dois pares, mas são meus, têm o meu número na *pala*.

X.



ECOS

Visitou o Instituto no dia 13 do corrente, o Sr. Dr. Brito Camacho, Digno Deputado da República Portuguesa e alto comissário da provincia de Moçambique. Deixando por momentos os seus amigos e pondo de parte os seus afazeres, S. Ex.^a quis, antes de embarcar para a África, visitar esta obra genuinamente republicana, deixando escrito no livro dos visitantes o seguinte:

«Da rápida visita que fiz a este Estabelecimento levo a mais grata impressão. Tudo me parece ordenado com muita inteligência e dirigido com muito amor. Não deve ser necessário recomendar um tal Estabelecimento às atenções do Poder, e ousaria recomendá-lo aos homens ricos do meu país, se não tivesse a antecipada certeza de que elles, em geral, sofrem de incurável surdez para este género

de recomendações. Pois dispensando alguma protecção a este Estabelecimento, tornariam simpático o seu dinheiro, porque fariam obra verdadeiramente patriótica. a) *Brito Camacho*.

— São de S. Ex.^a o Ministro da Guerra as palavras que se seguem e que elle deixou escritas no livro de visitas por ocasião da abertura solene das aulas.

«Honra a República o pensamento que presidiu à organização deste estabelecimento e que tão brilhantemente tem sido interpretado e pelos seus executores que em tão curto prazo de tempo realizaram uma obra modelar — 7-XI-920 — a) *Helder Ribeiro*».

— A fim de ir desempenhar o cargo de director do Caminho de Ferro de Quelimane, partiu para a África Oriental o Sr. Leão dos Santos Machado, Dig.^{mo} cap. de engenharia e nosso presado professor.

O *Profissional* em nome dos alunos deste estabelecimento, deseja-lhe uma feliz estada no seu cargo.

— Apresentaram-se para reger as cadeiras de Inglês e Francês neste Instituto, respectivamente os Srs. Ten. coronel de Infantaria, Bivar de Sousa e cap. de Artilharia, Mesquita, Dig.^{mos} professores do Colégio Militar.

Aos novos professores, as nossas saudações.

— Por esquecimento, não mencionámos no último número a saída dos nossos ex-camaradas Anjos, Alves e Branco, os dois primeiros com os cursos elementar de Indústria e de 2.^{os} sargentos de Engenharia, e o último com o officio de tipógrafo, indo exercer a sua profissão na Tipografia da Manutenção Militar.

A êsses, pedimos desculpa da nossa falta.



Permutas

Acabamos de receber a *Alma Feminina*, boletim official do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, que desde hoje passa a permutar com o nosso mensário.

Tem este boletim uma esmerada direcção scientifica e basta sómente termos em consideração os nomes da sua dirigente e colaboradoras, para podermos afirmar que no seu género é uma publicação à qual a critica fará o seu elogio.

Aproveitamos agora o momento para agradecermos reconhecidos a boa referência que a respeito do nosso mensário faz a dig.^{ma} Direcção da *Alma Feminina* no seu número de Julho e Agosto de 1920.

Tambem recebemos *O Lusitano* órgão dos professores e alunos do Instituto Lusitano, com o qual passamos a permutar.

A Direcção.



Administrador
Mário dos Santos

CORPO DE REDACÇÃO
Júlio Gonçalves, A. Quadros, redactor principal
F. Corado, secretário

Director
Jaime de Mascarenhas

N.º 33 — 6.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Dezembro de 1920

0 1.º DE DEZEMBRO

No dia 1 de Dezembro de 1640 a Pátria ressurge. O povo português, quebra furiosamente, patrioticamente, as terríveis algemas que o torturam e aclama com delírio o duque de Vila Viçosa, elegendo-o rei.

D. João vacila, timidamente, imbecilmente, sobre o que decidir. A ambição de sua mulher e a ameaça da proclamação da república no caso de recusa, levam-no a ceder ao pedido, às exigências mesmo dos conjurados, e ignóbilmente aceita o trono de Portugal.

O dia 1 de Dezembro de 1640 representa uma das mais belas, altruistas e patrióticas páginas da nossa História. Ao lado da grita selvagem dos populares, e ao lado da ignomínia dos nobres, aparece-nos altivo, o coração da mulher suggestionado pelo amor da Pátria, o amor de mãe sacrificado à liberdade e à defesa do nosso torrão natal.

Não pode e não deve pois deixar olvidar-se o dia 1 de Dezembro; e assim, nós, alunos deste Instituto, realizamos como comemoração dessa data, uma pequeninha festa, sem pompa, sem magnitude que só seriam próprias de um colégio rico, mas uma festa cheia de simplicidade, traduzindo cabalmente os nossos espíritos e patenteando a nossa veneração pelas cau-

sas nobres que merecem o respeito de todos os portugueses.

Eis a nossa festa, realizada no teatro do Instituto:

O palco encontra-se engalanado. Ao centro ergue-se magestosamente sobre um pedestal o busto da República, amparando a bandeira verde-rubra, a nossa alma, a nossa fé, a nossa esperança. O nosso presado camarada Mascarenhas inicia a festa com uma conferência sobre a conjuração de 1 de Dezembro. Em palavras sucintas e claras expõe rapidamente o estado deplorável de Portugal nessa época, verdadeiramente vergonhosa, para uma raça de heróis como a nossa; lamaçal imundo em que se enchavam a alma do depravado clero e a honra da prevertida nobreza. A mendicância sempre crescente, o aumento dos impostos que era execrável, o fanatismo propagado pelos jesuitas infestando o carácter popular, as nossas colónias que nos eram roubadas descaradamente, a fome, a miséria e a pilhagem que assolavam o país de norte a sul, a que fatalmente se havia de pôr côbro. Termina, saudando calorosamente a bandeira da Pátria, que magestosa e altiva, tremulara outrora orgulhosa em todo o mundo, em frases que adiante transcrevo. Recitam poesias os alunos Santos, Corado, Barata e Guilherme. O orfeão fez-se ouvir com alguns trechos de canto coral, terminando com uma sessão animatográfica. Nos intervalos a tuna executou

alguns números, regida pelo professor Sr. Costa Brás.

Honrou a festa com a sua presença o nosso Ex.^{mo} Director acompanhado de sua Ex.^{ma} esposa e filhinho. Encontravam-se presentes alguns sr.^s professores, oficiais e algumas famílias. Assim termina a nossa festa, para alguém mesquinha e sem importância, mas que para nós, representa a boa vontade que temos de que as boas causas não sejam votadas ao olvido.

Abílio Quadros

6.^o ano comercial

Saludação á Bandeira por J. de Vastarenhas

no dia 1.^o de Dezembro de 1920

E tu querida bandeira verde-rubra, simbolo da Pátria Portuguesa, cada uma das tuas douradas franjas, é uma fibra dos nossos corações, é uma crença da nossa alma!

Morrerão aqueles que praticaram feitos valorosos dando pela Pátria o último alento: oh! mas não morre a sua memória, porque tu simbolo querido que elles defenderam com os seus dentes, és o dourado capitólio das suas façanhas!... Não te desampararemos não! tu ficas através das gerações a ensinar a nós e aos nossos filhos, quanto valor simbolizas, quantia lágrima vertida tu recordas dêsse chorar de glória quando combatemos por um ideal: a *Independência*.

Imagem da Pátria, quanto tu és sagrada; êsses cinco castelos que pintados ostentas, que de extremas glórias apregoam, que de heróicas façanhas nos recordam!...

Então era a nossa Pátria grande, florecente; quando na batalha de Ourique, cada um dos cinco reis vencidos, ficou assinalado nos teus castelos. Quando te ostentavas nas cinco partes do orbe, trapejando altiva, como que a desafiar o mundo, pois o não temias; e donde quer que o vento soprando te desfraldasse, êle soprava da nossa terra. Uma fortaleza, uma praça de guerra, uma cidade, conquistadas e tu logo lá estavas a tremular altiva, tão altiva, quão imensa era a nossa gloria. Os outros povos olhavam-te com respeito: eras a Bandeira Portuguesa!...

Oh! mas depois a sombra trágica, veio eclipsar êsse esplendor... essas fortalezas, essas praças de guerra e cidades vencidas, também te viram arrear ao apagar-se o nosso colossal esplendor...

Fomos grandes, todos te olharam com timidez, mas se hoje somos pequenos e esquecida está a nossa glória de outrora, ainda com respeito te fixam; porque aquele que te me-

nosprezasse, profanaria a alma daqueles que morreram pelo nosso torrão querido; e se a nossa fama descaiu, não arrefeceu o nosso sangue ainda quente das batalhas!

Foi o brilho da nossa fama que apagou por fim, nosso nome glorioso, mas a tua cor verde, envolve ainda nossos corações em futuras esperanças; e para que morrêssemos seria necessário que toda te esfarrapassem, mas isso, só quando portugueses já não existissem.

Absurda condição. Tu continuarás a ser a imagem dos nossos antepassados, a história inviolável do nosso Portugal, e se cá te dedicamos imenso amor, que loucura não teremos por ti, longe do nosso torrão, longe do lar querido, ao vermos ostentares-te modesta mas honrada numa cidade estrangeira. Será ali, que veremos melhor desenrolar-se na tua superflúcie, a história brilhante e desigual do nosso cantinho florido. E lá longe da Pátria, longe da família, virá esboçar aos nossos lábios, um orgulhoso sorriso de satisfação.

E hoje dia do aniversário da Restauração da Pátria, foi também destinado pela República, para te prestarmos homenagem; e para findar este meu preito, eu peço-vos camaradas, que façais côro comigo, nestas saudações.

Viva a Bandeira.

Viva a República.

UMA FUNDIÇÃO

NO INSTITUTO

Realizou-se no dia 15 de Novembro de 1920 no Instituto, uma fundição de ferro à qual assistiu o Ex.^{mo} Director.

A fundição fez-se por intermédio do forno de manga, acendendo-se êste às 11 horas. Depois de termos almoçado dirigimo-nos para lá a tomarmos parte no auxilio do mesmo. O funcionamento do forno de manga, nem todos o sabem compreender: só depois de muita prática se poderá dirigir uma fundição desta natureza. Estávamos por consequência sob a direcção do engenheiro da oficina, Sr. Cap-tenente José da Silva Migueis.

Neste forno assim como em todos, em que se desenvolvem elevadas temperaturas, só com auxilio da ventoinha se consegue uma grande tiragem.

Acabado de acender este, deitou-se a primeira carga de carvão, esperando-se algum tempo para que se pusesse ao rubro, depois do que se deitou a primeira carga de ferro.

O metal entrou em fuzão às 13 horas, oca-

ção em que o Ex.^{mo} Director entra na oficina. Procedendo-se então à primeira *sangria* ou *tiragem do ferro*, que se recebe em colheres barradas, destinadas para este fim. Escusado seria expor aos nossos leitores, como o ferro se transforma no estado líquido: o carvão estando ao rubro aquece muito o metal que depois de chegar a um certo número de calorías, começa a fundir-se; ora como as moléculas agora se desligam facilmente, procuram o fundo do vaso que as contém, que neste caso é o do forno.

Claro está, que, o forno tem uma camada interior a *camisa*, de tijolo refractário; pois que se assim não fôsse fundir-se-ia também a chapa que o reveste, e nesse caso seria impossível a operação. Correu aproximadamente no *Sangrador* 600 quilos de ferro. A fundição effectuou-se bem, com grande satisfação do seu dirigente. Não posso precisar bem, se o nosso Ex.^{mo} Director ficou bem impressionado; porém eu, creio que sairia muito contente, por nos ver occupados no trabalho, com afan.

Nesta fundição vasaram-se os seguintes trabalhos: um plano para a oficina de serralharia, talvez com 1 metro de comprido e $\frac{1}{2}$ metro de largura. Uma caixa com o peso de 252 quilos a qual vai ser útil, para nela se moldarem os barramentos para 6 tornos da carpintaria, um prato para a prensa da aula de comércio, e muitos outros trabalhos que se poderão apreciar na oficina.

As 17 e 30 terminou a fundição.

Creio ter vários colegas que julgam que a fundição é um simples trabalho; mas se examinarem alguns dos nossos, como principalmente o busto da República fundido em bronze, no dia das provas finais, dia este em que se inaugurou esta oficina, talvez não façam uma ideia, de quanto trabalho ali está empregado.

Diamantino M. dos Santos.

3.º aro oficial, fundidor



Foram já organizados os Estatutos da nossa Mutualidade, que se denominará «*Pupilos do Exército*». Estes Estatutos são semelhantes aos da Mutualidade «*Futuro*» das alunas do Instituto Feminino de Educação e Trabalho.

A Mutualidade «*Pupilos do Exército*» propõe-se constituir um *Auxílio princípio de vida* de 100\$00 pagável na idade de 20 anos.

O limite máximo de idade para a inscrição, será aos 15 anos.

As cotas foram calculadas pelo distinto actuario e eminente professor da Universidade de Lisboa Dr. António dos Santos Lucas.

SECÇÃO SCIENTÍFICA

Ortografia arbitrária?

(Continuação)

O que mais vem colocar em constante equívoco, os que escreviam conforme a ortografia antiga, foi a abolição das consoantes dobradas que se não pronunciavam nem servem para abrir a vogal precedente; pois elles applicaram a supressão radical. Temos por ex.^o: recepção, activo, etc, que se encontram escritas assim: *re-cêção, átivo!*... Depois como com esse abuso de supressões o valor fonético não é o que deve ser, recorrem a disparatados acentos!

Depois de ter falado da escrita, mostrando os seus vícios, ou mais propriamente, depois de ter evidenciado o meu respeito pelas modificações introduzidas na escrita pelos grandes gramaticólogos, vou referir-me ao caso não menos alarmante, da forma como se pronunciavam incorrectamente algumas palavras, expondo paralelamente as teorias disparatadas, com que se defendem os que as pronunciavam dum modo erróneo.

Para expor esta parte, com bases sólidas e indiscutíveis, vejamos o que sobre o assunto diz o notável filólogo Castro Lopes.

«A linguagem é uma sciência como qualquer outra; e como nas demais, também nela tem que se indagar a verdade.

A lingua vernácula vem progressivamente sofrendo deturpações de toda a natureza: umas vezes, é o vocábulo mal pronunciado e até completamente transformado, outras vezes imprópriamente empregado, outras ainda são os estrangeirismos tanto de palavras como de frases que danificam a nossa lingua.»

Porém o que admira, é que semelhantes erros, sejam insensatamente defendidos com estes argumentos: *Lei do menor esforço, evolução, o uso faz lei* e outros.

Eis agora a defesa do mesmo mestre: a evolução não consiste em estropiar os vocábulos, mudar-lhes o sentido, e usar de galicismos de palavras ou frases. A lei do menor esforço, a que chama na maioria dos casos *lei da maior preguiça*, pois que omite duma forma absurda tetras e até sílabas.

A tradicional proposição «o uso faz lei» é facilmente contestada, visto que o uso faz lei quando lei não existe. Desde que na lingua temos a palavra, representando o pensamento, ela será a *lei*, a qual nem o uso ou costume poderão revogar. Demais, diz o mesmo filólogo: esse uso, esse costume serão por ven-

tura poderes competentes para legislar? Quem tal uso ou costume pratica? O vulgo ignaro! Logo é absurdo porque a ignorância não dita leis.

Se é o povo que faz a língua, se é elle que dá a significação ao termo, se é elle que verte o nosso idioma para francês, escusado seria que os professores corrigissem os seus discipulos.

Eu poderia agora citar inúmeras palavras vulgarmente mal pronunciadas, mas que estão já tão arraigadas, que passam como verdades; no entanto não deixarei de apontar o vocábulo *longinquo*, escrito e pronunciado erroneamente *longiquo*. A razão porque a palavra assim se não escreve é a seguinte: *Longinquo*, deriva do latim *longinquus*, formado do advérbio *longè* (longe) e do verbo *incolare* (habitar); tendo-se transformado as duas primeiras sílabas de (*incolare*), *inco* em *inquus* dando *longinquus* e em português *longinquo*, e que também de forma nenhuma poderia cair o *n*.

Vários casos idênticos a este, nos apresenta Castro Lopes no seu livro «Palestras com o povo».

Antes de pôr termo a estas contestações às proposições: *Cada um escreve como quer, lei do menor esforço, evolução, o uso faz lei* etc, eu vou esclarecer aos meus leitores, sobre a minha attitude ao publicar o presente artigo, para que o não considerem como uma critica à ortografia, a que não aspiro e que de resto não possuo conhecimentos filológicos para o fazer. Não é pois uma critica, o artigo que acabo de publicar; quem o ler notar-lhe há alguns erros, mas na sua essência mostra bem que são expressões de alguém que estima a língua que fala, o riquíssimo idioma de Camões, Manuel Bernardes, etc.

Não, não é uma critica, é uma manifestação de amor às letras, é mais uma causa que nasce do próprio efeito, que parecendo absurdo, o não é, visto que foi o amor pela língua que falamos, que fez brotar este artigo; e as suas deficiências, os seus erros, foram para mim, mais um incentivo para o culto da ortografia; e foi desta forma que o efeito veio a influir na própria causa.

Para mais, os meus erros têm uma atenuante, além de empregar o meu esforço na aprendizagem da escrita, eu acato as teorias da moderna ortografia, e se o não fizesse só mostraria mesquinhez; demais sou estudante, logo tenho de corrigir-me aceitando a emenda com agrado. Por isso aqueles que quiserem classificar o presente artigo como uma critica aos livros em que apparecem contradições ortográficas, não serão justos.

No entanto o que é fora de dúvida, é que no nosso *Profissional* também apparecerão erros ortográficos, praticados não por desleixo ou capricho, mas sim por inesperienza; o que ninguém poderá fazer é compará-lo com esses livros, visto que o nosso mensário, é um meio pelo qual nós vamos corrigindo os nossos defeitos literários, e não uma publicação scientifica ou literária, destinada a fornecer elementos scientificos de qualquer natureza.

Nós não escrevemos por profissão, somos uns pequenos amadores, cuja pena incerta, é movida pelas belezas da literatura que mui bem se sente casada com as inspirações da idade juvenil.

É nosso grande empenho, corrigi-lo dia a dia e não é vaidade dizê-lo; muito temos nós feito, pois nos não inibimos de nos sacrificar por elle. Várias vezes no recreio vamos emendar originaes tipográficos, e quando no recreio temos que estudar para o dia immediato... guardamos esse serviço para depois do *recolher*.

E é então que já fatigados e com pouca pratica de revisão — pois que ella também é uma arte que tem os seus principios — deixamos passar alguns erros, que eu creio ter já demonstrado que merecem tôdas as atenuantes?!...

Jaime de Mascarenhas

7.º ano Commercial

SECÇÃO LITERÁRIA

Camilo Castelo Branco

Camilo Castelo Branco, nasceu em Lisboa a 16 de Março de 1825, e era filho de Joaquim Botelho Castelo Branco e de D. Jacinta Rosa de Almeida Espirito Santo.

Depois do falecimento de seu pai e de sua mãe, Camilo que já estudava gramática com o professor Minas Júnior, foi com sua irmã mais velha e uma criada, para casa duma tia em Vila Real, tia de quem não era muito affecto, pelo que fugiu para Lisboa em 1837, com a simples bagagem dum par de peugas e duas camisas embrulhadas num lençol.

Nesse mesmo anno, sua irmã casou com um doutor irmão dum padre, iniciando Camilo os seus estudos com o padre Antonio de Azevedo. Neste espaço de tempo Camilo ajudava a missa, e conseguiu ler as primeiras obras; Camões e Fernão Mendes Pinto.

Indo a Fiume, apaixonou-se por Joaquina Pereira, com a qual casou, contando apenas 15 anos de idade. Por instâncias de seu sogro, foi freqüentar Escolas Preparatórias, ingressando depois na Politécnica do Porto e na Escola de Medicina, conseguindo fazer acto em física, porque um seu condiscipulo lhe passou o ponto. No ano seguinte foi para Coimbra, onde conseguiu a freqüência particular em latim, mestrada pelo padre Simões, retirando-se em 1846.

Como em Coimbra as aulas tivessem sido fechadas pela ocasião da revolução da Maria da Fonte, e por isso Camilo retirou-se de Coimbra em direcção a Vila Real juntamente com um seu colega. Mas, à saída de Penafiel, encontraram uma guerrilha que os agregou como proclamadores; mas aproveitando o primeiro ensejo, puseram em prática um plano de fuga, e retrocedendo até à vila, seguiram o itinerário que fôra interrompido. Em Vila Real, compôs uma peça de teatro, a primeira, que se intitulou, *Agostinho de Ceuta*.

Travando relações escandalosas com uma tal Patricia de Barros, ainda em vida de sua mulher, empreendeu a fuga com sua amante, mas, seu tio João Pinto da Cunha, propôs a sua prisão que foi cumprida por ambos na cadeia da Relação, de 12 a 23 de Outubro.

No Porto publicou várias obras entre as quais a *Murraça*, dedicando-se à literatura.

Em 1858, apaixonou-se por D. Ana Plácida esposa de M. Pinheiro Alves, causando um ruído escândalo no Porto e noutras cidades; depois de várias aventuras foram ambos presos, julgados e absolvidos, não mais se separaram. Durante o tempo em que esteve preso, escreveu vários livros, dedicando-se depois com mais ardor, pois tinha que sustentar D. Ana, um filho desta, e dois filhos seus.

Foram habitar para o Sinde, sendo a sua estada aí muitas vezes entrecortada por pequenas viagens às imediações.

Aproximou-se a velhice, e depois a morte do filho de D. Ana, e as loucuras e esbanjamentos de seus filhos contribuíram muito para o definhamento da sua energia; finalmente a cegueira, foi o golpe mais profundamente dado na sua alma depois de 50 anos de labuta, e disparando um tiro de revólver no ouvido direito pôs termo à sua existência.

Como se vê a sua vida foi cheia de incidentes, sendo as suas obras inspiradas nesses desgostos que lhe esgotaram a energia, e sobrecarregaram a sua alma sem o remédio do arrependimento.

Renato de Brito

5.º ano comercial

O Sino

da minha aldeia.

A sua tez bronzead, denegrida,
Já secular, talvez, ou inda mais,
E' todo o Ser dum povo, a sua vida,
As alegrias suas e seus ais.

Viu despontar a vida ao pequenino,
Envolta numa nuvem de tristeza
E tangeu, suave, um canto cristalino,
Bendizendo a suprema Natureza.

Viu-o crescer, chorar, sorrir, amar,
Até que a morte enfim, desfeita em pranto
Lhe leva a vida, — este cruel penar, —
Amortalhada no seu negro manto.

E nêsse dia, cândido, divino,
O velho sino, cheio de pureza,
Tangeu, gemendo, um canto cristalino,
Amaldiçoando a doida Natureza.

Abilio Quadros

6.º ano comercial

A Ninguêm!

O teu olhar formoso e sedutor
Que da minha paixão o fogo ateia,
É como do sol tórrido o calor
Que queima o trigo que suave ondeia.

Oh! mas se da plantinha a vida finda,
Pela acção dêsses raios igneos, ardentes,
A mim, ao contemplar tua face linda...
Eu logo sinto a vida que tu sentes!

Eu não morro, mas goso mais a vida
Ao sentir de paixão um teu olhar,
Única ventura 'inda não perdida...

Há de matar-me sim, saudade infinda
Quando êstes doces dias eu recordar
Do nosso ledo amor, sim... *Adozinda!*

Jaime de Mascarenhas

7.º Ano comercaill

Em Sonhos

Eu vi-te em sonhos... ías caminhando
Airosamente, a passos miúdinhos,
Cercada de mui lindos passarinhos
Que voavam, contentes, gorgendo.

Vi depois, em meus braços enlaçada,
Que tu coravas... era de pudor;
E, com a voz um pouco magoada,
Me disseste sorrindo, minha amada,
Que me seria eterno o teu amor.

Minha juvenil alma com prazer
De comoção ficou tôda tremendo...
P'ra que acordei, meu Deus? Para sofrer!
Oh! se tu me deixasses escolher,
Preferia sonhar eternamente.

João Pires Antas

3.º Ano industrial

AO LUAR...

Original de Jaime de Mascarenhas

(Continuado do número anterior)

Alguns minutos decorridos, abandonou aquele êxtase e começou a procurar qualquer coisa na algibeira do colete. O seu peito arfava desordenado, enquanto desdobrava um papel que tirara da algibeira por fim fixou-o sinistramente e algumas lágrimas suaves e volumosas, deslizando-lhe pela face, foram molhar aquele papel...

E no meio daquele silêncio misterioso, que só o trinado dos passarinhos acordava com seus melodiosos estribilhos, uma voz chorosa e sufocada, cortava então tristemente aquela música enternecedora; era o mancebo que exaustinado lia assim naquele papel:

«Querida mãe. Bem sei que foi um crime o acto que acabo de praticar, mas então! se o meu desespero era tamanho, que na minha alma gerou o desprezo pela vida!... Acabar com ela, era o único caminho que se me deparrava para findar minha tortura infinda. Ai! vida que eras para mim, como o imenso mar é para o náufrago já moribundo que antevê a sua morte na borrasca terrível que não cessa! E a minha mãe conhece demais a causa, que rasga fibra a fibra, o meu coração inexperienced nas desventuras da vida.

Não posso esquecer aquela noite, em que o luar mimoso que beijava a terra, com os seus prateados raios, parecia infundir a pureza e encantos aos corações mais envilecidos; oh! e só para mim, foram êles os companheiros da desgraça que a minha alma, lenta, lentamente carbonizou!

Ai, só a morte, a morte só, apagará da minha mente, o recordar doloroso daquela noite, e a imagem perseguidora dum anjo que adoro.

Adeus minha santa mãe, perdoai, seu filho, que a morte buscou, só por ter entrado no mundo com um coração leal, em vez dum cálice de fel e vilania... Adeus, adeus, que um beijo eterno, seja o elo sagrado que ligará as nossas almas frias e mudas, além da campa...

Pareceu que aquelas palavras a natureza haviam comovido! Os ledos bandos de passarinhos suspenderam seus acordes harmoniosos, e os raios de sol que até então se coavam por entre os ramos das árvores desenhando as suas ramagens no chão, empalideceram mo-

mentâneamente, apagando as scintilações das gotas de orvalho, que o rocio da manhã depositara nos cálices das flores... Haviam fenecido aquelas scintilações douradas, que pareciam brincar com os raios do sol... e a natureza que ria, folgava... suspendera também o seu canto harmonioso!

E um soluço abafado, que delágrimas nasceu, reboando pela soidão do bosque estendeu até à alma do jovem, o manto espesso e triste que a natura vestiu. Eis que como se acordasse dum pesadelo horrível, êle estremeceu e gritou: « Mis eu estou vivo! Vivo... e a paixão a consumir-me! »

E uma nuvem, que o sol escondido havia, deixou de impedir o seu raiair fegoso. Os passarinhos abandonaram o seu temor e voltaram risonhos a volitar no espaço; a ramagem das árvores, tornou a esboçar-se no solo; e do sol os raios dourados continuaram a brincar com as gotas de orvalho... Já sorria a natureza!

Sim ela sorria, sorria... mas êsse sorriso dourado, não dissipara da sua alma a escuridão perpétua. A noite, a noite trágica, soturna no seu espirito; o dia, o dia jovial acompanhado de indizíveis belezas, encantador de harmonias a rescindir a mística poesia que encanta os venturosos!...

Muito tempo não havia volvido, quando o rodar duma carruagem, veio despertar o infeliz do seu torpor. Era o seu salvador que chegava. O carro parou a entrada do bosque; o velho desceu, e pôs-se a caminhar rapidamente para o local do triste incidente.

O anção estava já muito perto do mancebo, mas êste sómente o encarou com um frívolo olhar. Finalmente êle chegou junto do rapaz, e disse-lhe, colocando a sua mão engelhada sobre o ombro:

Venha meu caro amigo; tenho ali um trem para o transportar a minha casa.

— Pois vamos...

— Poderei ter a honra de saber o seu nome?

Eu chamo-me Leonardo Mendes, replicou êle, levantando-se ao dar o braço ao seu interlocutor.

— E eu acredite; sou o seu grande amigo Rui Sobral.

(Continua)

Belezas de Santarém

Se é Portugal o jardim da Europa à beira-mar plantado, Santarém é sem dúvida, um dos canteiros mais aprazíveis desse jardim.

Fica Santarém situada num planalto, donde se disfruta uma das mais belas paisagens do nosso torrão querido, principalmente do jardim de D. Afonso Henriques, mais conhecido pelas Portas do Sol, nome talvez devido a ser ali o primeiro leito dos raios solares, na antiga «Scalábis».

Quem presenciar nas margens do Tejo junto a elas, o anoitecer, experimentará uma imensa sensação de prazer e bem estar, um sentimento inexprimível de atracção para o infinito, que nos faz passar do mundo das tristes realidades, ao dos sonhos e fantasmagorias. Ao suave murmurio das águas vêm juntar-se os maviosos trinados do roussinol, saltitando de salgueiro em salgueiro, procurando um raminho onde possa encetar melhor as suas melodias, tão desejadas pelos passeantes que o vão escutar.

Depois o sussurro dos salgueirais e chou-pais, dão-nos sombras amenas e enfeitam as margens sorridentes do rio.

Lá no cimo da vertente esquerda, vê-se a pitoresca cidade, um paraíso terreal que nos encanta e atrae, como as flôres que matizam os pomares, atraem as laboriosas abelhas.

Eis aqui dignos leitores algumas frases ba-nais acerca de Santarém, muito longe de ser o que desejava; mas os meus fracos conhecimentos conduzem-me não só a essa insipidez como a ser demasiado lacónico,

Rogério António dos Santos

3.º ano comercial

ECOS

Recebemos o órgão quinzenário a Luz elemento propagandista de nobres ideais, que nos impelem tanto pelos seus ditames, como pela beleza dos escritos literários daqueles que hábilmente tomam a pena, cónscios de cumprir um dever.

— Também recebemos o órgão a *Federação Escolar*, quinzenario portuense do professorado primário, com o qual permutamos, o muito nos lisóneia.

— Igualmente recebemos a visita do mensario L. P. M. dos nossos colegas do Liceu Passos Manuel, o que muito agradecemos.

A opinião jornalística e o nosso Instituto

A Luta do dia 7 de Dezembro de 1920, trazia um artigo do distinto senador Heitor Passos, o qual há pouco visitou o nosso Instituto, donde saiu muito bem impressionado.

O Snr. Heitor Passos, no seu artigo sobre a epigrafe «Escola Nova» falava acertadamente sobre os processos de ensino e escolas do nosso país, estabelecendo o paralelo com o que a respeito do assunto sucede no estrangeiro. Depois de vários comentários, refere-se a este Instituto nos seguintes termos.

De facto tem aquele que quiser fazer obra de ensino popular uma boa tentativa no Instituto dos Pupilos do Exército. Não é perfeito o que há ali; é em todo o caso muito bom, o melhor talvez para modelo de ensino que mais quadra às calsses do povo.

Dali sim; saem rapazes cheios de préstimo, capazes de entrar numa oficina e produzir trabalho magnífico com sciência e consciência. Dali sim; saem os homens que não pesam à comunidade como vadios sem alpaca ou com alpaca, antes trazem utilidade pública. Dali sim; saem os homens confiadados em si, altivos dessa tonjiança, que não enfileiram entre os miseráveis que adulam ministros para lhes adentar a côdea dum emprêgo, os que não ganham o que comem com atestados de revolucionários civis, cultivando a zaragata no Terreiro do Paço ou nas galerias de São Bento.

Tome a comissão por aquele rumo que se não perde nem perde os outros. Basta de meninos que sabem apenas duas palavras em francês, inglês ou latim que sabem de no mes predicativos, de aféreses, síncope e apócope, que sabem de Apteros, Dipteros e Cleopteros, de Angiospérmicas e Gínospérmicas, etc.

Isso que não é para desdenhar, aprenderá cada um a quem convenha e a seu tempo.

O articulista termina depois de ter manifestado o desejo de que se estabelecessem escolas como esta, pois que o dinheiro dispendido seria mais proveitoso que aquele que se emprega nos liceus *bric-à-brac* que há por aí, taboletados de Escolas Primárias Superiores; dizendo: *pelo resto, pelo revigoroamento da nossa pátria, responderíamos nós então, que com tal sementeira nos não arreceávamos da safra.*

A Direcção

SECÇÃO CARADÍSTICA

SECÇÃO HUMORÍSTICA

Respostas do n.º anterior.

Tipográfica — *Sou lásar*

Combinada — *Almansil*

Reduzida — *Acatar*

Por iniciais — *Por o rodar da carruagem se vê quem vem dentro.*

Enigma rápido — *Cultivador*

Tipográfica — *Desalvorodo*

Reduzida — *Lorena*

Tipográfica — *Amor*

Eléctrica — *Sacas*

Enigma

É um nome. Acentuando gráicamente a primeira sílaba, mudando a última letra para a imediata no alfabeto e traduzindo, verão que lhes dá vida.

Salto de cavalo

		PO	GUÊM		
		MA	VI		
A	LÁ	I	DE	✱	TER
SE	✱	-	...	SEM	✱
		VER	AL		
		DO	✱		

Um verso de Júlio Dantas.

Reduzida

Taramela — 3

Vi

Refôrço — 2

Eléctrica

As direitas e às avessas rente

Geográfica

Qual é a terra portuguesa formada por um rio e por um adjectivo?

De palitos



Tirando 9 fica o nome duma ave

Jagimas

Felizardo

João do O

Dizem que...

Na casa de banho do 1.º pelotão, já se viam cogumelos corpulentos. Se ela não se tivesse destruído há dias para edificar uma de cimento armado, creio que em breve haveria ali um cortejo de algas, fungos, muscineas e talófitas etc... onde iriam fazer excursões os alunos de Botânica mas bem vestidinhos e enca-

X.

Em família

—Mimi tinha o defeito de pronunciar a palavra guerra: *réga*.

A mãe, emendava-a quando a ouvia dizer assim, mas ela não se corrigia; até que um dia, tendo sido repreendida, respondeu, soluçando:

—Mamã, eu digo *réga* porque não sei dizer guerra.

A. C. M.

Entre dois estudantes

—Mas olha, ó 32, eu bebi parte do leite que minha mãe me mandou buscar.

—E então, ralas te com isso?

—Pois claro, então gostas que eu apanhe açoites?

—Oh! meu parvo, então tu não te lembras o que o sr. professor de Física disse?

—Não, então o que foi?

—Então ele não disse que todos os corpos aquecidos a uma alta temperatura, aumentavam de volume? Pois é o que deves fazer ao leite para te livrares duma grande «sova».

A. E. P.

Um deputado que foi consultar o seu médico, pergunta-lhe, terminado o exame que este lhe fez:

—E' ictericia, ... dr.?

—E' meu caro amigo; mas não se incomode por isso; é doença sem importância e muito vulgar nos deputados.

—Como assim?

—Bem sabe que os políticos mudam de cor facilmente.